



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**DINÂMICA TERRITORIAL DA REDE URBANA NA
MESORREGIÃO CENTRO-NORTE DE MATO GROSSO DO
SUL**

LEANDRO OTAVIO DA SILVA

**Três Lagoas/MS
2017**

**UFMS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**DINÂMICA TERRITORIAL DA REDE URBANA NA MESORREGIÃO CENTRO-
NORTE DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL**

LEANDRO OTAVIO DA SILVA

**Três Lagoas/MS
2017**

LEANDRO OTAVIO DA SILVA

**DINÂMICA TERRITORIAL DA REDE URBANA NA MESORREGIÃO CENTRO-
NORTE DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação - Mestrado em Geografia/CPTL/UFMS - Área de Concentração Análise Geoambiental e Produção do Território, como experiência final para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Edima Aranha Silva.

**Três Lagoas/MS
2017**

LEANDRO OTAVIO DA SILVA

**DINÂMICA TERRITORIAL DA REDE URBANA NA MESORREGIÃO CENTRO-
NORTE DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada à banca examinadora em:

Três Lagoas, 31 de março de 2017

Prof.^a. Dr.^a Edima Aranha Silva
UFMS/Campus de Três Lagoas
Orientadora

Prof. Dr. Francisco José Avelino Júnior
UFMS/Campus de Três Lagoas
Membro da banca

Prof. Dr. Marçal Rogério Rizzo
UFMS/Campus de Três Lagoas
Membro da banca

DEDICATÓRIA

*D*edico a minha família, minha namorada,
professores e amigos que sempre apoiaram.

“A humildade é o primeiro degrau para a sabedoria”
(Tomás de Aquino)

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer tudo, agradeço a Deus pela minha vida, por trilhar meus passos e me permitir chegar até esse momento, me mostrando que a vida é um constante aprendizado e que devemos ter sonhos, porém jamais esquecer nossas origens e deixarmos de ficar com o pé no chão.

Agradecer as pessoas que estiveram envolvidas nesses dois anos e contribuíram de maneira direta ou indiretamente é importante, pois o apoio delas se mostrou incondicional. Porém nomear as pessoas é gratificante, mas a injustiça por esquecer alguém me atormenta. Portanto, agradecerei a todos, mas fica aqui a citação de pessoas que marcaram e ajudaram esse caminho a se tornar mais leve.

Minha família, muito obrigado pela educação a mim dada, se hoje sou uma pessoa que alcança uma conquista, muito se deve a vocês: meu Pai Valdeci que tanto amo e tenho como exemplo de justiça, bondade, humildade e honestidade. Obrigado por ser companheiro e conselheiro. Minha Mãe Sílvia a qual o amor é profundo, que nunca mediu esforços para o meu bem, ímpar no papel de mãe no educar e no preocupar. Sempre procurando estar presente em todos os momentos da minha vida. Ao meu irmão Vitor que sempre foi uma pessoa que admiro, apesar de sua pouca idade, me fez por vezes rir e tornou minha vida mais alegre. Te amo muito, e desculpa por vezes não estar presente em sua vida.

Meus avós eu dedico um agradecimento especial, pois fui criado por Avó, e a Senhora Nair sempre foi rígida, porém bondosa. Dona de um grande coração para com seus netos, me ensinou o certo e o errado de maneira concreta, literalmente me educou. E meu avô, a pessoa que mais admiro nessa vida, por seu exemplo de bondade, força de vontade, vitalidade e justiça para com as pessoas. Sempre ensinou o bem, e nunca mediu esforços também para seus netos. Ademais agradeço meus primos Tiago e Maria Eduarda por sua juventude e por me fazer sentir responsabilidade por vocês, e a minha Tia Patrícia e meu Tio Celso por serem pessoas que estão presentes em meu dia a dia.

Fica um agradecimento especial a pessoa que me acompanha sempre, me aconselha, busca a justiça e cultiva amor pela verdade: Liz Fernanda. Minha namorada e pessoa que escolhi para acompanhar a minha vida. Obrigado por ter me ajudado muito, ter me ouvido e me aconselhado, sei que por vezes falar de

Geografia para você não era a coisa mais interessante que desejava ouvir, mas obrigado por escutar.

Aos meus amigos para a toda a vida que de toda forma contribuiriam para me relaxar, agradeço de modo especial ao Felipe, Gustavo, Thomas, Renan, Koiti, Lucas, Heitor, João Tic Tac, por terem me acompanhado por muito da minha vida e vivenciarem minhas angústias e anseios. Senhores voltarei ao League of Legends.

Fica um agradecimento especial a “Ordem dos Lavandeiros”, amigos e pessoas pela fé que Deus me deu e terão lugar eternamente guardado em meu coração, por se preocuparem e me mostrarem que vocês são pessoas especiais.

Por fim, faço um agradecimento especial as pessoas que entendiam e vivenciavam minha rotina, de modo que facilitou esse caminho nossas discussões, dúvidas, felicidades e tristezas, obrigado por me acompanharem e se fazerem presentes na minha vida Guilherme Inácio, Matheus Guimarães que me acompanharam no laboratório, Juliana Queiroz que foi uma companheira de escrita, além do PET Geografia/UFMS, que me proporcionou crescimento em minha vida e por hora Leturiano sempre tive imenso prazer em ajudar, fica minha eterna consideração a todos, porém de forma especial a Jaiane, ao Mário, ao Guilherme, a Bianca e a Luana.

Agradeço a secretaria do Programa de Pós-Graduação em Geografia, a CAPES pela concessão da bolsa e aos professores membros da banca por terem tido tempo e zelo para lerem esse trabalho.

Ficou extenso, porém creio que pessoas importantes devem ter atenção especial em nossas vidas e constantemente devem ser lembradas. No fim, porém sem dúvidas o agradecimento mais importante fica para a Senhora, Professora Dr.^a Edima Aranha, pois tudo o que sei de intelectual na Geografia, o como pesquisar, o cuidado e zelo com o trabalho e ter seus resultados acadêmicos por seus totais méritos foi com a Senhora que aprendi, de maneira que não me imaginaria chegar à onde estou chegando se não fosse pelos conselhos e puxões de orelha da Senhora, a conquista é minha, mas o alicerce foi a Senhora. Gratidão eterna será pouco.

Na vida devemos sempre agradecer e peço desculpas aos que não citei, se pudesse e não fosse extenso citava, mas carregou a vós em meu coração: “não são as coisas bonitas que marcam nossas vidas, mas sim as pessoas que têm o dom de jamais serem esquecidas”!

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Elementos de um território separados.....	24
Figura 2: Sistema territorial com elementos integrados.....	25
Figura 3: Continuidade territorial.....	27
Figura 4: Encurtamento das distâncias.....	30
Figura 5: Descontinuidade territorial	31
Figura 6: Representação das categorias.....	33
Figura 7: Mapa de Mato Grosso do Sul em divisão Mesorregional.....	36
Figura 8: informações trocadas antes do terremoto no Japão.....	38
Figura 9: Retweets respondendo os tweets após o terremoto no Japão.....	39
Figura 10: Ciclos de exploração do campo pela cidade.....	46
Figura 11: Padrões de redes.....	47
Figura 12: Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul.....	49
Figura 13: Microrregiões do Alto Taquari e de Campo Grande.....	52
Figura 14: Genealogia dos Municípios da Mesorregião Centro-Norte.....	53
Figura 15: Evolução populacional 1690-2015.....	67
Figura 16: Tipologia industrial da mesorregião Centro-Norte 2014.....	71
Figura 17: PIB per capita e ranking de Mato Grosso do Sul.....	75
Figura 18: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.....	76
Figura 19: Exportações de Campo Gande.....	84
Figura 20: Exportações de Sidrolândia.....	85
Figura 21: Dispersão dos cursos à distância em Mato Grosso do Sul.....	92
Figura 22: Hierarquia urbana REGIC.....	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Municípios e microrregiões da Mesorregião Centro Norte	50
Quadro 2: Incentivos fiscais recebidos durante o PNCPM em reais.....	59
Quadro 3: Principais exportações e destinos de municípios da MRCN.....	83
Quadro 4: Distâncias rodoviárias entre os municípios da MRCN.....	93

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Área territorial dos municípios da Mesorregião Centro-Norte.....	51
Tabela 2: População estimada 2015.....	65
Tabela 3: Estabelecimentos Atacadistas e Varejistas.....	69
Tabela 4: Total de indústrias na mesorregião em 2000/2010/2014.....	70
Tabela 5: Tipologia Industrial.....	72
Tabela 6: PIB total e o PIB per capita dos municípios da MRCN.....	74
Tabela 7: Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal.....	77
Tabela 8: Rebanho bovino e produção de leite da MRCN.....	78
Tabela 9: Principais produções agrícolas da MRCN.....	79
Tabela 10: Distribuição de serviços de saúde da MRCN	87
Tabela 11 - Distribuição de serviços de saúde na MRCN.....	88
Tabela 12 -Escolas de nível básico na MRCN.....	89
Tabela 13 - Hierarquia dos cursos superiores e técnicos da MRCN.....	91

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS - Imposto Sobre Circulação de Mercadorias

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

II PND - 2ª Plano Nacional de Desenvolvimento

IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano

ISSNQ - Impostos Sobre Serviços de Qualquer Natureza

MDIC - Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio

MRCN - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul

NOB - Estrada de Ferro Noroeste do Brasil

PIB - Produto Interno Bruto

PLANURB - Instituto Municipal de Planejamento Urbano

PNCPM - Programa Nacional de Cidades de Porte Médio

REGIC - Região de Influência das Cidades

SEMADE - Secretaria de Estado do Meio Ambiente, e Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso do Sul

RESUMO

Este trabalho objetivou a análise da rede urbana da Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul, composta por 16 municípios e dentre eles a capital do estado, Campo Grande, cuja população é de 853.622 mil habitantes (IBGE, 2015). Analisando a dinâmica reticular a partir da cidade Campo Grande, se compreende como se deu o ordenamento territorial e também como está a sua estrutura territorial atual. Além de compreender qual é o papel de Campo Grande, sua relevância e sua centralidade no com texto regional e estadual, quanto a oferta de bens e serviços, bem como as principais fontes de arrecadação da cidade, possibilitando territorializar sua centralidade a partir das variáveis: a) saúde, que fornece um panorama acerca da distribuição e principalmente da especialização dos serviços regional; b) educação, que foi possível um mapeamento da distribuição das escolas nas esferas municipal, estadual e federal, sendo que as últimas evidenciam como as cidades podem ser centralizadoras, principalmente no aspecto do ensino superior que revela o quanto Campo Grande polariza a mesorregião; c) população, pois é importante e se torna instrumento de planejamento e ordenamento que revela como se deu ou se dá a dinâmica populacional, visto que esse processo influencia a demanda por serviços e comércio que a cidade oferece e nesse aspecto a mesma se sobressai com cerca de 80% de toda a população mesorregional; d) comércio e serviços que propiciaram a análise em relação à arrecadação, número de estabelecimentos e principais atividades importantes, que podem nos fornecer um panorama das principais atividades econômicas de modo que compreendamos as características das cidades que compõem a mesorregião, principalmente no aspecto setorial da economia; e) modais rodoviário e aeroviário, com relevância e destaque da cidade, além do seu papel na hinterlândia da qual pertence. Salienta-se ainda, a dimensão da análise que possibilitou compreender como a cidade de Campo Grande foi, ao longo dos anos, preparada para se tornar lócus de poder, culminando com a sua elevação como capital de unidade federativa, com o papel de um centro de poder político, de gestão financeira e de tomada de decisões.

Palavras-Chave: Território, Rede Urbana, Centralidade, Mesorregião Centro-Norte.

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo analizar la red urbana mesorregión North-Central del Mato Grosso do Sul, compuesto por 16 municipios y entre ellas la capital del estado, Campo Grande, con una población de 853.622 mil habitantes (IBGE, 2015). El análisis de dinámica reticular de la ciudad de Campo Grande, proporciona un visión cómo fue la planificación territorial y también cómo es su estructura territorial actual. Además de comprender cuál es el papel de Campo Grande, su relevancia y su posición central en el contexto regional y estatal, como el suministro de bienes y servicios, así como las principales fuentes de ingresos de la ciudad, lo que permite territorializar su centralidad, de las variables de salud, que ofrece una visión general sobre la distribución y sobre todo la experiencia de los servicios regionales; b) la educación, fue posible determinar la distribución en las escuelas de nivel municipal, estatal y federal, y el último espectáculo cómo las ciudades pueden ser centralizados, especialmente en el aspecto de la educación superior que revela cómo Campo Grande polariza la región media; c) la población, es importante y se convierte en una herramienta para la planificación y gestión que revela cómo fue o se le da a la dinámica de población, ya que este proceso influye en la demanda de servicios y el comercio que ofrece la ciudad y en este sentido las mismas gradas con aproximadamente el 80% de la población mesorregional; d) el comercio y los servicios que permitieron el análisis en relación con los ingresos, el número de establecimientos y principales actividades importantes que nos pueden proporcionar una visión general de las principales actividades económicas con el fin de entender las características de las ciudades que componen la región media, especialmente en los aspectos sectoriales de economía; e) por carretera y transporte aéreo modos, con la relevancia e importancia de la ciudad, además de su papel en el interior de la cual pertenece. Tenga en cuenta también, el tamaño de los análisis que nos permitió entender cómo era la ciudad de Campo Grande, a lo largo de los años, a convertirse en la instancia de poder, culminando en su elevación como unidad federal de capital, con el papel de un centro el poder político, la gestión financiera y la toma de decisiones.

Palabras-clave: Territorio; Red Urbana, Centralización, Mesorregión North-Central.

SUMÁRIO

RESUMO.....	13
INTRODUÇÃO.....	16
1. TERRITÓRIO: REFLEXÕES ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DE UMA CATEGORIA.....	18
1.1. O poder em meio a territórios e espaços: o elemento chave da constituição territorial.....	18
1.2. A rede e o território: ponderações sobre a capacidade de fluidez territorial atual por meio do território rede.....	26
2. REDE URBANA: ANÁLISES E REFLEXÕES ACERCA DE CIDADES SOB A LÓGICA RETICULAR.....	34
2.1. Rede urbana como forma de compreender relações espaciais de imposição e subordinação.....	34
2.2. A importância da constituição de uma gênese reticular.....	43
2.3. A gênese reticular da mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul....	48
2.4. Periodização reticular para o entendimento atual: breves proposições para uma periodização.....	54
3. CARACTERIZAÇÃO DA REDE URBANA DA MESORREGIÃO CENTRO-NORTE DE MATOGROSSO DO SUL.....	64
3.1. O fator população.....	64
3.2. Oferta de bens e serviços.....	68
3.3. O papel dos serviços essenciais na rede: saúde e educação.....	86
CONCLUSÃO.....	96
REFERÊNCIAS.....	100

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi motivado por pesquisas realizadas anteriormente com a temática das mesorregiões do estado de Mato Grosso do Sul, visto que as referidas pesquisas trataram da mesorregião Leste, mesorregião dos Pantanaís e mesorregião Sudoeste de Mato Grosso do Sul, com primazia nas redes das suas respectivas cidades: Três Lagoas, Corumbá e Dourados.

Nesse contexto realizou-se a análise da mesorregião Centro-Norte, uma vez que se trata da capital do estado, para compreender sua dinâmica e como ocorre sua primazia. Entretanto, isso não significa dizer que uma mesorregião seja mais importante do que outra, porém é preciso destacar que pelo fato de Campo Grande ser a capital do estado e uma cidade bem servida por eixos rodoviários, logo, a importância da mesma é significativa, por se tratar de um centro político estadual.

Deste modo, este trabalho visou além do mapeamento a análise das principais variáveis da mesorregião, a qual é composta por 16 cidades (Alcinópolis, Bandeirantes, Camapuã, Campo Grande, Coxim, Corguinho, Figueirão, Jaraguari, Pedro Gomes, Rio Negro, Rio Verde de Mato Grosso, Rochedo, São Gabriel do Oeste, Sidrolândia, Sonora e Terenos), conforme Figura 7, na página 36.

Salienta-se que a análise histórica permeou a compreensão da rede que se articula hoje, uma vez que requereu um estudo histórico para apreender o significado e importância das redes urbanas.

Com isso, analisou-se a Rede Urbana constituída pela Mesorregião Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MRCN, com uma abordagem a partir da centralidade de Campo Grande, bem como o seu papel no contexto regional, pois almejou-se, a compreensão organizacional intraurbana e interurbana.

Ainda analisou-se as continuidades e discontinuidades territoriais que ocorrem em Campo Grande, que possibilitou identificar as principais variáveis para a caracterização da referida rede urbana. Tal caracterização permitiu demonstrar as formas de centralidade que a cidade exerce, assim como o processo histórico da evolução campo-grandense.

Também demonstrou a evolução da dinâmica territorial dos municípios constituintes pois os mesmos derivaram de territórios desmembrados de Coxim e de Campo Grande. No entanto, é importante entender como Campo Grande convergiu

interesses e atores, bem como aproveitou sua localização territorial em relação às vias, em um primeiro momento a ferrovia, e a posteriori, as rodovias.

Dessa forma estruturamos o trabalho em 3 partes, sendo que a primeira e a segunda parte trarão uma abordagem mais teórica, ao passo que o primeiro faz uma breve discussão acerca da categoria território, cujas análises se tornam pertinentes, visto o peso e importância que esta categoria tem para a Geografia, bem como compreender que o território abre leques para uma organização territorial regional mais concreta, mais eficiente.

No entendimento da categoria território, destaca-se também a importância em compreender o sentido da rede, por conseguinte a rede urbana a qual configura o chamado território-rede, de uma forma que rede e o território são indissociáveis. São constituintes de uma nova forma de se organizar o território, que perpassa fronteiras e atinge patamares ligando áreas até então descontínuas, processo mediado pelo advento da informação e a possibilidade da existência de fluxos informacionais e em uma esfera imaterial. A rede e sua relação com o território é discutida de forma mais contundente na parte 2 do trabalho.

A parte 3 apresenta uma discussão, com base em dados obtidos por meio de bancos de informações como SEMADE, IBGE, 4, MDIC, que nortearam as análises demográficas, variáveis como PIB e IDH, estabelecimentos comerciais, indústrias e sua tipologia, além de unidades de saúde e educação. De certo modo, os dados mostraram a capacidade da oferta de bens e serviços, e a concentração destes, na cidade de Campo Grande.

A parte 3 também traz a abordagem histórica, política e social de Campo Grande, sua espacialização e evolução urbana, de modo que revela os principais períodos que refletiram o seu crescimento, bem como nas demais cidades da referida rede urbana. A análise também destaca a tipologia de serviços oferecidos e sua importância, dada a ligação com modais rodoviários importantes, tendo em base origem e os destinos e seu modal aeroviário, com base na quantidade de linhas e conexões para diferentes lugares do país, interligando diversas localidades internacionais.

Entendemos que a dinâmica de uma cidade se dá pela mobilidade e seus fluxos, portanto requer a análise acerca do transporte em suas diversas escalas, pois um sistema de transporte eficiente determinará se a fluidez territorial será mais ou menos eficiente.

1. TERRITÓRIO: REFLEXÕES ACERCA DA CONSTITUIÇÃO DE UMA CATEGORIA

1.1. O poder em meio a territórios e espaços: o elemento chave da constituição territorial

Compreender como se organiza territorialmente uma área reflete em possibilidades de uma melhor gestão territorial, no sentido em que conhecer o território faz com que governantes possam avaliar as defasagens e as possibilidades. Nesse contexto entender o território se faz necessário, visto que a categoria é ampla e incitará debates.

Nessa perspectiva, o que se almeja nesta parte do trabalho é, mesmo que de forma breve, é o entendimento da categoria, apreendendo o cerne e as possibilidades de análises para que a mesma possa ser aplicada a um estudo real, visto que tal categorial é o suporte basilar neste contexto de análise. Entretanto, como ponto de partida na busca por um entendimento do território também é de vital importância o estudo do espaço.

O espaço é um “conjunto de sistema e ações” definido por Santos (2006). O território como categoria surge do próprio espaço, de uma forma que é imprescindível elencar, com base em Raffestin que o espaço e o território não são termos semelhantes, mas sim relacionados no contexto em que o espaço antecede o território, de uma forma que o território se constitui das relações que decorrem a partir da formação e consolidação do espaço:

E essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Dessa forma o território vem após a constituição do espaço, o qual deve ser entendido como um sistema de objetos e um sistema de ações, onde Santos (2006) elenca que são integrados, indissociáveis em uma perspectiva que contempla a própria história, permeada em suas temporalidades, evidenciada em suas marcas, diferentes usos movidos por necessidade e muitas vezes intenções, de um modo que, hoje, os objetos estão cada vez mais presentes, artificializando o natural.

Beltrão-Spósito (2008) discorre que no que tange à categoria de análise, território rivaliza com o espaço, embora o território tenha sido objeto de interesse de

outros campos da ciência, visto que almejam compreender nosso período com base na grande capacidade de circulação, mobilidade e ampla relação de fluxos.

Tal qual o território, o espaço é mutável, e sua dinâmica advém de sua integração entre objetos e ações, visto que a interação entre os sistemas de objetos e o sistema de ações fornece o caráter transformador e dinâmico ao espaço. Dessa forma, os objetos vão criar condições para que ocorram ações, da mesma forma em que ações vão criar novos objetos ou mesmo serão concretizadas sob objetos já criados, nesta totalidade, “[...] É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma” (SANTOS, 2006, p. 39).

Entendemos assim, que o próprio espaço é pleno de um sistema de ações simultaneamente carregado de artificialidade. Portanto, o espaço é uma marca temporal, ao passo que se evidencia suas temporalidades, todavia, seu presente é reflexo de objetos artificiais somados a ações movidas por dadas intencionalidades.

Na perspectiva de Santos (2006), o território vai ser constituído com base em seu uso, de uma forma que diferentes usos vão condicionar em diferentes territórios que serão palcos de ações técnicas diferentes, visto que técnicas novas irão brigar por lacunas e influências de técnicas antigas. As diferentes apropriações vão criar áreas com forte informação e tecnologia, bem como áreas de fracas concentrações de informação e tecnologia, de forma que no território usado podemos entender espaços burros e espaços inteligentes. Os primeiros possuem fraca concentração de inteligência, informação e fluxos, já os espaços inteligentes, são “[...] espaços da racionalidade, coincidem com as frações do território marcadas pelo uso da ciência, da tecnologia e da informação” (SANTOS, 2006, p. 147).

Com uma variada gama de elementos condicionantes e uma carga histórica forte, é importante para qualquer estudo uma abordagem mais ampla do território, visando sua compreensão, visto que é uma categoria híbrida e permite uma multiescalaridade maior (HAESBAERT, 2015), no sentido de possibilidades de abordagem, níveis de abordagem. Dessa forma é de grande valia e caracterização territorial: a presença de poder (RAFFESTIN, 1993), evidenciada nesse conjunto por meio de uma simples relação entre duas pessoas, a qual é condição de configuração de uma relação de poder.

Poder, segundo Raffestin (1993), é todo o aparato do Estado, formas e mecanismos que garantam que cidadãos de determinado local estejam sob domínio

da entidade Estado, sendo os mecanismos as instituições e a própria aparelhagem estatal, como leis que darão ao Poder sua letra maiúscula, visto que o Poder se:

[...] manifesta por intermédio dos aparelhos complexos que encerram o território, controlam a população e dominam os recursos. É o poder visível, maciço, identificável. Como consequência é o perigoso e o inquietante, inspira a desconfiança pela própria ameaça que representa [...] o poder está e todo lugar, não que englobe o todo, mas vem de todos os lugares (1993 p. 52).

O Poder é reflexo de uma combinação entre a energia e a informação evidenciadas em saber ou mesmo em força, o que elenca a mutabilidade do Poder, evidenciado no território por meio de relações de trabalho e técnica (RAFFESTIN, 1993). Todavia é preciso fazer uma análise acerca da própria constituição do território, como categoria posterior ao espaço, visto que ao se elencar técnicas é preciso estar ciente da própria temporalidade, elemento vital na análise territorial.

Destarte que o território é em Raffestin (1993, p. 59-60) um trunfo do poder sendo o campo da ação, o palco das ações:

[...] O território não é menos indispensável, uma vez que é a cena do poder e o lugar de todas as relações, mas sem a população, ele se resume a apenas uma potencialidade, um dado estatístico a organizar e a integrar numa estratégia. Os recursos, enfim, determinam os horizontes possíveis da ação. Os recursos condicionam o alcance da ação.

Assim, conflitos entre estados podem não ser somente pela população, ou mesmo pelo espaço, mas pelo que está contido neles: os recursos.

Recursos que levam à cobiça e sua utilização depende de gestão efetiva e o território sendo por excelência o campo político da ação dos trunfos (RAFFESTIN, 1993), entendemos que é no território que se manifestam a gestão, bem como as estratégias de aprimoramento e utilização deste território, elencadas aqui como políticas públicas, as quais, embora sejam empregadas com caráter setorial ao invés do viés territorial, entendemos que as políticas públicas ainda que setoriais, tem recursos para que se moldem os territórios, ajustando a lógica capitalista direta ou indiretamente.

Porém, para se compreender como as políticas públicas de certa forma agem em determinado território - como no caso da cidade de Campo Grande, por exemplo, que ditaram períodos de crescimento e expansão da malha urbana - é necessário buscar compreensão acerca da constituição do cerne do jogo político, palco onde efetivamente ações e intenções se mesclam: o próprio território.

Todavia, as contribuições de Saquet (2008) se evidenciam de grande valia a respeito da forma contraditória como Raffestin e Milton Santos, autores de referência mundial, possuem visões acerca do território, visto que embora Santos trabalhe acerca da temática dando valor ao espaço, seu posicionamento traduz em territórios contidos dentro do próprio espaço geográfico, ao passo que Raffestin transforma o próprio espaço em característica de criação do território.

Saquet (2008, p. 81) complementa a noção territorial em Milton Santos, dando ênfase ao território em si, como posterior ao espaço, de modo que:

[...] território é um espaço natural, social, historicamente organizado e produzido [...] O território é produto de ações históricas que se concretizam em momentos distintos e sobrepostos, gerando diferentes paisagens. O espaço corresponde ao ambiente natural e ao ambiente organizado socialmente, com destaque para as formas/edificações e para as formas da natureza. Há unidade entre natureza e sociedade.

Ao entendermos as ações que movem os territórios, bem como a sua criação é possível a relação com a cidade de Campo Grande, visto que a cidade foi preparada para receber investimentos e se tornar capital do estado, o que mostra um jogo de interesses diversos e de ampla movimentação por parte de elites que conseguiram convergir fomentos a urbe. A cidade foi preparada para ter o poder, para ser o centro e cada vez mais forte, prova disso é a grande diferenciação no que tange aos recursos para investimentos (SOUZA, 2002).

Em complementação Raffestin (1993) traduz que o território se constrói de modo coletivo e com características multidimensionais, com a presença de múltiplas territorialidades - entendidas aqui como relações sociais que produzem de forma histórica cada território, de certa forma em um sistema sociedade-espaço-tempo.

Elemento chave na discussão de Saquet (2008): a diferenciação espaço e território é marcada por três fatores, numa clara relação a Raffestin, de modo que a divergência território x espaço se manifesta nas relações de poder encontradas no território; redes e identidades; e processos que demandam em temporalidades sobre determinadas manchas (áreas) do espaço.

Em Santos (2006) entende-se como se organiza o espaço geográfico, pois para este o espaço adquire lugar especial como categoria geográfica de análise. Entretanto, nosso foco é a análise e o entendimento da dinâmica territorial de uma determinada área, o que implica em bases conceituais acerca desta categoria, aqui utilizada e entendida na perspectiva de Raffestin, da qual o espaço e seu

entendimento se mostram como base para a compreensão territorial, uma vez que espaço e território não se separam, mas se encravam e cabe aqui delinear as vertentes mais adequadas neste trabalho.

Tal diferenciação é necessária, porém é fundamental reconhecer que espaço e território não estão separados: um está no outro. O espaço é indispensável para a apropriação e produção do território [...] Os conceitos não podem ser trabalhados separadamente e cada conjugação precisa ser definida por cada pesquisador ou grupo de estudos (SAQUET, 2008, p. 83).

Dessa forma o espaço apropriado e produtor de territórios se move por ações, pois “A ação é o próprio homem. Só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade. A natureza não tem ação porque ela é cega, não tem futuro. As ações humanas não se restringem aos indivíduos, incluindo, também, as empresas, as instituições” (SANTOS, 2006, p. 56). Desta forma o território é condicionado por interesses de empresas, instituições e o reflexo dessas ações é uma lógica de divisão territorial em escala global, sustentada pelo meio técnico-científico-informacional de Santos & Silveira (2006), permeado por uma revolução informacional estudada por Castells (2011), que dita à sociedade o atributo de estar conectada em rede.

Ao pensarmos em forças produtivas como resultados de ações e que as implicam sobre objetos, observamos que ao se criar relações em que hierarquias são constituídas, decorrem de relações de imposição e subordinação, temos a constituição do território em Raffestin. Um espaço reflexo de temporalidades, materializadas por relações entre objetos artificiais e naturais integrados a uma sociedade que dita ações sobre estes objetos e dessas relações originam influências, e devido ao modo de apropriação diferente: essas relações são marcadas e diferenciadas por técnicas.

A diferenciação de técnicas cria formas de apropriação do espaço por diferentes atores sociais, e mais, são criadas relações de imposição aos espaços, posto que a configuração de uma relação hierarquizada do poder é condição sine qua non ao território para Raffestin (1993, p. 144), uma vez que “[...] Evidentemente, o território se apoia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção a partir do espaço. Ora, a produção, devido as relações que envolve, se inscreve num campo de poder”.

Nesse aspecto:

O território como um todo se torna um dado dessa harmonia forçada entre lugares e agentes neles instalados, em função de uma inteligência maior, situada nos centros motores da informação. A força desses núcleos vem de sua capacidade, maior ou menor, de receber informações de toda natureza, tratá-las, classificando-as, valorizando-as e hierarquizando-as, antes de as redistribuir entre os mesmos pontos, a seu próprio serviço. Essa inteligência das grandes empresas e dos Estados não é, porém, a única. Em níveis inferiores, o fenômeno se reproduz, ainda que com menos eficácia mercantil (SANTOS, 2006, p. 154).

Raffestin (1993) traduz que toda prática relacionada ao espaço concomitantemente se mostra elencada por um vasto sistema relacional de ações aspirada por intenções, das quais as ações vão conduzir a uma “produção territorial”, de forma que várias produções territoriais acabam por serem ligadas por redes, em um sistema que engloba tessituras, - a forma, o próprio território em si - nós, os quais seriam pontos-chaves, lugares de forte atração e repulsão de fluxos; e as redes propriamente ditas, que não são nada mais do que os fluxos, a interligação entre tessituras e nós.

Ainda em Raffestin (1993), esse sistema territorial - tessituras, nós e redes -, organizados de uma maneira hierarquizada, fornecem a condição de garantir o poder, controle, sobre o que é adquirido ou mesmo possuído. De caráter mais amplo, esse sistema se mantém como característica marcante em qualquer sociedade, ainda que se manifestem de formas diferentes, garantindo a possibilidade de apropriação, de imposição e de manutenção de uma ordem. Neste caso, o poder de formulação de leis, organização territorial decorrente de uma lógica e a própria reprodução desta, o que culmina em reprodução de interesses, o que acaba por influenciar em toda uma organização territorial, neste caso, de uma mesorregião seguindo a historicidade e a influência da cidade de Campo Grande.

É evidente que esse sistema territorial vai traduzir um reflexo superficial na forma de malhas, tessituras com alcance zonal, de poder manifestar sua influência em mais do que unicamente um ponto. O ponto vai traduzir o nó, os lugares em si, e que concomitantemente são condicionados pela influência em maior ou menor escala, e as linhas a ligação propriamente dita, os fluxos, os quais tem a capacidade integradora, capacidade de deixar concreto a influência, a subordinação e a emancipação com base propriamente no poder.

Dessa forma podemos elencar os elementos de um sistema territorial conforme esquema da Figura 1, como se comportam isolados, sem uma forma de

estarem em integração, e logo após temos como os elementos de um sistema territorial vão se organizando e articulando, característica do próprio território, que é dinâmico, híbrido e multiescalar. Entretanto, as figuras consistem apenas em ilustrações, não sendo referentes à realidade e tão concomitantemente à escala. “[...] É suficiente dizer que as tessituras se superpõem, se cortam e se recortam sem cessar” (RAFFESTIN, 1993, p. 154).

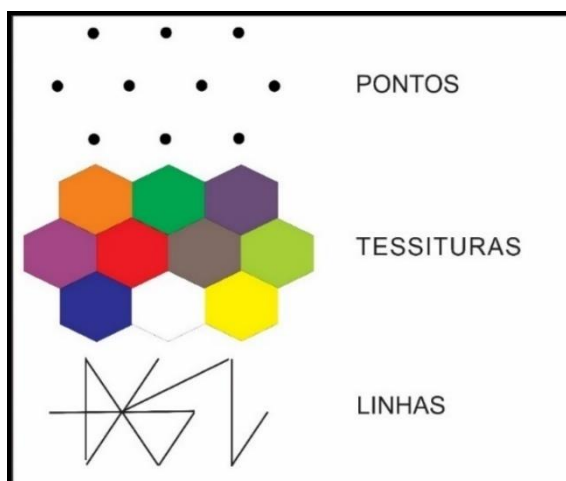


Figura 1 - Elementos de um território separados.
Fonte: RAFFESTIN, 1993.

A principal diferença é a noção de comunicação e integração quando estes elementos se complementam, visto que permite a observação de fluxos, e informações correndo em diferentes territórios. Outra característica que se observa é a capacidade de o território ser híbrido, multiescalar (Figura 2), se observa esse potencial, aliado à integração permeada em meio a fluxos, de modo que ao estarem integrados, os territórios corresponderão a uma determinada hierarquia, a de quem comanda, ou pautado em Raffestin, quem detém o poder.

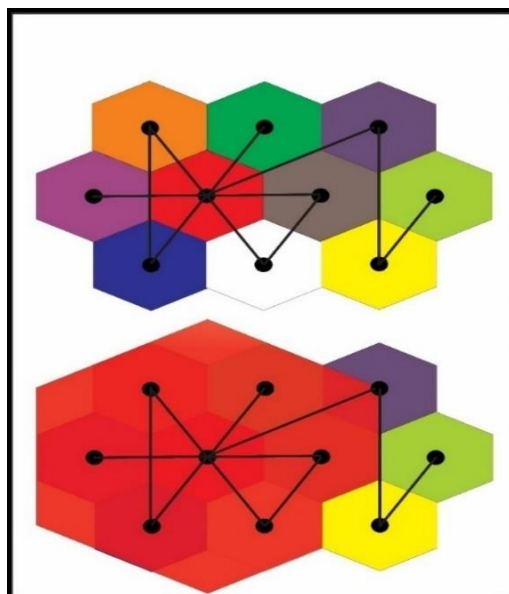


Figura 2 - Sistema territorial com elementos Integrados e territórios multiescalares.
Fonte: RAFFESTIN, 1993.

Em suma, o que se elenca são concepções e abordagens acerca deste conceito de grande valia para a Geografia, para que se tenha uma fundamentação válida e concreta neste trabalho. Concordamos com Haesbaert (2008) que território embora tenha um variado leque e opções, a discussão mesmo acerca “do que é” território acaba por estar desgastada.

Dessa forma, objetivou-se elencar abordagens que julgamos pertinentes à categoria e que melhor podem referenciar este trabalho, pois longe disso, discutir muitos parâmetros e literalmente ao “pé da letra”, o cerne do conceito não é nosso objetivo, todavia “[...] não se trata de separar nitidamente ‘conceito’ e ‘realidade’, mas de fazer uma leitura do conceito, ele próprio, ao mesmo tempo, também, ‘realidade’. O conceito sempre, *também*, acaba por participar do ‘real’, é imanente a ele” (HAESBAERT, 2008, p. 97), dessa forma, o que objetivamos é trazer esse conceito em sua realidade, de forma que dê todo o aporte ao estudo e a constituição da rede urbana na Mesorregião Centro-Norte do estado de Mato Grosso do Sul. Em meio a suas variadas concepções e relações do que seja o território, optamos por identificar com a perspectiva relacional de Haesbaert (2012), porém por problemas ligados a análises de metodologias e mesmo o intuito deste ensaio, o conceito de território será abordado com base em suas características políticas e econômicas.

1.2. A rede e o território: ponderações sobre a capacidade de fluidez territorial atual por meio do território-rede

A rede, cujas definições se encontrarão melhor analisadas na parte 2, tem o poder de assegurar a comunicação, de forma que a caracterização da rede seja por suas relações, articulações ou mesmo comunicações - o final é um só: elas são detentoras de fluxos. Dessa forma Raffestin (1993, p. 154) assegura que as redes são um sistema de linhas que vão desenhar tramas, momentos, realidade, de forma que podem ser concretas ou abstratas, importando que “[...] A ideia básica é considerar a rede como algo que assegura a comunicação, mas, que por natureza a rede que desenha os limites e as fronteiras não asseguram a comunicação. É uma rede de disjunção”.

Nesse sentido, ao nos referirmos as fronteiras políticas estabelecidas, na opinião do autor não podemos considerar as redes como forma de comunicação, mas sim de separações, devido a toda carga simbólica que a fronteira possui. Entretanto, o foco de análise desse trabalho se pauta no contrário, na rede como ente comunicativo, a rede como forma de integração territorial.

Em uma contribuição crítica do estudo de Raffestin, Souza (1995) traduz que o território, como fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder, traria consigo a característica de o poder não corresponder apenas no sentido de apropriação de apenas um indivíduo, mas sim a um grupo destes, uma vez que ele existiria se o grupo continuasse unido, mostrando uma capacidade de flexibilidade do território.

Território flexível, híbrido, é um território que territorializa e desterritorializa, nos moldes do modelo T-D-R, de Haesbaert (2012), cuja característica é ser relacional, e altamente flexível, através dos processos de Desterritorialização e Reterritorialização a posterior Territorialização. Fato disso é que “As grandes metrópoles modernas, do ‘Primeiro’ como do ‘Terceiro Mundo’, com toda a sua complexidade, parece conter os exemplos mais interessantes e variados de tais ‘territorialidades flexíveis’” (SOUZA, 1995, p. 87), as quais são os principais monumentos de multiterritorialidades.

Deste modo ao buscarmos um esforço de compreensão acerca das dinâmicas reticulares que ocorrem na rede urbana da Mesorregião Centro-Norte do estado de Mato Grosso do Sul, é preciso em entender o território e a rede, o que nos

levaria, de uma forma a ponte conceitual como diz Souza (1995, p. 93-94 grifos do autor),

o *território* em seu sentido usual (que pressupõe contiguidade espacial) e a *rede* (onde não há contiguidade espacial: o que há é, em termos abstratos, e para efeito de representação gráfica, um conjunto de pontos – *nós* – conectados entre si por segmentos – *arcos* – que correspondem aos fluxos que interligam, ‘costuram’ os nós – fluxos de bens, pessoas ou informações -, sendo que os arcos podem ainda indicar elementos de infraestruturais presentes no substrato espacial – p. ex., estradas – que viabilizam fisicamente o deslocamento dos fluxos). A este território em rede ou território-rede o autor do presente artigo propõe chamar de *território descontínuo* [...] Ocorre que, cada nó de um território descontínuo é, concretamente e à luz de outra escala de análise, uma figura bidimensional, um espaço, ele mesmo um território [...] temos que cada *território descontínuo* é na realidade, uma rede a articular dois ou mais territórios contínuos”

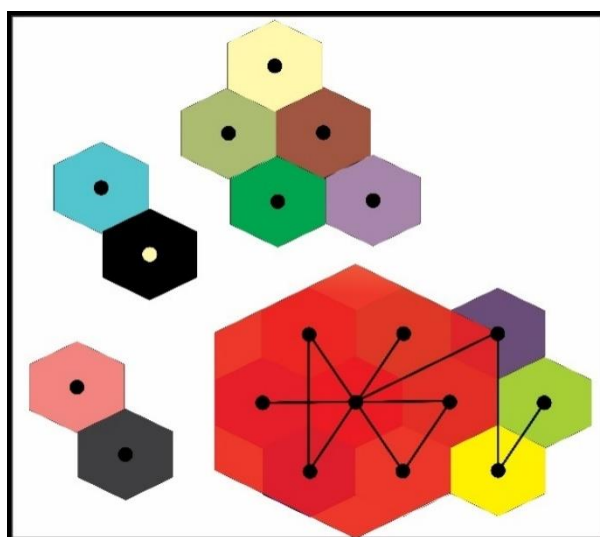


Figura 3 - Continuidade Territorial.
Fonte: HAESBAERT, 2012.

A Figura 3 nos remete a uma maior compreensão acerca de um território contínuo, de modo que os mesmos elementos já discutidos se encontram em articulação apenas na borda de seu território zonal, sem amplificação do alcance de sua influência pelas redes. Deste exemplo trazemos a realidade territórios que são articulados por meio por ferrovias, hidrovias, sistemas de eletricidade, cabos submarinos, enfim, remonta a tudo que permite uma continuidade no globo. Desta maneira, essa composição de elementos constituintes de rede é em Haesbaert (2012) o chamado território material, o qual o autor nomeia como dutos.

Haesbaert (2015) explana que as redes são indispensáveis em relação aos territórios, visto que são indissociáveis, de uma forma que se complementam, e permitem superar as grandes distâncias, e elabora uma crítica à Geografia por dicotomizar território, sendo que:

[...] O problema é que muitos autores, geógrafos e não-geógrafos, fazem uma leitura dicotômica do território e redes, como se fossem duas unidades distintas e mesmo antagônicas, não percebendo nem mesmo que a rede pode ser vista como um elemento constituinte do território (HAESBAERT, 2012, p. 282).

Nessa perspectiva, esse território descontínuo será continuação de um território, de uma zona em um determinado lugar, por meio de elementos que garantem essa integração. Assim, a rede é o elemento constituinte de tal ligação, pois ela permite ligar territórios distintos e condicionar a influência de um sobre o outro, basicamente ela, mas não somente, permeia as ações do global sobre o local.

Claro que em meio às redes existem diversos interesses, que são transformados em políticas, economias, porém vale ressaltar o papel que uma rede articulada de territórios descontínuos articulados tem, de maneira que a comunicação, a informação, bem com a influência se materializam.

Em Haesbaert (2012, p. 280) temos que a rede contemporânea tem as chaves para a territorialização, de uma maneira que “[...] territorializar-se significa também, hoje, construir e/ou controlar fluxos/redes e criar ferramentas simbólicas num espaço em movimento, no e pelo movimento”

Nesse jogo de constituir fluxos e redes, toda a lógica de um globo se sobrepõe a de um local, mesmo que apenas ideologicamente. É a Guerra dos Lugares em Santos (2006, p. 113), pois “[...] o território passa a ser organizado e usado com a lógica exclusiva dessa produção, ou melhor, dessa possibilidade de produção, pois em muitos casos não há ainda a implantação de indústrias”.

Campo Grande ao concentrar o poder político faz com que a decisão de investimentos e repasses passem pela cidade, fator que a faz sempre disputar e ser competitiva com a Guerra Fiscal, evidenciando que a cidade foi e continua sendo organizada para ser influente a nível Estadual, brigando por possível repasses e captações de recursos. Ao passo que vai minando as outras cidades e as deixam impossibilitadas de terem um crescimento expressivo para baterem de frente a capital. Podemos dizer que a sombra de Campo Grande impede as cidades de

crescerem de forma expressiva economicamente, salvo em alguns casos como Sidrolândia e principalmente São Gabriel do Oeste.

Dessa forma, a compreensão da dinâmica reticular da Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul é válida no sentido em que permite revelar como ocorrem essas interações com o global, e mesmo até que medida elas se sobrepõem aos interesses locais, de uma forma variada, desde Campo Grande que permite uma comunicação maior com outros locais internacionais, sendo ponto de referência, nó, até às cidades menores e seu papel perante a rede.

Em se tratando do potencial das redes articularem territórios, isto só é possível pelo advento tecnológico propiciado pelo Meio Técnico-Científico-Informacional de Santos (2006), cuja Revolução Informacional de Castells (2012), nela se materializa e espalha sua capacidade a priori integradora, porém não nos esquecendo que ainda não são todos os lugares do globo que partilham dessa integração.

Mesmo com potenciais diferenças em nível de integração, não pode ser renegada a capacidade de transporte de informações, mercadorias, trocas. Neste aspecto Milani (2012), ao fazer uma análise da constituição e dinâmica da rede urbana na mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul, nos fornece contribuições pertinentes acerca da discussão da categoria território, bem como uma grande orientação metodológica para nosso trabalho, decorrente também por proximidades em nossa linha teórico-metodológica.

Nesse aspecto, a autora discorre sobre o encurtamento aparente do mundo, com base em Spósito (2008), pois com o advento da informação e da capacidade maior de locomoção - principalmente por ter desenvolvido meios de transportes com velocidade maior - a noção de distância esvaeceu, pois tudo se tornou próximo, como representa a Figura 4.



Figura 4 - Encurtamento das distâncias.
 Fonte: SPÓSITO, 2008 apud MILANI, 2012.

Mediante essa noção de encurtamento das distâncias permeada pelo aumento da capacidade de transporte mundial e aliada ao grande potencial de informação reticular, a Figura 5 mostra o cerne da questão descontínua do território, uma vez que como supracitado a informação permite descontinuidade territorial.

A descontinuidade territorial é permeada por redes, e estas dão a capacidade de quem tem o poder de ampliá-lo, de uma forma que a constituição do território-rede se faz semelhante concomitantemente a territórios-zona, os quais Milani (2012, p. 32) informa que:

[...] estão em um plano, delimitando fronteiras e sobrepostos por linhas imaginárias ordenadas em rede, as quais esquematizam os territórios-rede, tendo como pressuposto que o território é o conteúdo das formas, bem como mantém relações materiais e imateriais, esboçadas em manchas de redes.

Se há descontinuidade é porque há uma rede ligando nós, dentre os quais um irá sobrepôr e com essa hierarquia o nó subjugado é constituinte de um território-zona, ainda que descontínuo. De uma forma então que território-rede é complementar e ao território-zona, pois ele faz a interligação, e com base em Haesbaert (2012, p. 286-287):

[...] O território-zona só se definiria como tal pela *predominância* das dinâmicas 'zonais' sobre as 'reticulares', mas não pela sua dissociação. Ou seja, território-zona não estabelece em momento algum uma relação dicotômica ou dual com sua contraparte, o território-rede [...] estamos pensando a rede não apenas enquanto mais uma forma (abstrata) de composição do espaço, no sentido de um 'conjunto de pontos e linhas', numa perspectiva euclidiana, mas como o componente territorial indispensável que enfatiza a dimensão temporo-móvel do território e que conjugada com a 'superfície' territorial, ressalta seu dinamismo, seu movimento. Grifos do autor.

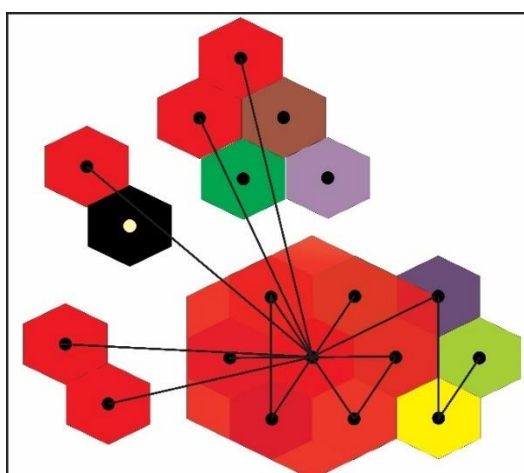


Figura 5 - Descontinuidade territorial com influência de território-zona permeado por uma rede.
Fonte: Haesbaert, 2012.

Todavia, por sua integração e indissociabilidade, o território e a rede devem ser estudados de maneira relacional, e compreendendo sua integração, e sua formação, mediante todo o seu processo de constituição socioespacial (BESSA, 2007). Deste modo este trabalho propõe caracterizar a mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul, de modo que para uma compreensão mais concreta é necessário remeter à processos e ocupações históricas que ocorreram nesse território, uma vez que o fator temporalidade no estudo geográfico deve ser presente, como bem entendemos.

Discussões acerca da categoria não cessarão, visto que devido a sua característica híbrida, e principalmente a temática território, nos fomenta uma capacidade de análises variadas, no entanto, o intuito aqui é fornecer breves considerações acerca dessa temática, compartilhando nossa visão e podendo representá-lo como na Figura 6, entendida como o território sendo decorrente de um espaço adicionado de relações de poder. Nesse espaço geográfico teríamos que sua formação é condicionada por paisagens (entendidas como toda a natureza primária e a segunda, modificadas por meio de objetos artificializados em ações e decorrentes de temporalidades distintas) somada a uma sociedade.

O território então seria uma categoria variável, pois comportaria muitos elementos dentro de si, e ele permitiria uma articulação com outros territórios, frutos de outras temporalidades e fatores que o condicionam como tal, cuja articulação seria dada por redes. Dessa forma haveria a constituição de territórios redes, ao passo que o território detentor de maior capacidade técnica e poder tomaria a hierarquia dos outros territórios e constituiria o seu território, como na Figura 6 que o “Território I” expande sua influência e área de dominação além do seu próprio território, dominando em seu território zona os territórios II, III e IV.

Dessa forma, aqui visa complementar e por meio da compreensão da gênese reticular, permear toda a espacialização e caracterização da Rede Urbana, fruto de uma hierarquia maior, mas que também apresenta na Mesorregião Centro-Norte características de grande valia que podem direcionar novas políticas e abordagens territoriais no futuro.

TERRITÓRIO-ZONA DE I

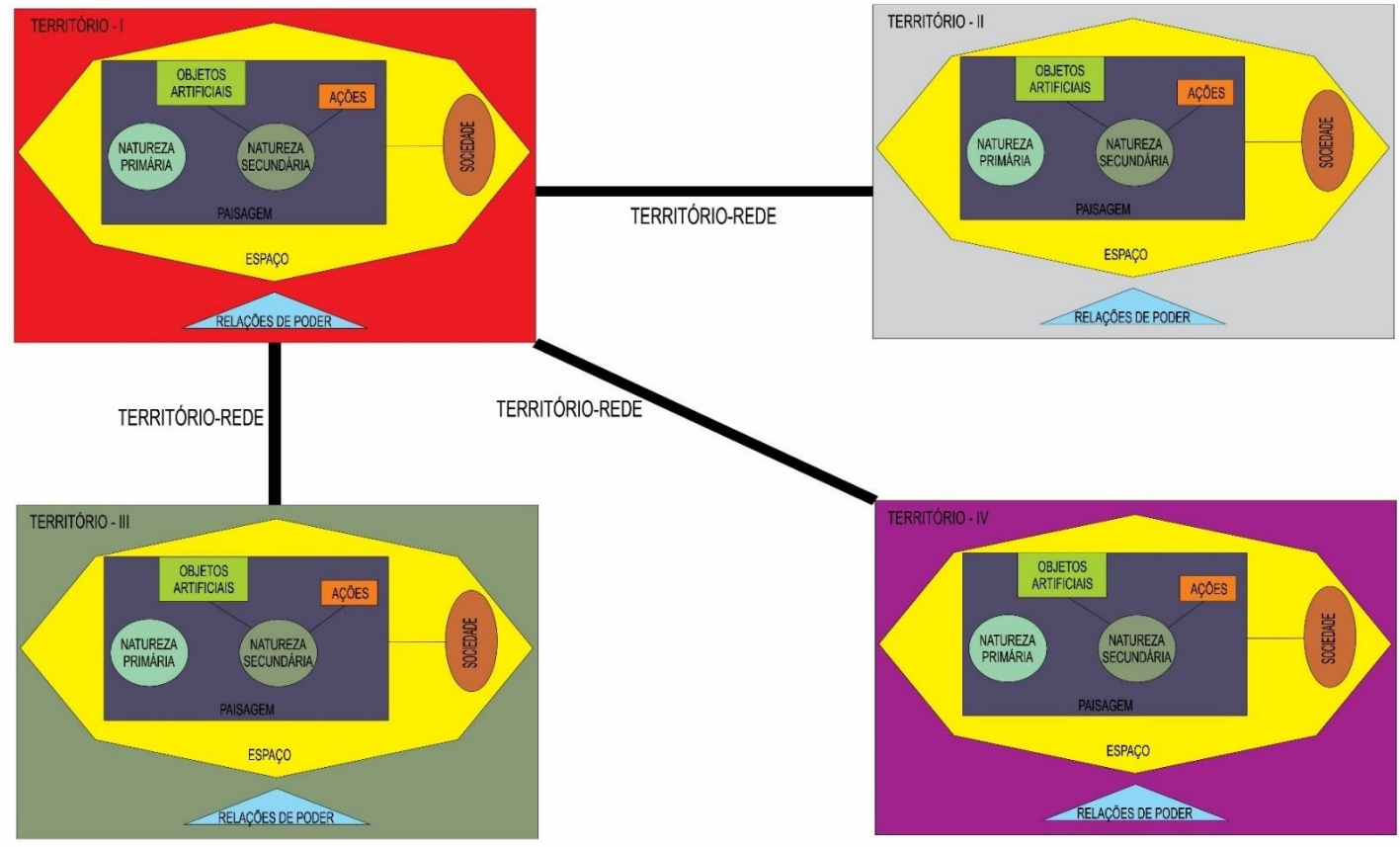


Figura 6 - Representação das categorias refletidas.

Fonte: RAFFESTIN, 1993; SAQUET, 2008; SPÓSITO, 2008; MILANI, 2012; HAESBAERT, 2012.

Organização: SILVA, L. O. 2016.

2. REDE URBANA: ANÁLISES E REFLEXÕES ACERCA DE CIDADES SOB A LÓGICA RETICULAR

2.1. Rede urbana como forma de compreender relações espaciais de imposição e subordinação

A cargo de reflexão, bem como disposição de elementos, o nosso interesse na temática reticular advém do fato que o capitalismo diferencia as cidades, por conseguinte, os espaços se tornam desiguais, e nestes se manifestam pontos de centralidades que por razões históricas atingiram tal patamar, desta forma, é preciso uma compreensão maior acerca de toda periodização e constituição de uma rede urbana, pois tal processo permite compreender a caracterização atual de dado território em meio a hierarquia urbana. Destarte:

[...] Com o capitalismo, o processo de diferenciação das cidades se acentua, aí incluindo-se a hierarquização urbana: a criação de um mercado consumidor, a partir da expropriação dos meios de produção e de vida de enorme parcela da população, e a industrialização levam à expansão da oferta de produtos industriais e de serviços. Esta oferta, por sua vez, se verifica de modo espacialmente desigual, instaurando-se então a hierarquia das cidades. Esta, por sua vez, suscita ações desiguais por parte dos capitalistas e do Estado: daí o interesse em compreender a sua natureza (CORRÊA, 1989, p. 20-21).

Na busca por uma conceituação sobre a reticularidade urbana, Corrêa (1989) contextualiza que nos países desenvolvidos as redes urbanas são existentes, porém nos países subdesenvolvidos há correntes teóricas que não as consideram, entretanto, fato é, que nos subdesenvolvidos o autor enfatiza que devido a três condições as redes urbanas existem, mas que para tal são necessários: economia de mercado evidenciada por trocas de produtos de diferentes localidades; existência de pontos fixos no território para a realização dessas trocas, respeitando uma periodicidade; e, que haja circulação de mercadorias entre os núcleos urbanos envolvidos.

Dessa forma Corrêa (1989, p. 8) explicita que

[...] a rede urbana - um conjunto de centros funcionalmente articulados -, tanto nos países desenvolvidos como subdesenvolvidos, reflete e reforça as características sociais e econômicas do território, sendo uma dimensão sócio-espacial da sociedade. As numerosas diferenças entre as redes urbanas dos países desenvolvidos, entre as dos subdesenvolvidos, e entre ambas, não são anomalia, mas expressão da própria realidade em sua complexidade.

Concomitantemente, o nosso foco é uma abordagem de como se constituiu e principalmente, como está organizada espacialmente a rede urbana na Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul, visto que é uma região de grande importância para o estado, por ser tratar da proximidade com a capital do estado. Com base na Figura 7, vê-se a divisão Mesorregional, levando em consideração que a divisão do país em Micro e Mesorregiões passou a vigorar após 1º de janeiro de 1990, visto que a gama de municípios no país passou a dificultar delimitações e análises de gabinetes e alguns trabalhos estatísticos (IBGE, 1990).

Para o estabelecimento de mesorregiões levou-se em consideração as seguintes características:

- Denominação regionais tradicionais;
- Denominação de centros urbanos de grande importância regional;
- Denominação das tradicionais Regiões Metropolitanas (por leis complementares anteriores à Constituição de 1988);
- A posição geográfica nos demais casos (IBGE, 1990, p. 11).

Desta forma, o estado de Mato Grosso do Sul para fins estatísticos foi dividido em quatro mesorregiões, a destaque: Pantanais de Mato Grosso do Sul, Leste de Mato Grosso do Sul, Sudoeste de Mato Grosso do Sul e por fim, o objeto de estudo, a mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul, composta atualmente por 16 municípios: Campo Grande, Sidrolândia, Terenos, Jaraguari, Rochedo, Corguinho, Bandeirantes, Rio Negro, São Gabriel do Oeste, Camapuã, Rio Verde de Mato Grosso, Figueirão, Coxim, Alcinópolis, Pedro Gomes e Sonora.

Cabe aqui um adendo às cidades de Alcinópolis e Figueirão, bem como as outras cidades emancipadas após o ano de 1990, as quais não constam no IBGE (1990). Nesse objeto de estudo as cidades de Alcinópolis e de Figueirão foram emancipadas após 1990, sendo respectivamente 1992 e 2005.

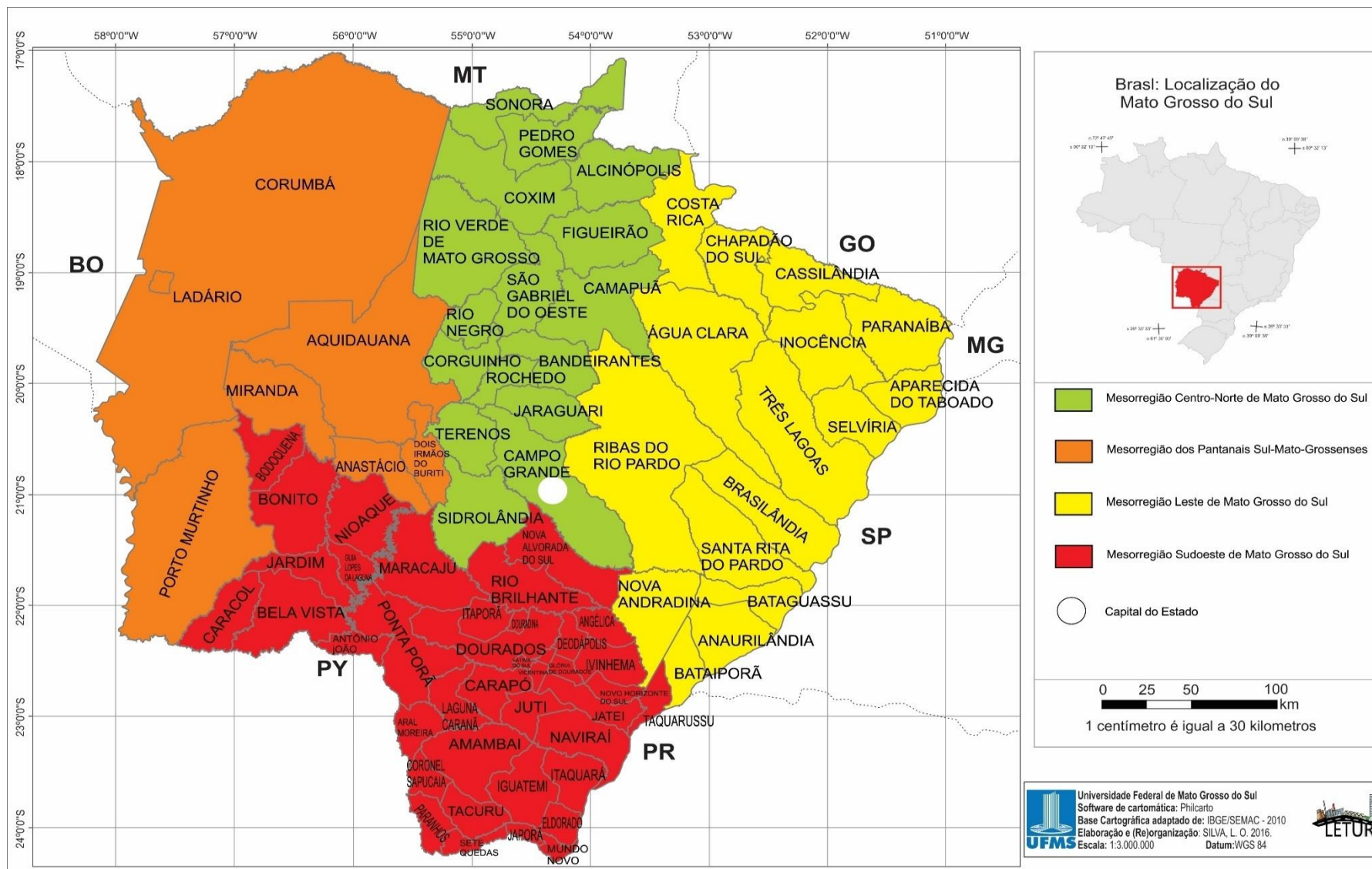


Figura 7 - Mapa de localização da Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul. Fonte: IBGE, SEMAC, 2010. Org. SILVA, L. 2016.

Ao trabalhar com a proposta metodológica de Christaler, Corrêa (1989) elucida que as cidades, independentes do seu tamanho, apresentam como singularidade a capacidade de serem localidades centrais, uma vez que todas são dotadas de funções centrais, seja em um pequeno povoado ao seu redor, ou mesmo em uma região maior, as cidades apresentam centralidades no que diz respeito à oferta de bens e serviços para uma dada população do entorno. O que determinará uma influência maior ou menor ou sua centralidade será sua capacidade de alcance em relação aos outros centros, por conseguir manter ofertar bens e serviços a uma população e que esta, os usufrua em uma área mais ampla.

Cada cidade integrante da rede traz consigo a sua particularidade, de modo que a organização reticular está consolidada no modo de produção atual, e logo, traduz uma lógica desigual. É evidente que para Corrêa (1989) a rede urbana é condição “de” e “para”, visto que se porta como reflexo de uma divisão territorial do trabalho organizada a nível mundial, ao passo que a mesma rede urbana é condição para a criação de uma divisão territorial do trabalho. Logo, haverá valorização de áreas atrativas ao capital em âmbito estratégico, além de valorização do papel da cidade sobre o campo em termos de importância gestora da rede.

Mediante sua capacidade de e para o reflexo de uma divisão territorial do trabalho, atualmente as redes comportam maior importância justamente pela organização reticular que está assentada no globo seguindo a lógica do capital, de modo que as redes organizam toda a produção e a hierarquização do planeta. Sua importância amplia com a escala de circulação mundial, visto que o capitalismo atingiu nível global e os reflexos desse processo são sentidos em todo o planeta. A rede permite circular e comunicar (DIAS, 1995), com o seu poder de articulação por meio dos seus fluxos é capaz de estabelecer internacionalização de informações.

As redes de hoje são planetárias, diferentes das redes do século XVIII quando começou a Revolução Industrial em escala de intensidade, destarte tamanha circulação de informações no globo a todo instante. A rede como uma relação de centros funcionalmente articulados está disposta no globo em um emaranhado de linhas, que são os fluxos, e aqui, devem ser entendidos em uma perspectiva material no caso de uma continuidade territorial e também como descontinuidade como já trabalhado na parte 1, além de um conjunto de pontos dispostos no globo, que são as cidades.

As redes possuem vários aspectos a serem abordados como sua estrutura funcional, espacial e dimensional (CORRÊA, 2004), mas refletem uma estrutura social, visto que pontos com maior quantidade de fluxos muitas vezes estão ligados a países desenvolvidos, mas não é uma regra, visto que cada lugar traduz sua particularidade e na rede vai elencar sua característica única.

Como forma de materializar uma rede a cargo de compreensão, a Figura 8 ilustra uma rede de informações elaborada pelo site Twitter, que mostra os fluxos de informação aproximadamente meia hora antes, e meia hora depois do terremoto de Sendai, em 11 de março de 2011 no Japão, na qual é possível observar a grande gama de informações, mas com pontos materiais, que são os servidores. Os fluxos rosados são informações oriundas do Japão, já os fluxos amarelos são informações com destino ao Japão.

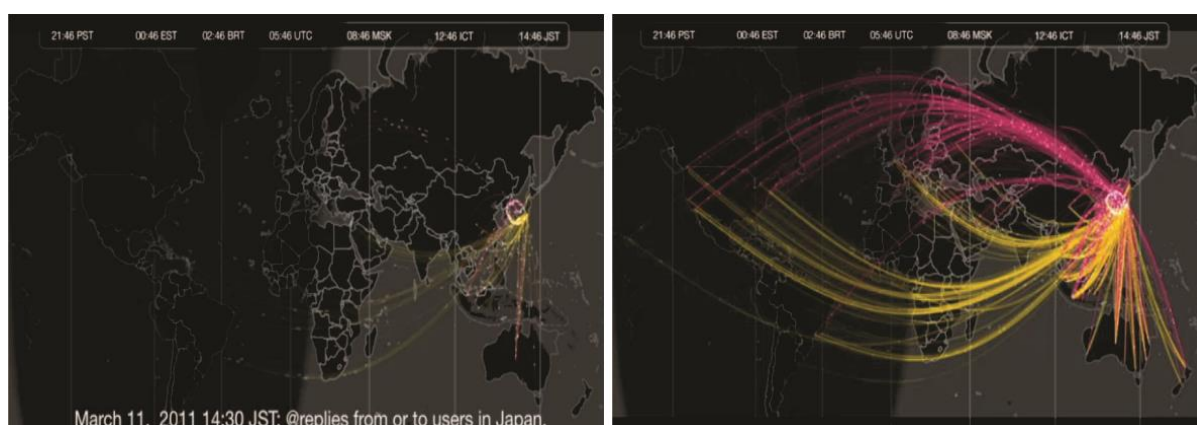


Figura 8 - Informações trocadas antes do terremoto (à esq.) e após o terremoto (à dir.) no Japão

Fonte: <http://www.tecnoartenews.com/noticias/imperdivel-twitter-mostra-em-videos-a-difusao-da-informacao-no-espaco-geografico-apos-o-terremoto-no-japao/>. Acesso em: 23 ago. 2016.

De forma muito mais integrada mundialmente, a Figura 9 mostra postagens de respostas dos seguidores às postagens feitas por japoneses, de modo que se observa uma articulação muito maior de informações, evidenciando a capacidade do mundo se portar como uma única rede global. É evidente a grande articulação, seja por postagens mostradas nos fluxos rosados ou mesmo nas respostas dos seguidores nas postagens verdes, pois abrange áreas de grande importância tecnológica e estratégica no globo, com maior intensidade, como América do Norte e Europa, mas também deixa grandes espaços vazios, como áreas do planeta que

possuem pouca ocupação por condições hostis, e também áreas em que não se presencia nível tecnológico elevado, refletindo em dificuldades ou total ausência do acesso à informação.



Figura 9 - Retweets respondendo os tweets japoneses minutos após o terremoto no Japão.
 Fonte: <http://www.tecnoartenews.com/noticias/imperdivel-twitter-mostra-em-ideos-a-difusao-da-informacao-no-espaco-geografico-apos-o-terremoto-no-japao/>.
 Acesso em: 23 ago. 2016.

É fato que redes e territórios apresentam grande relação, e principalmente, capacidade de se complementarem, porém, Oliveira (2013, p. 24) ao trabalhar com a Mesorregião do Pantanal de Mato Grosso do Sul elenca que:

Posto que sejam diretamente interligados, o sentido da rede urbana e do território não é o mesmo. Pois o território ganha uma nova configuração, enquanto as cidades e as redes vão se estruturando. É na rede que os diversos fluxos -, pessoas, mercadorias e capital - permeiam e por mais que os fluxos são considerados abstratos, não estão confinados e controlados no território.

Desta forma o território tem os seus limites extrapolados pela rede, marcando uma descontinuidade territorial, ao passo que fluxos vão e vem trazendo consigo grande capacidade informacional. A informação em circulação reflete a união entre ciência e técnica (SANTOS & SILVEIRA, 2006), destarte uma nova configuração global mais integrada após a Segunda Guerra Mundial, e que no Brasil teve impulso após a década de 1970, de fato se constitui em uma ponte que aproxima os lugares distantes com base em Dias (1995).

A Revolução Informacional (CASTELLS, 2011) dita esse avanço e permite sustentar a atual organização reticular, com grande ênfase na imaterialidade, pois redes de comunicação, redes rodoviárias permitiram maior circulação quanto à continuidade territorial, tendo uma circulação mais lenta, mas que englobava os territórios intermediários ao que uma informação ou mercadoria passasse.

Ao caracterizar esse processo da Revolução Informacional, desde o advento do chip, o qual tem a capacidade de informação e foi constantemente aprimorado permitindo a invenção de computadores com potencial de memória, processamento e comunicação maiores. Castells (2011) elenca que esse processo permitiu às empresas terem uma organização reticular maior, de modo a expandirem seus territórios, pois uma rede imaterial permeada pela internet, tendo seus nós em servidores físicos faz com que ocorra uma descontinuidade territorial e permita uma comunicação ampla, e rápida.

De fato, a técnica é condicionada por interesses (SANTOS, 2006), portanto a própria Revolução Informacional foi uma adaptação aos interesses capitais, uma vez que os modos de produção é que refletem na sociedade suas necessidades, pois em Castells (2011) o lucro move as empresas e sua produção permeada por sua capacidade tecnológica torna importante meio para alcançar ou mesmo ampliar o grau de lucratividade esperado.

Spósito (2007) caracteriza a internet, de modo que ela seja considerada como uma rede ou mesmo um sistema de redes com características importantes, ao passo que se torna de caráter vital às comunicações, pois apresenta 4 atributos: flexibilidade, coordenação e gestão de tarefas e atividades remotamente, organiza a atividade humana através de um novo patamar, cresceu e cresce através da sua abertura (em tese deveria ser aberta a todos, mas evidentemente nem todos podem usufruir).

Características dispostas em uma arquitetura elucidada por Spósito (2007) em estrutura reticular, poder computacional organizado em variados nós, além de variadas funções em rede como forma de minimizar desconexões; fatores que permitiram uma sociedade com uma economia informacional, global e em rede (CASTELLS, 2011):

- Informacional por ser baseada em conhecimentos, na própria informação e inovações;

- Global por ter atividades de produção e consumo com circulação em escala mundial;
- Redes por simplesmente constituir redes empresariais entre os mais distintos pontos do globo, que se comunicam entre si, sejam em fornecimento de peças, transportes ou mesmo mercados.

Todavia:

[...] com a consolidação da internet, a formação reticular (em rede) se tornou a base da superposição (em um plano) mais a justaposição (em um plano superior) das estruturas tanto nas empresas quanto entre empresas e os usuários individualizados. Isso é real quando nos referimos à dinâmica interna das empresas e às inúmeras possibilidades que elas passam a ter ao utilizar as redes para suas atividades de produção ou disseminação do conhecimento, principalmente para estabelecimentos situados em áreas distantes das matrizes (SPÓSITO, 2007, p. 56).

A internet nesse processo de consolidação das redes imateriais constituiu a espinha dorsal (CASTELLS, 2011), pois permite essa comunicação em tempo real com qualquer lugar do globo, a qualquer instante, superando qualquer espacialidade e temporalidade, de modo que é possível falar em uma nova cultura global, sobreposta a uma cultura local. Isso porque “[...] a globalização da economia, acompanhada pelo surgimento de uma cultura global, alterou profundamente a realidade social, econômica e política dos Estados-nação, das regiões transnacionais e das cidades” (SPÓSITO, 2007, p. 70). Isso se dá, por trazerem consigo a capacidade de articulação entre dois diferentes pontos no território. O autor em epígrafe discorre sobre três consequências que as redes evidenciam nos territórios:

- Extensão dos limites territoriais, ampliando a área de influência de um dado território;
- Extensão da malha territorial na qual a rede se insere, mostrando a amplitude no território em que ela se insere;
- Posicionamento dos pontos, nós, o que demonstra importâncias diferenciadas com base em seu potencial estratégico, decorrente da sua estrutura locacional.

A essa cultura global, advém uma nova forma de organização do espaço industrial tendo como base uma lógica reticular e locacional, devido às operações que se realizam em dados territórios:

(1) P&D, inovação e fabricação de protótipos foram concentrados em centros industriais altamente inovadores nas principais áreas, geralmente com boa qualidade de vida antes que seu processo de desenvolvimento, em certa medida, degradasse o meio ambiente;

(2) fabricação qualificada em filiais, normalmente em áreas recém-industrializadas do mesmo país, que, no caso dos EUA, em geral significam cidades de tamanho médio nos estados do oeste;

(3) montagem semiquificada em larga escala e testes que, desde o começo apresentavam grande proporção localizada no exterior, em especial no Sudeste asiático, sendo Cingapura e Malásia as localidades pioneiras do movimento para atrair fábricas de empresas eletrônicas americanas;

(4) adequação de dispositivos e de manutenção e suporte técnico pós-venda, organizada em centros regionais em todo o globo, em geral na área dos principais mercados eletrônicos, originalmente nos EUA e na Europa Ocidental, embora na década de 1990 os mercados asiáticos conquistassem o mesmo *status* (CASTELLS, 2011, p. 477)

Nesses quatro diferentes espaços de produção Castells (2011) evidencia a Divisão Territorial do Trabalho, de modo que está marcada por estratégias locacionais, aliada à potencialidade de matrizes empresariais estarem descontinuamente ligadas as suas filias, por meio da capacidade informacional hoje presente.

Nessa nova forma de pensar e articular, o tempo marcha para sua eternidade, Castells (2011) elenca o limiar do eterno, o tempo como intemporal, sobreposto a tudo, pois ele é fonte de valor, a velocidade de transações é marcada por ele, e o ganho ou perda na lucratividade se relaciona com o tempo, ao passo que nas “Arenas de apostas globais” metáforas das bolsas de valores, sempre é dia, por sua localização (Londres, Nova York, Tóquio, Hong Kong) ao menos uma estará em

atividade e por uma rede imaterial transações podem ocorrer a todo instante, não sendo necessário esperar o dia seguinte.

Para Castells (2011, p. 566):

Rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta. Concretamente, o que um nó é depende do tipo de redes concretas que falamos. São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede dos fluxos financeiros globais [...] Redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseado na inovação, globalização.

Nessa perspectiva, ao pensarmos em redes nos pautamos em um elemento de grande capacidade de fluxos, em um plano material ou imaterial e as redes urbanas se mostram derivadas desse processo, porém com capacidade de se relacionarem com redes materiais e imateriais. Spósito (2007, p. 147), ao discutir o conceito de rede e rede urbana elucida que a “[...] a rede urbana é a manifestação mais completa do conceito de rede, porque possibilita a articulação com qualquer uma delas, como a rede de comunicações (internet)”, de forma que as dimensões do próprio espaço são modificadas por meio dos diferentes atores sociais, visto que hoje o tempo se modifica tendo em vista a velocidade dos deslocamentos. De fato, o homem produz o espaço ao seu tempo.

Fato é que a Geografia se modernizou, assim, Spósito (2007) esclarece que a geografia se tornou reticular, visto que a principal articulação de eixos é com a metrópole, porém com participação significativa das cidades médias na articulação regional e nacional, destarte sinaliza que:

É importante notar que a formação de redes de cidades, cujo componente principal é a metrópole - que é a cidade em rede - ocorre, também com a participação das aglomerações de tamanho médio. A estrutura em rede de cidades permite que as de porte médio se beneficiem das economias de escala e da intensidade das interações reservadas, em primeira instância, às chamadas cidades globais (SPÓSITO, 2007, p. 130).

2.2. Importância da constituição de uma gênese reticular

Com base nos estudos de Bessa (2007), que trabalhou sobre convergências e divergências acerca da Rede Urbana na região do Triângulo Mineiro, em Minas Gerais, percebe-se que a autora elenca a importância de fatores para compreensão espacial de uma rede, dentre os quais a origem da rede, que evidencia momentos históricos diferentes, revelados por meio da constituição socioespacial da sociedade

ali estabelecida; a posição relativa que essa rede ocupa, bem como seu tamanho; as funções que ela exerce, sendo reflexo de sua natureza; a intensidade do seu alcance e sua intensidade no território; e seu padrão espacial, ou seja, como ela se configura em suas relações entre os diversos centros nela integrantes.

Tendo como base o objeto de estudo, a mesorregião Centro Norte de Mato Grosso do Sul, é necessário antes de qualquer análise entender a sua constituição, seus momentos, bem como sua constituição socioespacial, pois se buscarmos somente entendê-la como é hoje, este estudo, por conseguinte ignoraria toda a gama de fatores que a moldaram como ela é hoje.

Modos de produção em determinada época se materializam no território, e, por conseguinte, as formas espaciais são os resultados dessa materialização. E “[...] a cada novo modo de produção (ou a cada novo momento do mesmo modo de produção) mudam a estrutura e o funcionamento do espaço” (SANTOS, 1999, p. 06 *apud* BESSA, 2007, p. 56).

Portanto:

[...] a importância do conceito de formação socioespacial reside no fato de tratar-se de uma noção que é indissociável do concreto, isto é, a formação sócio espacial refere-se a uma sociedade espacial e historicamente determinada e, desta maneira, possibilita o *conhecimento de uma sociedade em sua totalidade e nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num dado momento de sua evolução*. O fato de o conceito de formação socioespacial ser associado a uma realidade concreta, susceptível, por conseguinte, de localização espaço-temporal, permite o entendimento dos processos de diferenciação espacial, sugerindo inclusive a possibilidade de realização de estudos sincrônicos e diacrônicos, simultaneamente (BESSA, 2007, p. 58) *grifos da autora*.

Compreender, então, sua organização e sua formação nos habilita a compreender como através do tempo a rede urbana foi se materializando no espaço, e como suas características atuais se mostram como reflexivas e consequências do seu passado.

Cabe lembrar que como traduz Bessa (2007), as redes urbanas brasileiras não apresentam característica homogênea, tanto por suas constituições, mas também por desigualdades, as diversas redes urbanas principalmente regionais, as quais muitas vezes apresentam característica dendrítica. Elas assumem uma constituição, um alcance, uma dada espacialidade. Assim, cada uma deve ter sua análise histórica levada em consideração, de modo que se possa também entender os processos de diferenciações e relações espaciais, que nelas ocorrem.

Em relação aos países subdesenvolvidos, verificou-se a existência de redes dendrítica, caracterizadas, entre outros aspectos, pela presença de uma cidade primaz excentricamente localizada; essa rede dendrítica constitui-se em um meio através do qual a hinterlândia da cidade primaz é drenada em seus diversos recursos, estabelecendo-se uma dependência externa (CORRÊA, 2006, p. 22).

Entretanto, a rede urbana ao se estabelecer como relação de uma ou mais cidades primazes com sua região e no Brasil por apresentar característica de drenagem de renda das cidades menores amplia a divisão territorial do trabalho como já citado. Além disso, é necessário que cada cidade tenha sua inserção na rede como forma de participar dos processos de produção, circulação, apropriação de valores e produções excedentes e que uma cidade só é verdadeiramente ligada a uma rede, quando participa desses processos, como elucida Corrêa (2006).

Desse modo, as relações entre a cidade e o campo são no âmbito relações cidade e região, de modo que a primazia de uma cidade evidenciará reflexos na devida região, além disso, Corrêa (1989, 2006) aponta para a existência de dois ciclos de produção, que são gerenciados pela cidade, como mostra a Figura 10. Em suma, um ciclo em que a cidade extrai a renda e produtos do campo como matérias primas e produtos alimentares. E um segundo ciclo, basicamente alimenta o primeiro, visto que a cidade exporta capitais, novas formas de usar a terra, força de trabalho, bens, serviços e valores para o campo.

Assim expressa o autor:

As atividades capitalistas da cidade, entre elas especialmente as indústrias, necessitam de trabalhadores livres, que dispõem apenas de sua força de trabalho e nenhum ou muito pouco vínculo com o campo. Estes trabalhadores constituem a massa de onde será extraído o valor excedente, fonte de acumulação de capital. Assim, a cidade precisa drenar, via migração rural-urbana, uma parcela da população rural constituída por pequenos proprietários, rendeiros, meeiros, moradores de condição e assalariados (CORRÊA, 2006, p. 31).

Em seu trabalho sobre a mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul Milani (2012) e no trabalho de Oliveira (2013) sobre a mesorregião do Pantanal de Mato Grosso do Sul, ambas autoras trabalham e explicitam de forma bem clara os ciclos de exploração, pois há respectivamente nessas duas mesorregiões duas cidades com grande primazia e que drenam suas hinterlândias, Três Lagoas e Corumbá. Os ciclos se tornam evidentes ao se constatar as análises das cidades primazes e a dependência as outras cidades em termos de bens e serviços das cidades nó da

rede, bem como as demais cidades com grande atividade agrícola, em assim sendo, se evidencia a relação não cidade campo, mas sim a relação cidade-região.

Campo Grande por sua vez não difere das cidades supracitadas, uma vez, conforme dados obtidos nesta pesquisa os quais serão discorridos no próximo capítulo, apresenta grande diferença em termos de arrecadação, população, produção entre outras variáveis, de modo muito discrepante em relação as outras cidades. A cidade como muitas outras serão o lócus de consumo da renda fundiária.

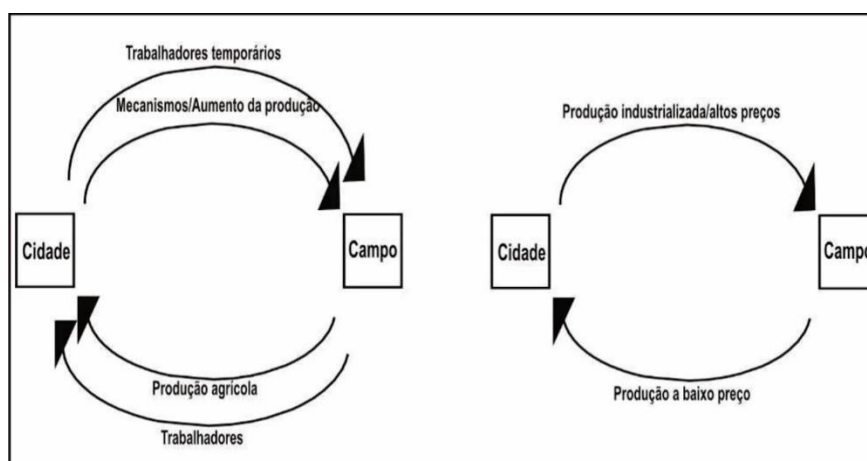


Figura 10 - Ciclos de exploração do campo pela cidade.
 Fonte: Corrêa (1989, 2006), Milani (2012), Olveira (2013).
 Organização: Milani (2012).

Outra perspectiva de se compreender a natureza de uma rede urbana é derivada de sua espacialidade, do modo como a expressão dos processos que realizam concomitantemente em um dado território. Desse modo, são variadas as formas espaciais que uma rede urbana pode adquirir, porém neste estudo focamos na dendrítica e na complexa, como proposições de Corrêa (1989, 2004, 2006), de modo que em uma definição mais breve a dendrítica se mostra com uma cidade em primazia, comandando uma rede, sendo lócus de gravitação no padrão Christaliano, já a complexa ou de múltiplos circuitos seria composta por uma articulação maior, com vários centros em comunicação, não necessariamente com necessidade de hierarquia da maior para a menor, como mostra a Figura 11.

Como outra forma, e a que nos parece adequada, pois permite pela temporalidade o conhecimento de uma dada rede urbana, a sua periodização, posto que:

A totalidade social é constituída pela combinação das instâncias econômica, jurídico-política e ideológica. Cada uma delas tem um tempo próprio de desenvolvimento, sua temporalidade

caracterizando-se por uma relativa autonomia no bojo da totalidade social. Esta é, deste modo uma combinação de temporalidades diferentes, definindo cada combinação um tempo histórico (CORRÊA, 2006, p. 40).

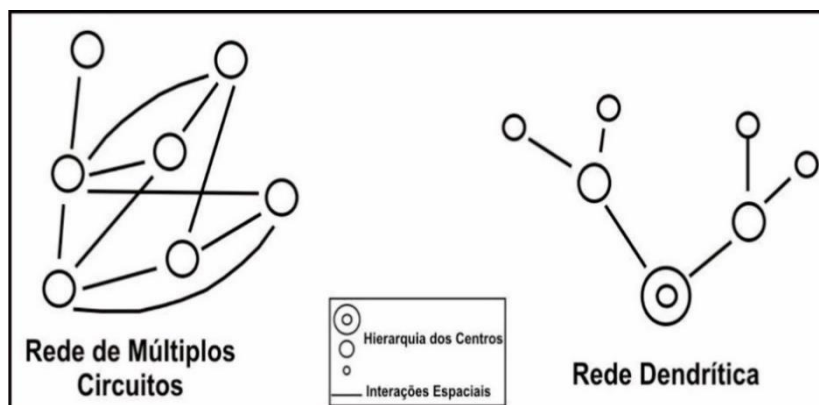


Figura 11 - Padrões de redes: múltiplos circuitos com vários centros, rede mais complexa, dendrítica, menos complexa. Fonte: Corrêa (1989, 2004, 2006), Oliveira (2013).

Estudar as cidades brasileiras significa compreender fatores históricos que as consolidaram e ao buscarmos uma proposição de estudo de região em rede, a variedade desses fatores históricos se ampliam, de modo que o Brasil que tem uma área territorial ampla, evidencia que um conjunto de temporalidades e lugares colaboraram para ditar aos lugares características que hoje as consolidam. Corrêa (2004) propõe que um estudo das metrópoles regionais necessita de uma compreensão de sua história, uma vez que suas diferenças são marcadas por diferentes constituições socioespaciais.

O autor ainda elenca que as diferenças em termos de capitais regionais são ainda maiores. Neste aspecto, este objeto de estudo se faz presente, pois o último levantamento de Região de Influência das Cidades, o REGIC, documento elaborado pelo IBGE em 2007, aponta que a cidade de Campo Grande se apresenta como uma cidade classificada por sua hierarquia, como uma Capital Regional A.

Na classificação do REGIC (2008), as cidades tidas como Capitais Regionais se definem como:

[...] integram este nível 70 centros que, como as metrópoles, também se relacionam com o estrato superior da rede urbana. Com capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, têm área de influência de âmbito regional, sendo referidas como destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios. Como o anterior, este nível também tem três subdivisões. O primeiro grupo inclui as capitais estaduais não

classificadas no nível metropolitano e Campinas. O segundo e o terceiro, além da diferenciação de porte, têm padrão de localização regionalizado, com o segundo mais presente no Centro-Sul, e o terceiro nas demais regiões do País (REGIC, 2008 p. 11).

O que motiva este estudo é entendermos que a mesorregião Centro Norte de Mato Grosso do Sul configura-se como uma rede urbana e que pelos dados observados, por sua história e também pela classificação do REGIC (2008), sua estrutura se pauta na cidade de Campo Grande. Destarte, nosso foco é compreender como a cidade se consolidou, bem como essa rede urbana se articula, como Campo Grande exerce o seu fator de primazia e como as cidades pequenas tem sua parcela de contribuição e fazem parte da articulação reticular. Todavia, como ponto de partida, é necessário compreender a constituição e formação das cidades e da própria gênese reticular.

2.3. A gênese reticular da mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul

Como já se apresentou, a importância de uma análise em relação a constituição temporal de uma rede urbana é ímpar, para sua compreensão atual. Deste modo aqui se apresenta como a rede urbana foi consolidada, justaposta a alguns acontecimentos importantes.

Ressalta-se que, para não estender o estudo, embora fosse de grande pertinência, não se priorizou a periodização e nem caracterizar as várias fases com ênfase, mas sim, fazer uma breve constituição histórica, e pautar-se com maior ênfase a análise acerca dos dados dos anos de 2000 e 2014.

A mesorregião Centro-Norte do estado de Mato Grosso do Sul - MRCN constitui uma das 4 mesorregiões do estado de Mato Grosso do Sul (Figura 12) sendo constituída por 16 municípios, agrupados em 2 microrregiões, como mostra o Quadro 1, e a Figura 13, sendo a Microrregião do Alto Taquari mais ao norte, e com destaque para as cidades de Coxim e a ascendente economicamente São Gabriel do Oeste, e a Microrregião de Campo Grande é a mais dinâmica e importante economicamente, sendo uma das microrregiões mais dinâmicas do estado, muito por estar lá a cidade de Campo Grande.

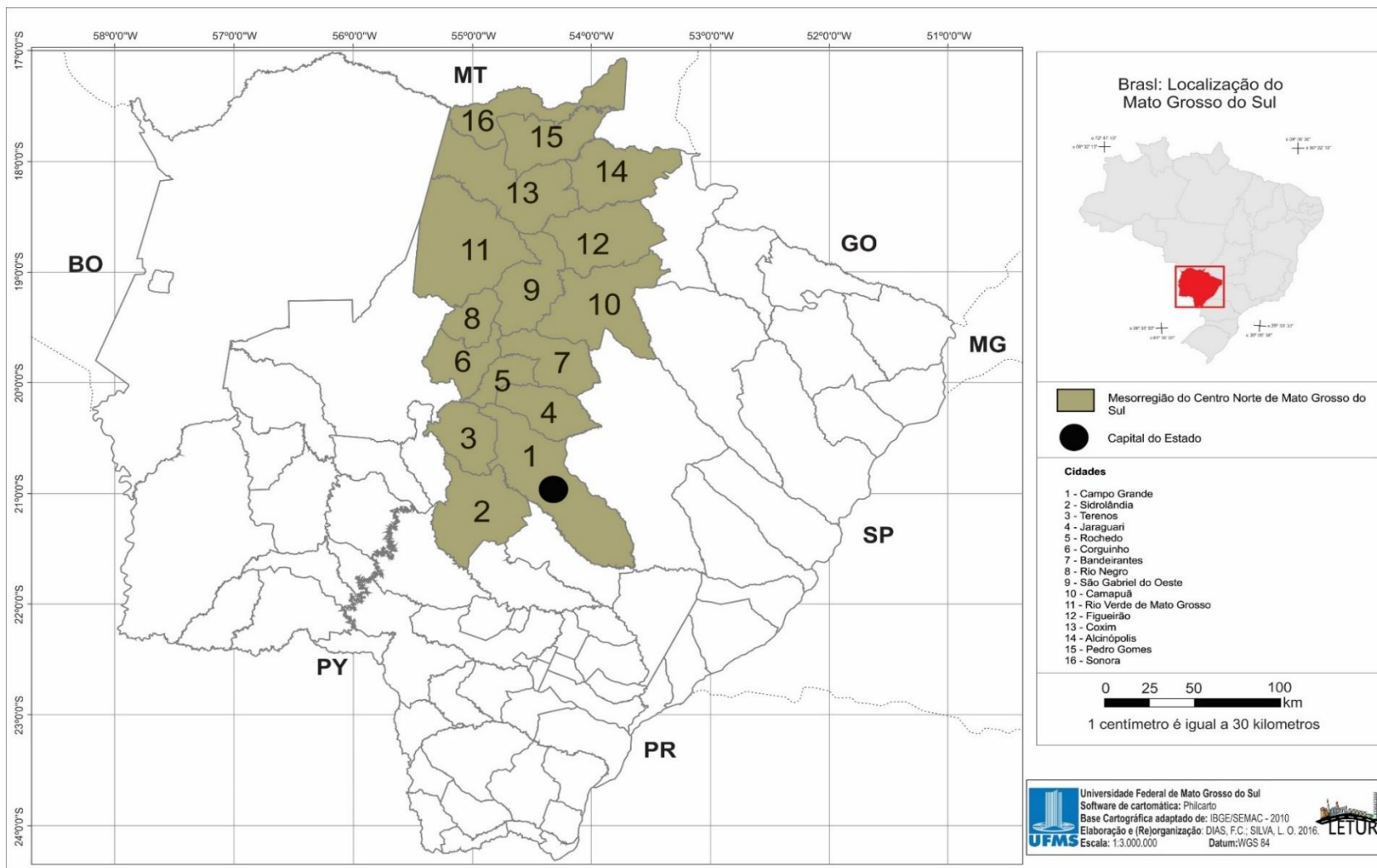


Figura 12 - Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul. Fonte: IBGE, SEMADE, 2016. Org. SILVA, L. 2016.

Ocupa uma área de 69.923,64 km², o que corresponde a aproximadamente 20% de todo o estado. Os municípios com maior extensão são Rio Verde de Mato Grosso, Campo Grande e Camapuã, como evidencia a Tabela 1.

É válido observar que a área de quase 70 mil km² é uma área semelhante à da Irlanda, que tem pouco mais de 70 mil km², ou mesmo uma área maior do que a Croácia (pouco mais de 56 mil km²), Dinamarca (43.077 km²), Países Baixos (41.528 km²), Suíça (41.285 km²) e Bélgica (30.519 km²) de acordo com dados do IBGE (2016).

Quadro 1 - Municípios e microrregiões da Mesorregião Centro Norte de Mato Grosso do Sul

MESORREGIÃO CENTRO NORTE DE MATOGROSSO DO SUL	
MICRORREGIÃO DO ALTO TAQUARI	MICRORREGIÃO DE CAMPO GRANDE
ALCINÓPOLIS	BANDEIRANTES
CAMAPUÃ	CAMPO GRANDE
COXIM	CORGUINHO
FIGUEIRÃO	JARAGUARI
PEDRO GOMES	RIO NEGRO
RIO VERDE DE MATO GROSSO	ROCHEDO
SÃO GABRIEL DO OESTE	SIDROLÂNDIA
SONORA	TERENOS

Fonte: IBGE, 2016.

Esses dados relativos a área evidencia que a mesorregião e mesmo a cidade de Campo Grande apresentam grandes dimensões e distâncias que devem ser consideradas principalmente no que tange a busca por serviços mais especializados, onde são encontrados em Coxim e Campo Grande.

E em relação a área de Campo Grande, Arruda (2012, p. 89) elenca o quanto a área da cidade é grande para possíveis expansões:

“[...] A área do município é equivalente ao tamanho de alguns países como Porto Rico, Cabo Verde, Brunei, Luxemburgo e um pouco maior que o Líbano e Jamaica. Já a área urbana é imensa. Tem capacidade para abrigar com folga, quatro milhões de habitantes”.

Nota-se também a dificuldade para administração de uma mesorregião com grande área, o que reflete o tamanho do Brasil e a comparação com países da Europa que possuem uma estabilidade econômica, e qualidade de vida mais elevada. De certo modo é importante destacar que essas comparações a nível de

Brasil e Europa muitas vezes são dificultadas, pois são duas realidades históricas diferentes, porém é válida uma menção ao tamanho da área para termos uma concepção de quanto o nosso objeto de estudo apresenta uma área considerável.

Sua constituição serviu, primeiramente, a partir de pequenas vilas para a pecuária, como o mesmo propósito que trabalhou Milani (2012) a Mesorregião Leste. Campo Grande com emancipação em 1899 tornou-se um importante ponto de produção agrícola, uma vez que a cidade foi fundada devido as migrações para a porção sul do estado de Mato Grosso, principalmente oriundas de Cuiabá, devido a Guerra do Paraguai e a facilidade de terras era um elemento favorável, com elenca Weingärtner (1995, n/p.), “Em pouco tempo Campo Grande adquire características de um vilarejo em franco desenvolvimento. As qualidades do lugar, ou seja, a fertilidade do solo e a facilidade de se conseguir terra para instalar suas fazendas, atraem outros migrantes vindos das diferentes Províncias”.

Tabela 1 - Área pertencente aos municípios da Mesorregião Centro-Norte.

ÁREA TOTAL DOS MUNICÍPIOS			
Localidade	Área km ²	Área Mesorregional %	Área Estadual %
Alcinópolis	4.399,68	6,3	1,23
Bandeirantes	3.115,68	4,5	0,87
Camapuã	6.229,62	8,9	1,74
Campo Grande	8.092,95	11,6	2,27
Corguinho	2.638,17	3,8	0,74
Coxim	6.409,22	9,2	1,79
Figueirão	4.882,87	7,0	1,37
Jaraguari	2.912,82	4,2	0,82
Pedro Gomes	3.651,18	5,2	1,02
Rio Negro	1.807,67	2,6	0,51
Rio Verde de Mato Grosso	8.154,52	11,7	2,28
Rochedo	1.561,06	2,2	0,44
São Gabriel do Oeste	3.864,69	5,5	1,08
Sidrolândia	5.286,41	7,6	1,48
Sonora	4.075,42	5,8	1,14
Terenos	2.841,69	4,1	0,80
Total	69.923,64	100,0	19,58

Fonte: IBGE, 2015

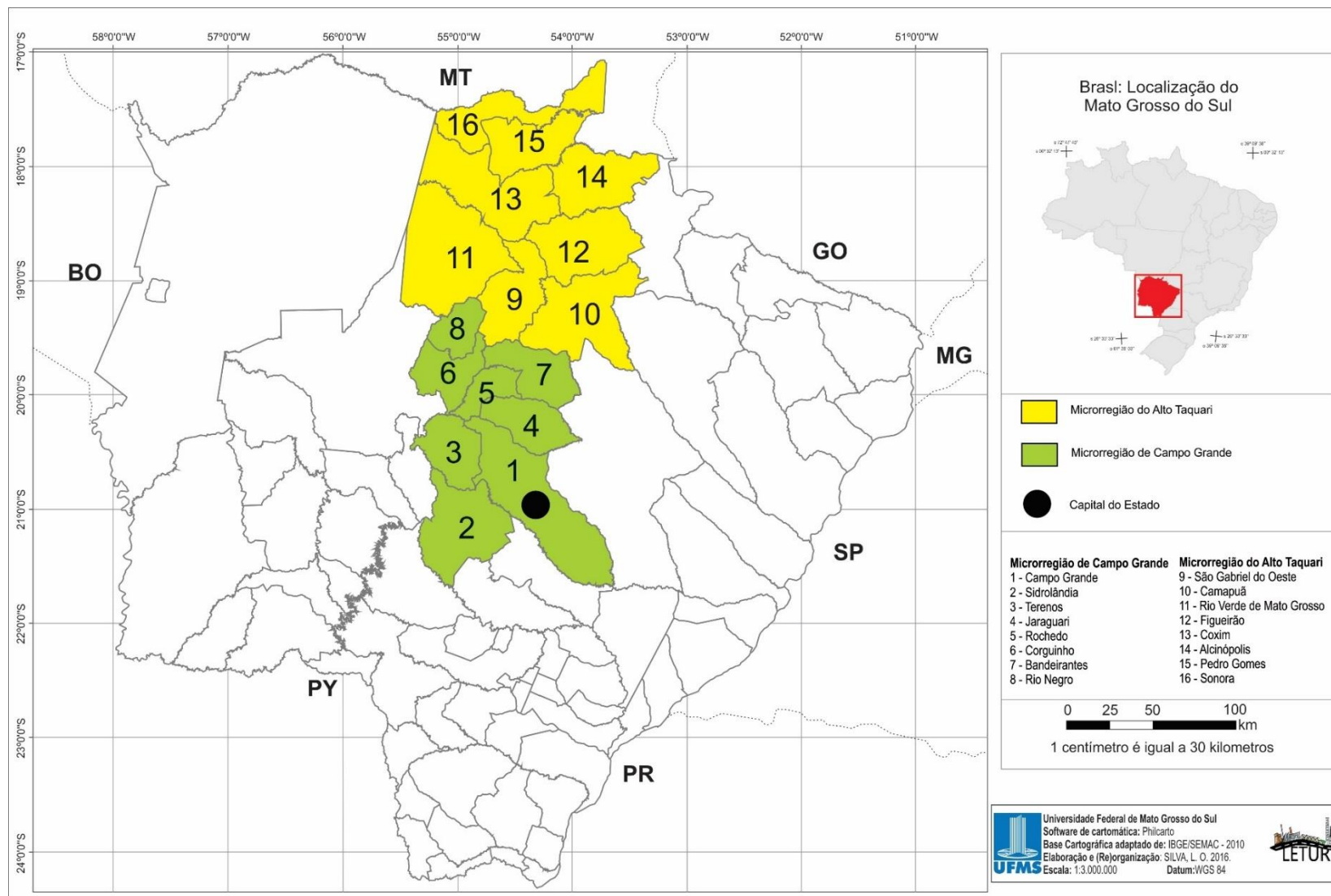


Figura 13 - Microrregiões do Alto Taquari e de Campo Grande.
 Fonte: IBGE, SEMADE, 2016. Org. SILVA, L. O.

O fator que elevou preponderantemente a importância de Campo Grande no começo do século XX foi a implantação da ferrovia NOB, que ligava Corumbá a São Paulo, via Bauru, o que permitiu a conexão com São Paulo, em uma articulação que perdura até os dias atuais, embora com função diferente daquela do início da sua construção.

Embora não seja a cidade mais antiga, Campo Grande de fato se despontou na rede urbana, mas com um misto de aproveitamento e de convergências de fatores, do mesmo modo que Bessa (2007) estudou, fizeram com que atualmente despontasse como a principal cidade da mesorregião.

Para uma explicitação melhor, a Figura 14 colabora mostrando como se deu a genealogia em termos de desmembramentos de territórios. Dessa forma, é possível observar a quantidade de terras perdidas que Campo e Coxim tiveram, para distritos que se elevaram a categoria de municípios.

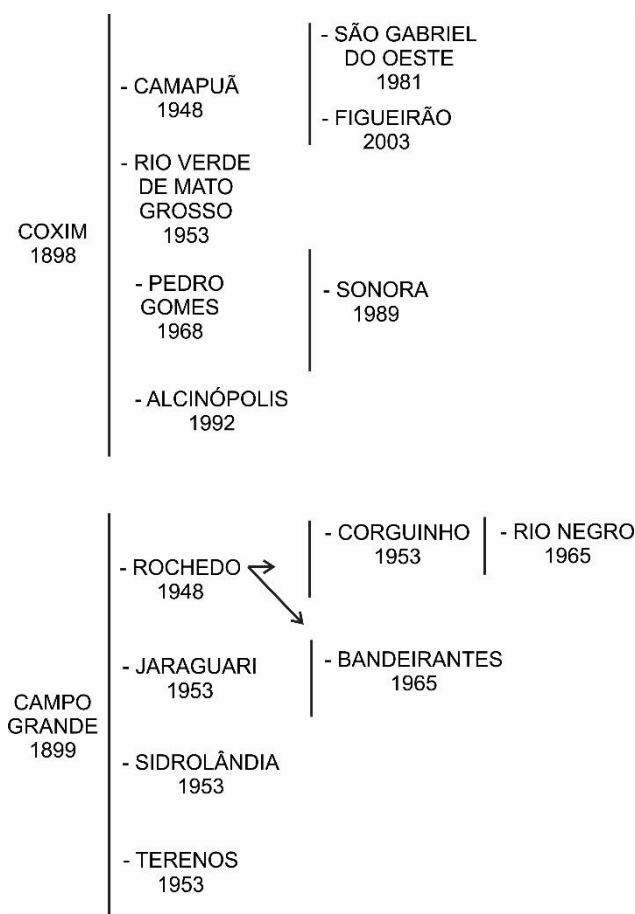


Figura 14 - Genealogia dos Municípios da Mesorregião Centro-Norte.
Fonte: IBGE, 2016. Organização: SILVA, L. O. 2016.

Tal primazia, tanto de Coxim como de Campo Grande, em um primeiro momento são reflexos do período da formação dessas cidades, e se atualmente Campo Grande desponta como a principal cidade da Mesorregião, é porque em algum momento houve fatores que convergiram, e um aproveitamento de elites que souberam ditar a cidade um momento de crescimento e dominação na mesorregião. Entretanto, é necessário um processo de periodização para melhor compreensão desse processo, pois em estudos de rede urbana, como diz Corrêa (2006, p. 43): “A realidade é sempre mais rica que nossas teorias”.

Desta forma, para compreender a rede urbana em sua formação e sua atuação no presente, se apreende a singularidade característica da rede urbana, em que:

A compreensão da singularidade de cada uma das redes urbanas nacionais ou regionais no processo de criação, apropriação e circulação do valor excedente deve ser o objetivo dos estudos de casos. Pois um estudo de caso não é senão o estudo de uma singularidade enquanto especificação da totalidade social e uma fonte para a compreensão desta mesma totalidade social (CORRÊA, 2006, p. 45).

2.4. Periodização reticular para o entendimento atual: breves proposições para uma periodização

Em estudos urbanos, principalmente os que visam compreender toda a história de uma cidade, Beltrão-Spósito (1989) explana que é necessário voltar ao passado, descobrir como antigas temporalidades moldaram a cidade, portanto, se faz necessário uma análise retroativa, de modo a periodizar a rede urbana.

Nessa perspectiva, a rede urbana começa com Cuiabá e a descoberta do novo ciclo do ouro, de maneira que o Brasil deixava de ser um arquipélago, e houve o começo de uma integração territorial, pois com base em Becker e Egler (1993), com o ciclo do ouro começaram as primeiras vilas ao redor dos focos de mineração, de modo que há as constituições de rotas boiadeiras no interior do Brasil, o que favoreceu a ocupação do Centro-Oeste brasileiro, a partir do século XVII.

Posteriormente, como um segundo ciclo, o qual impactou diretamente na emergência das cidades de Coxim e Campo Grande foi a grande oferta e disponibilidade de terras, associadas também à Guerra do Paraguai, que estimulou migrações ao sul de Cuiabá em direção à região de Coxim e Campo Grande (IBGE).

Para compreensão de uma rede urbana não é diferente, fato é a necessidade de enxergarmos o passado e entendermos como elementos se comportaram no decorrer do tempo, até as redes urbanas chegarem ao nível em que estão atualmente.

Efetivamente a região já era habitada antes da fundação de Campo Grande, visto que movimentações no Centro Oeste do país ocorrem desde a época da mineração e a importância de Cuiabá nesse processo. Porém, nosso objeto tem sua gênese efetivamente em 1872, visto que:

Consta de diversos estudos sobre a ocupação de Campo Grande que tudo começou em 1872 quando o mineiro José Antônio Alves Pereira, seus dois filhos – Joaquim e Antônio Luís – e mais quatro agregados chegaram no dia 21 de junho¹ e, à margem esquerda do córrego Anhanduizinho, ergueram um pequeno rancho de palha. (ARRUDA, 2012, p. 31)

Com evolução lenta, o pequeno vilarejo chamado de Distrito da Paz em 1889 foi promovido a distrito de Miranda pela Lei Estadual nº729. A fonte de economia era a pecuária, e com a chegada de migrantes europeus os primeiros serviços de saúde e educação foram implantados, bem como as primeiras unidades de comércio. Enfim em 1899, no dia 26 de agosto o Distrito da Paz teve promulgada sua emancipação através da Resolução Estadual nº225, emergia assim o município de Campo Grande com os seus na época aproximados 328 habitantes. E as marcas da cultura mineira se faziam presentes.

Embora simples, pequena, por se inserir nas hinterlândias de Corumbá e Concepcion no Paraguai, em que destaca, tendo em vista a localização privilegiada entre as bacias do Paraguai e Paraná, de modo que a cidade era rota de mercadores ambulantes, o que aspirava a cidade potencial de crescimento como traduz Le Boulergat (2000, p. 196):

Nesse sentido, não se torna estranho, ler nos relatórios de visitas eclesiásticas da época, referências ao dinamismo encontrado no lugar, como aquele da visita episcopal do frei Mariano Bagnaia em 1882, com a afirmação de que o povoado seria, em pouco tempo, o mais rico da Província, ou então do bispo de Cuiabá Dom Carlos Luís D'Amour, em 1886, indicando uma aglomeração ainda pequena, com apenas 86 casas e sem arruamento, mas que prometia um grande futuro, porque crescia espantosamente”.

A comunicação eram as estradas boiadeiras e o emergente município já teve em 1909 a primeira planta urbana, e fechava a primeira década do século XX com 1.200 habitantes (ARRUDA, 2012).

O grande fator para alavancar o crescimento urbano foi a possibilidade de ligação com a cidade de São Paulo, através de Bauru pela estrada de ferro Noroeste do Brasil (NOB) em 1914, de contribuiu significativamente com a demanda de carne para o mercado externo que justificaram na região a instalação dos primeiros frigoríficos (LE BOULERGAT, 2000). O que permitiu o avanço populacional para 3.367 em 1920.

De modo que a ligação ferroviária de Corumbá a Bauru deixou a hidrovia em segundo plano, fazendo novas cidades ascenderem a partir da ferrovia, além de criar novas relações econômicas e culturais em Campo Grande.

Após 1920 se destaca o crescimento da porção norte da cidade, a partir da Av. Mato Grosso, muito devido a escola da cidade para receber um dos 15 quartéis do exército brasileiro. E de complemento o crescimento foi impulsionado pela criação de um bairro militar. E com isso a população da cidade era de 10.117 habitantes (ARRUDA, 2012). Desse modo com o dinamismo propiciado pelo gado, a condição de transportes consolidada pela ferrovia e a importância estratégica adquirida para sediar o 5º Regimento de Artilharia Montada e posteriormente em 1921 sediar o Comando Militar do Mato Grosso, a cidade despontava de importância a nível nacional, de modo que se integrou ao espaço econômico nacional (LE BOULERGAT, 2000).

Em meio a esse crescimento, a região era fortalecida com a agropecuária, embora o contingente populacional fosse menor, as grandes áreas dos municípios de Campo Grande e Coxim foram sendo desmembradas, originando novos distritos, que por sua vez originaram novas cidades, que germinavam ligadas à influência de Campo Grande.

O fator exército contribuiu significativamente para a cidade ser preparada para receber investimentos, sendo evidentemente preparada para ser foco de poder, ter a gestão, de forma a concordar com Le Boulergat (2000, p. 262) que elenca:

A cidade conheceu um significativo processo de urbanificação, sobretudo, durante a construção dos novos quartéis e residência dos oficiais militares. Por outro lado, o exercício da função militar contribuiu na presença de incentivos governamentais, principalmente com a mediação do Exército, voltados à instalação de infraestrutura urbana física (arruamentos, loteamentos, canalizações de água e

esgoto, luz elétrica). As grandes empresas do Sudeste, contratadas para a implantação dos quartéis, também se constituíram em importantes suportes”

Na década de 1930 ainda convém ressaltar a condição de Sede para a Diretoria Regional dos Correios e telégrafos e também a criação da Base Aérea, para apoiar vôos, que transitavam pelo Centro-Oeste. Isso se refletiu na importância que começou a se desenhar com a cidade centro de modais, pois:

Campo Grande, como centro aero-rodoviário e entreposto comercial de maior importância no estado do Mato Grosso, tornou-se o polo mais significativo em termos também de centro de comando militar, com maior adensamento populacional e infra-estrutura de comércio e serviços [...] Até 1950, sua órbita de influência econômica já tinha atingido Cuiabá, Dourados e Nioaque”, de modo que a Campo Grande passou a exercer uma função que era a de Corumbá: a de Capital Regional (CARDOSO, 1989 *apud* LE BOURLEGAT, 2000).

De 23.054 habitantes em 1939 para 31.078 na década de 1950 com grande crescimento para mais de 70 mil na década de 1960 (ARRUDA, 2012), elencou a cidade apresentava uma condição demográfica maior do que Cuiabá, e mais do que isso, sua arrecadação também era maior e com isso um novo panorama se iniciou na cidade aliado ao crescimento propiciado pela carne bovina e ampliação da Fronteira Agrícola a partir de Dourados, de modo que a importância da cidade a nível de serviços cresceu significativamente.

Nas décadas de 1950 e 1960 a consolidação do Sudeste como grande rede urbana, fez com que Campo Grande estivesse voltado para o Sudeste e integrado nela, o que garantiu a Campo Grande integração territorial, vindo a ser periferia imediata do Sudeste (LE BOULERGAT, 2000), tentando virar uma expansão do corredor paulista, intensificando relações comerciais com o Sudeste com indústrias voltadas para a frente agrícola, de modo que a preparação veio com obras de infraestrutura em energia elétrica e transportes, com as BRs 262 e 267, além da 153, que possibilitava chegar até a Amazônia, ligando consumidores do Sul e Sudeste ao comércio da fronteira com a Bolívia e o Paraguai, além de dar acesso a Santarém e ao Amazonas.

É fato, Campo Grande foi preparada para ser Grande, para efetivamente exercer o poder:

Em função de seu dinamismo social e econômico, já em 1963, Campo Grande cidade foi o Município selecionado pelos técnicos do CIBPU, com base nos conceitos de “Pólo de Desenvolvimento

Regional”, para abrigar em escala macro-regional, a implantação do primeiro distrito industrial no Estado⁹⁴⁴. Mas esse processo que só ocorreu no início da fase seguinte. (LE BOULERGAT, 2000, p.293)

Davidovich (1987) elenca que nas décadas de 1970 e 1980 o Brasil teve um processo de reestruturação urbana, muito por política relativa ao crescimento, redução de importações. No que tange a Campo Grande, a cidade teve influência direta por dois motivos: a frente agrícola no Centro-Oeste que ditou políticas e investimentos a cidade, aumentando seu potencial para comércio e serviços. Por outro lado, outro motivo para crescimento urbano foi a cidade presenciar um novo status com a troca de sede de município para uma sede estadual. Prova disso é a população em mais de 131 mil habitantes em 1970 que tornava Campo Grande a 3ª maior cidade do Centro Oeste, atrás apenas de Goiânia e Brasília (LE BOULERGAT, 2000).

Com crescimento positivo e forte na década de 1970, a indústria bovina apresentou grande destaque, chegando a abastecer frigoríficos do Oeste de São Paulo. E a partir de 1977 com a divisão do estado de Mato Grosso e com Campo Grande se tornando a nova capital do recém criado estado de Mato Grosso do Sul é possível observar que

[...] atração pelo novo Estado, fonte de riqueza, pela soja e pelo gado, centro do poder político estadual e de localização estratégica em relação a São Paulo, trouxe mudanças nas relações empresariais locais e migrantes das mais variadas regiões (ARRUDA, 2012, p.49).

O crescimento na década de 1970 se deve também a políticas como o PND II - Plano Nacional de Desenvolvimento cujo período de vigência foi de 1975 - 1979 e trouxe consigo grande expansão para áreas agrícolas, modernizando elas e propiciando integração mais forte ao mercado nacional através de fortalecer os programas anteriores e criar maiores áreas agricultáveis.

A expansão da frente agrícola trouxe consigo a percepção que era preciso orientar um desenvolvimento para o interior, de modo que foi oficializado o PND II - Plano Nacional de Desenvolvimento II. Dentre uma das vertentes do PND II, estava o Programa Nacional de Cidades de Porte Médio PNCPM, o qual deu foco para novas cidades aspirantes e com potencial para ascensão, além de criar nove grandes áreas metropolitanas. O PNCPM deu ênfase em 115 cidades do Brasil, com quatro em Mato Grosso do Sul - Campo Grande, Três Lagoas, Dourados e Corumbá (SOUZA, 2002). Somado a capacidade de atrair investimentos, a prefeitura de

Campo Grande a partir de 1972 já oferecia incentivos fiscais as empresas que se instalassem em Campo Grande, como redução de impostos e isenção de IPTU e ISSQN, além de criar polos empresariais em lugares variados, afim de ter a presença de mão de obra próxima as indústrias.

[...] se o poder público executa altos investimentos em infra-estrutura de apoio à indústria, é de se supor que outros setores - gastos sociais públicos - sejam sacrificados. Como nos lembra Oliveira, F. (1998, p.44), o fundo público aprofunda seu lugar como pressuposto do capital.¹⁰² Segundo, por tratar-se de um empreendimento de vulto, de longo prazo e de lento retorno, ao poder público cabe a incumbência de implantá-lo [...] Este princípio é compartilhado pelo Estado brasileiro e está literalmente expresso no II Plano Nacional de Desenvolvimento no qual consta que: *nas áreas de responsabilidade da iniciativa privada, o setor público estará ativamente apoiando e estimulando a empresa, para que ocupe efetivamente os campos à sua disposição* (BRASIL, 1974, p. 50 *apud* SOUZA, 2002, p. 69). Grifos do autor.

Desse modo, Campo Grande no contexto estadual se sobressaiu no volume de investimentos recebidos, mostrando novamente toda a sua preparação para se tornar centro de poder Mesorregional, estadual e aspirante a importante ponto da rede urbana nacional, tendo recebido 78,9% de todo o investimento público, como o elencado no Quadro 2. E desse total de pouco mais de 7 bilhões, a Infraestrutura viária recebeu R\$ 230.752.613,88, Saneamento recebeu R\$ 313.606.050,31, infraestrutura econômica recebeu R\$ 412.884,01 (SOUZA, 2002), evidenciando uma preocupação maior com a preparação da cidade para atrair indústrias, do que com o social, que começava a sentir os reflexos do grande fluxo migratório, embora o PLANURB estivesse germinando.

Quadro 2 - Incentivos fiscais recebidos durante o PNCPM em reais

Município	Ano			
	1976	1979	1981	Total
Campo Grande	7.030.169.988,11	X	16.792.325,10	7.046.962.313,21
Corumbá	1.087.087.328,91	343.985.795,94	83.279,63	1.431.156.404,48
Aquidauana	343.985.795,94	X	X	343.985.795,94
Dourados	X	110.124.130,69	2.390.802,66	112.514.933,35
Três Lagoas	X	66.588.522,83	1.918.021,43	186.884,13
Mato Grosso do Sul	X	X	X	8.934.806.331,11

Fonte: FAU-USP 1984 *apud* ADAULTO, 2002. Org. SILVA, L. O., 2017. Conversão em reais: FEE, 2017.

Os reflexos disso foram observados no salto populacional na década de 1980, com a população em mais de 250 mil habitantes. A capital se tornou propícia a empresas de construção civil e principalmente para o mercado imobiliário, com uma expansão principalmente para a porção sul. Evidenciando investimentos federais em moradias, visto que foram construídas mais de 25 mil unidades por volta de 4 anos na década de 1980, gerando inúmeros problemas, pois se localizavam em áreas periféricas. Os problemas se expandiram também na esfera econômica com a crise provocada pela década perdida, visto que os custos de produção aumentaram significativamente em paralelo a redução de incentivos (LE BOULERGAT, 2000). O que se manteve forte, entretanto foi o setor da pecuária, com relativa estabilidade até a década de 2000.

O crescimento gerou atração, e ela desordem, de modo que o planejamento urbano não suportou e sucumbiu:

Os administradores do Município não conseguiram manter o controle sobre a materialidade desse forte crescimento populacional no território, diante da intervenção da iniciativa privada nos negócios imobiliários. No final dos anos 50, a maior preocupação dos administradores do Município, passou a ser o controle e ordenamento da segurança pública e do abastecimento urbano para o grande contingente de população urbana do Estado, concentrada em Campo Grande. Na década de 60, a oferta municipal de serviços de infraestrutura física (água e esgoto), tornou-se incompatível com as necessidades dos usuários, em função do espraiamento e dispersão dos assentamentos urbanos (LE BOULERGAT, 2000, p. 298).

Até a década de 1960 é inegável que houve preocupação com o planejamento urbano, uso e ocupação do solo da cidade, porém esses eram muitas vezes trabalho em que empresas eram contratadas, deixando muitas vezes a população à mercê das decisões, sendo elas por momentos fechadas. Era preciso então novas formas de se planejar, pois a cidade já crescia e após virar oficialmente capital na década de 1980, as migrações para Campo Grande só aumentaram, evidenciando em problemas sérios. A cidade foi para o caos, vindo a apresentar problemas como falta de moradias, falta de serviços essenciais como educação e saúde pelo inchaço, e uma completa desorganização em vias e loteamentos, em que os reflexos são sentidos até hoje.

O caos urbano se deveu, de um lado, à localização dos conjuntos habitacionais distantes do centro urbano e, do outro, à inexistência de infraestrutura básica e de equipamentos sociais, como escola, posto de saúde, posto policial, contribuindo para, ao invés de

resolver a questão habitacional, criar mais problemas para a administração municipal, aumentando investimentos em transporte urbano, pavimentação e outros e jogando a população para locais distantes do centro de emprego [...] Mais do que isso: a inexistência de um órgão municipal de planejamento urbano, que pudesse elaborar as diretrizes urbanísticas necessárias para acompanhar o crescimento vertiginoso, contribuiu para que os mais de 120 loteamentos aprovados na década de 1980 desorganizassem o tecido urbano pela descontinuidade das vias públicas, demarcação das áreas destinadas à recreação e lazer e aos equipamentos comunitários futuros sem planejamento e admitindo sobras e pontas de quadra que hoje não servem para nenhuma construção pública (ARRUDA, 2012, p.29).

A partir de 1985 devido a novos incentivos fiscais (reduções de ICMS da casa de 67%) foi aberto espaço para maior instalação de indústrias em Mato Grosso do Sul, e Campo Grande emergiu no ponto de vista da indústria frigorífica, devido à presença de rebanho, custo de transportes se tornando cada vez menores, fazendo com que grande parte de frigoríficos se aglomerassem em algumas regiões do estado e dentre elas a microrregião de Campo Grande, além da instalação de indústrias da soja com maior injeção bancária e comercial na cidade alavancou o potencial centralizador da cidade.

Na década de 1990 a população ultrapassava 500 mil, porém houve redução do crescimento tanto populacional como econômico devido à crise principalmente no setor agrário, de modo que provocou recessão no setor terciário, bem como excedente de mão de obra. Por outro lado, em termos de planejamento urbano é válido ressaltar o foco em projetos urbanísticos e áreas verdes, como o Parque das Nações Indígenas, aprovação do Plano Diretor de 1995, e fechava a década do seu centenário com mais de 600 mil habitantes.

Com esse cenário de retração, o setor de serviços cresceu, principalmente no que diz respeito a comércio e ICMS ao passo que a partir de 1996 eles estavam concentrados em Campo Grande e representando 94% de tudo o que era arrecadado no estado, evidenciando que

Ocorreu, portanto, nessa fase, uma forte consolidação de funções regionais político-administrativas e econômicas, amparada pela melhor estruturação, recuperação e pavimentação da malha viária e pelos avanços na área de telecomunicações, fortalecendo ainda mais sua centralidade junto à rede urbana, ainda em formação (LE BOULERGAT, 2000 p. 352).

A partir da década de 2000 o reflexo dos corredores viários da desconcentração industrial provocou novos efeitos em relação à economia da cidade

de Campo Grande, pois novos polos emergem no aspecto industrial, como por exemplo, o crescimento vertiginoso experimentado pela cidade de Três Lagoas (MILANI, 2012). O que leva de fato a consolidação da cidade de Campo Grande como principal ponto de serviços mais especializados no estado.

Em 2010 a população junto ao censo foi de 786 mil pessoas, e para o ano de 2015 as estimativas foram de mais de 850 mil habitantes e Campo Grande ainda se mantém como a grande cidade do estado, a nível de importância política e econômica no que se refere a serviços. E o crescimento não para, pois projeções apontam para que a cidade ultrapasse 1 milhão de habitantes por volta de 2027 (ARRUDA, 2012).

É de valia ressaltar a grande gama de investimentos e interesses em Campo Grande, de modo a justificar o que ela é atualmente:

No conjunto do estado, Campo Grande foi, sem dúvida, a cidade que mais catalisou o crescimento urbano e econômico, além de ter-se transformado em capital político-administrativa [...] A modernização das áreas de cerrados, especialmente do Norte do Estado, estabelecendo fluxos com Campo Grande e a transformação em capital político-administrativa, só fizeram ampliar a centralidade de suas funções, de modo que na década de 90, a cidade se tornou o maior centro de serviços do Estado. (LE BOULERGAT, 2000, p. 350).

Desse modo temos que:

Campo Grande, ao materializar internamente, parte importante e nodal do meio técnico-científico e informacional agregado ao Estado, tornou-se o espaço regional mais fluído para a circulação de bens e ideias. A combinação dessa materialidade com o meio natural, as rugosidades apresentadas pelas fases anteriores (áreas do Exército e do conjunto da ferrovia), diante da aceleração do crescimento demográfico baseado na presença significativa do automóvel, atribuiu o aspecto de cidade espalhada, de fraca densidade demográfica, e segregada [...] Ao mesmo tempo, vai se impondo uma nova ordem urbana, estabelecida em rede, que amplia os fluxos internos na cidade, dotando-a de novas centralidades, ao mesmo tempo em que vai colocando em cheque a ordem segregacionista do espaço marcado por descontinuidades (LE BOULERGAT, 2000, p. 393).

Sua localização em relações a modais de transportes faz com que a cidade sempre se coloque como ponto importante no território, ademais por sua importância política.

Nossa proposta é uma periodização de forma sucinta, de modo que se torne clara a forma como a rede urbana se constituiu, bem como os fatores e

principalmente os agentes que a moldaram, para enfim compreender a sua articulação, e, por conseguinte a primazia que a cidade de Campo Grande apresenta.

Nesse sentido, é necessário elencar algumas variáveis importantes, principalmente acerca do estado de Mato Grosso do Sul, bem como a importância de Campo Grande, no que diz respeito aos modais com que ela é servida, como rodoviário, ferroviário e atualmente o aeroviário, o que representa um potencial de articulação muito amplo.

Vale salientar que em relação ao Mato Grosso do Sul:

[...] não é demasiado lembrar que o Mato Grosso do Sul é um estado recente - foi criado no final da década de 1970, abarcando a porção meridional do antigo Mato Grosso numa extensão aproximada de 357 mil km², atualmente ocupado por mais de 2,2 milhões de pessoas numa distribuição irregular e concentrada em sua metade centro-oriental. A geografia do estado lhe confere uma individualidade marcada por sua posição geográfica justaposta na América do Sul, podendo atuar como um elo para os fluxos entre os oceanos Atlântico e Pacífico e a porção centro-meridional deste continente, o que apresenta uma importância que, do ponto de vista geopolítico e geoeconômico, vai além dos limites do território brasileiro. Outro aspecto particular deste estado é sua estrutura física e condição de fronteira (OLIVEIRA, PAIXÃO e YONAMINI, 2011, p. 372).

A esse respeito, ainda convém destacar a importância de vias para um nó de rede, ao passo que:

Os fluxos, de todo tipo - das mercadorias às informações pressupõem a existência das redes. A primeira propriedade das redes é a conexidade - qualidade de conexo -, que tem ou em que conexão, ligação. Os nós das redes são assim lugares de conexões, lugares de poder e de referência (DIAS, 1995, p. 148).

Para justificar a importância do nosso objeto de estudo, a rede urbana da mesorregião, mas, mais do que isso, a centralidade que a cidade de Campo Grande exerce, Oliveira, Paixão e Yonamini (2011, p. 373) acrescentam que: “Com base em alguns estudos, observa-se que não houve redução da importância de Campo Grande enquanto polo irradiador e centralizador das ações distributivas do desenvolvimento do estado”.

Dessa forma dar-se-á ênfase nessa abordagem no Capítulo III, com a priorização de algumas variáveis, dentre elas: população, arrecadação e serviços públicos, para mostrar como ocorre a dinâmica reticular da referida mesorregião.

3. CARACTERIZAÇÃO DA REDE URBANA DA MESORREGIÃO CENTRO-NORTE DE MATOGROSSO DO SUL

Nesta parte do trabalho buscou-se em Milani (2012), que ao trabalhar com a Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul aplicou a metodologia de estudo das continuidades e descontinuidades territoriais, viés que Oliveira (2013) também se utilizou, porém com menor ênfase. Destarte nossa abordagem de certa forma vai ao encontro com as metodologias já utilizadas, pois se entende que nos fornecem um aporte teórico de grande valia para este estudo, pois permite a compreensão sobre as dinâmicas reticulares que ocorrem no e sobre o território.

3.1. O fator população

A população é fator determinante em relação a capacidade de relações variadas, por permitirem que serviços mais especializados tenham demandas em locais de grande população, porém como aponta Milani (2012), a população por si só não caracteriza uma rede, como na Tabela 2, visto que através deles não compreendemos a dinâmica reticular.

Com base nos dados populacionais é nítida a grande diferença populacional da cidade de Campo Grande, em relação às demais, de um modo que Campo Grande ultrapassa mais de 850 mil habitantes, chegando a quase 80% do total de habitantes da mesorregião, número populacional que representa também 32,2% de toda a população do estado de Mato Grosso do Sul, que é de aproximadamente 2.651.235 (IBGE, 2016). Outro fator importante é a grande quantidade de cidades com um número baixo de habitantes, evidenciando padrões muito desiguais.

A disparidade populacional entre Campo Grande e as demais cidades podem ser explicadas pelo crescimento econômico e também político da cidade, visto que após se tornar capital do estado a cidade adquiriu maior importância a nível nacional, e consolidou sua influência regional.

Ademais é válido ressaltar que as cidades que mais se aproximam em demografia de Campo Grande são Sidrolândia, Coxim e São Gabriel do Oeste, visto que Sidrolândia e São Gabriel do Oeste despontam como cidades importantes em relação a atividades agrícolas que dão suporte a economia, o que naturalmente gera uma atração populacional.

Coxim apresenta uma população de mais de 33 mil habitantes, justificada por seu histórico na ocupação da mesorregião, além de estar a uma distância considerável de Campo Grande, 266 quilômetros o que faz da cidade um centro mais regional para suprir certas necessidades seja na saúde, educação, comércio, como serviços policiais.

Essa tendência da desigualdade populacional pode ser observada de acordo com o mapa de evolução populacional, observado na Figura 15, ao passo que Campo Grande foi se mostrando e se afirmando cada vez mais no elemento população a grande referência e o destaque fica para a grande evolução entre os anos de 1980 e 2000, em que a população cresceu em 20 anos cerca de 400 mil habitantes, muito pela importância que a capital adquiriu, após 1977, ao se tornar a capital do recém formado estado do Mato Grosso do Sul, como citado acima. Estimativas apontam que Campo Grande deve ultrapassar 1 milhão de habitantes em 2027 (ARRUDA, 2012)

Tabela 2 - População estimada 2015.

POPULAÇÃO ESTIMATIVA 2015		
Localidade	2015	2015%
Alcinópolis	5.038	0,47
Bandeirantes	6.771	0,63
Camapuã	13.731	1,27
Campo Grande	853.622	79,12
Corguinho	5.513	0,51
Coxim	33.139	3,07
Figueirão	3.012	0,28
Jaraguari	6.860	0,64
Pedro Gomes	7.794	0,72
Rio Negro	4.910	0,46
Rio Verde de Mato Grosso	19.462	1,80
Rochedo	5.252	0,49
São Gabriel do Oeste	24.982	2,32
Sidrolândia	51.355	4,76
Sonora	17.483	1,62
Terenos	19.914	1,85
Total Centro Norte de MS	1.078.838	100,00

Fonte: IBGE: 2016.

E prova dessa disparidade demográfica é que apenas Campo Grande tem mais de 100 mil habitantes, Sidrolândia mais de 50 mil, Coxim com mais de 30 mil e São Gabriel com mais de 20 mil habitantes, além de fato da mesorregião apresentar

8 municípios que não chegam a 10 mil habitantes, com base na estimativa do IBGE em 2015.

A demografia tem um fator relevante, principalmente nas pesquisas e caracterizações do IBGE, para a definição de uma cidade de porte médio, as quais o instituto afirma que as cidades acima de 100 mil habitantes são caracterizadas como cidades de porte médio, porém o tamanho demográfico envolve a possibilidade de maior ou menor economia de escala, dando a possibilidade de desenvolver funções urbanas, assim como o desenvolvimento de funções urbanas, pode atrair um crescimento demográfico, fazendo com que novas funções se criem, ou que ampliem as já existentes (CORRÊA, 2007).

Dessa forma, ao analisar em termos de articulação reticular, a análise se pauta nos bens e serviços, como os que as cidades ofertam, suas principais atividades econômicas, evidenciando sua capacidade ou não de atração.

Entretanto, quanto à variável populacional da Mesorregião Norte a hierarquia urbana assim se apresenta:

- 1) Campo Grande
- 2) Sidrolândia
- 3) Coxim
- 4) São Gabriel do Oeste
- 5) Terenos

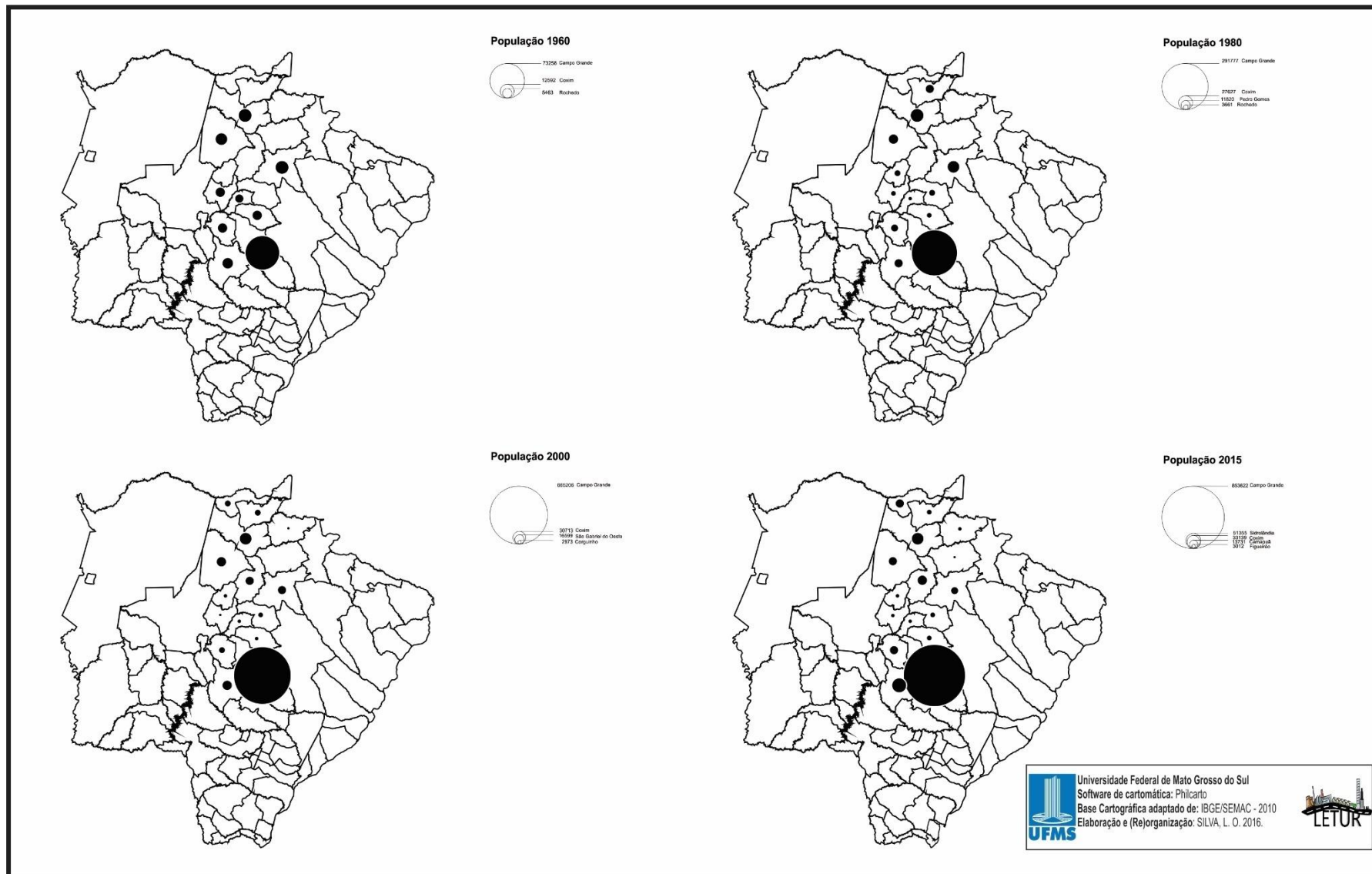


Figura 15 - Evolução populacional 1690-2015. Fonte: IBGE/SEMADE 2016.

3.2. Oferta de bens e serviços

Ao se trabalhar com outras variáveis complementares à demografia, a capacidade de traçar uma especialização mais concisa se evidencia, ao passo que variáveis diferentes complementam o entendimento e permitem uma forma mais qualitativa da análise.

Dessa forma:

[...] há quatro tipos de fluxos que permeiam o espaço demográfico, que são movimento de pessoas, de comércio, de informações e de capitais, ou ainda, os fluxos migratórios, de mercadorias, informacionais, monetários e financeiros. Antes, os fluxos eram restritos aos seus estados ou países, contudo, na contemporaneidade eles atravessam fronteiras e estabelecem nova dinâmica no território (DIAS, 2007 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 42).

Portanto ao se analisar os dados elencados pelos estabelecimentos comerciais, mostrados na Tabela 3, tem-se uma noção maior da capacidade de estabelecimentos comerciais, embora não seja uma análise da tipologia, mas sim apenas a quantidade, o que dessa forma se encontra imbricado com a capacidade do mercado local, ou mesmo em alguns casos regional. Há uma predominância natural de estabelecimentos de varejo, os quais foram o final do ciclo do comércio, forma direta vendedor e consumidor. Já estabelecimentos de atacado, requerem uma demanda muito grande de mercadoria, os quais só podem ser encontrados em cidades com maior oferta, e desse modo, com maior capacidade de circulação.

Desse modo, com base nos estabelecimentos comerciais e como forma de estabelecer uma hierarquia, Campo Grande se desponta como a que mais tem estabelecimentos comerciais, de forma muito desigual e disparada com as demais cidades, além de mostrar a gama de serviços especializados que podem ser encontrados na cidade.

Assim, a hierarquia se estabelece desse modo:

- 1) Campo Grande - 18.502
- 2) Sidrolândia - 784
- 3) Coxim - 685
- 4) São Gabriel do Oeste - 519
- 5) Rio Verde de Mato Grosso - 450

Tabela 3 - Estabelecimentos Atacadistas e Varejistas do Centro-Norte de Mato Grosso do Sul.

Municípios	Atacadista	Varejista	Total
Alcinópolis	1	96	97
Bandeirantes	7	114	121
Camapuã	11	307	318
Campo Grande	912	17.590	18.502
Corguinho	-	73	73
Coxim	27	658	685
Figueirão	-	56	56
Jaraguari	4	66	70
Pedro Gomes	6	155	161
Rio Negro	1	92	93
Rio Verde de Mato Grosso do Sul	12	438	450
Rochedo	1	64	65
São Gabriel do Oeste	31	488	519
Sidrolândia	44	740	784
Sonora	16	352	368
Terenos	6	196	202

Fonte: SEMADE, 2016.

As indústrias são as bases de transformação, geradoras de bens e com grande potencial de atração e visibilidade para um dado território, porém suas contradições devem ser revistas. Campo Grande como se evidencia na Tabela 4, tem uma quantidade elevada de indústrias, em relação as demais cidades.

O histórico de investimentos na cidade explica isso, principalmente os investimentos de caráter estratégicos, dentre os quais podemos citar o quanto a cidade recebeu em dinheiro pelo “PAC”, de modo que os recursos desse programa foram investidos em setores como construção do Anel viário da BR 262, de modo a desafogar o fluxo de cargas dando mobilidade a logística e escoamento da produção industrial, subestações de energia, saneamento básico, drenagem e urbanização, de modo que muitas obras tenta amenizar a desordem ocorrida com o planejamento urbano da cidade com o inchaço urbano ocorrido a partir da década de 1960.

Os investimentos somam um total de R\$ 698.711.499,92, aproximadamente 91,2% de todo o recurso destinado as cidades da mesorregião Centro-Norte. Além disso, há uma receita de 200 milhões em ampliações de rodovias e 45 milhões para construção de uma Unidade UEMS na cidade, elencando que embora a cidade não tenha um ritmo tão acelerado perante a industrialização, ela ainda é foco de poder na mesorregião.

É válido destacar que os investimentos do “PAC” e “MS Forte 3” não serão a solução para todos os problemas, porém são investimentos em setores que propiciam melhor qualidade de vida, como a fluidez da mobilidade e o saneamento básico, além de ocasionar mais investimentos privados para o município.

Em termos de investimentos recentes, o pacote de obras “MS Forte 3” lançado em 2014 gerou investimentos consideráveis em infraestrutura rodoviária, porém o investimento principal em Campo Grande será de 45 milhões, para a criação de uma sede da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, de modo que a previsão é que a nova estrutura atenda mais de 2.500 alunos, além de 24 mil usuários que poderão usufruir de serviços de saúde (ROCHA, 2013).

Tabela 4 - Total de indústrias na mesorregião em 2000/2010/2014.

Municípios	Quantidade		
	2000	2010	2014
Alcinópolis	2	6	10
Bandeirantes	7	11	15
Camapuã	24	13	31
Campo Grande	923	1.347	2.461
Corguinho	2	8	13
Coxim	52	73	115
Figueirão	-	3	6
Jaraguari	6	7	15
Pedro Gomes	6	11	18
Rio Negro	6	7	10
Rio Verde de Mato Grosso	31	53	75
Rochedo	8	7	9
São Gabriel do Oeste	28	47	77
Sidrolândia	33	71	124
Sonora	12	19	39
Terenos	22	33	64

Fonte: SEMADE, 2016.

No que tange às tipologias industriais no ano de 2014, o destaque são as indústrias do ramo da construção civil e mais especificamente as de construções de edifícios, com 336 unidades em Campo Grande, 20 em Sidrolândia, 3 unidades em São Gabriel do Oeste, Sonora e Terenos. Em seguida aparece a indústria de confecção de roupas e artigos de vestuário, com 258 unidades em Campo Grande, 11 em Sidrolândia, 9 em Coxim, 6 em Terenos, 4 em São Gabriel do Oeste e em Rio

Verde de MT. Cabe aqui a ressalva que a grande parte dessas indústrias, como observado na Tabela 3, se localizam na cidade de Campo Grande. A Figura 17 apresenta a tipologia industrial na mesorregião Centro-Norte, de um total de 3084, as quais estão dispostas como mostra o Gráfico.

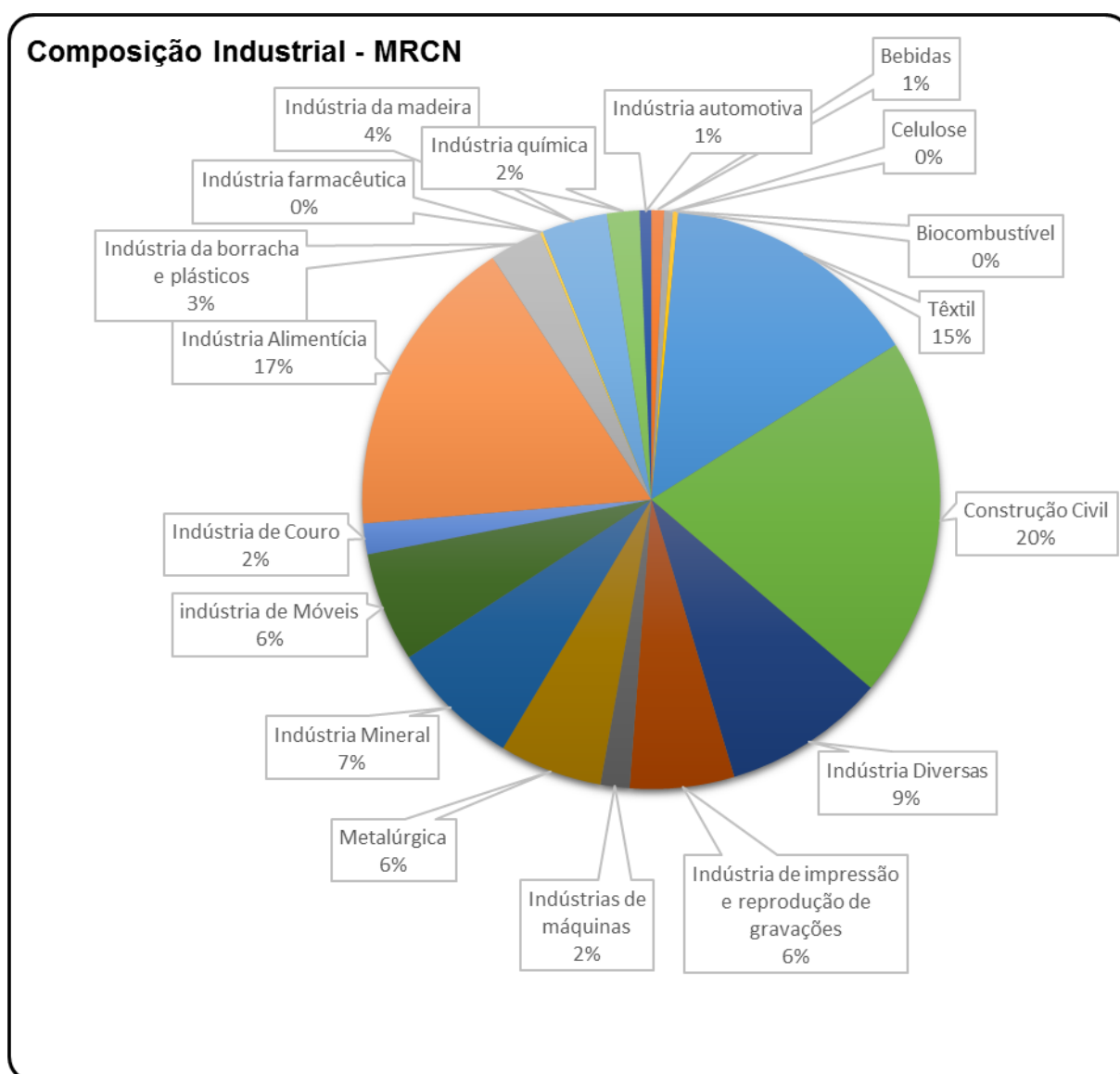


Figura 16 - Tipologia industrial da mesorregião Centro-Norte 2014. Fonte: SEMADE, 2016.

Em seguida aparecem as indústrias do setor alimentício, as quais apresentam grande variedade de produtos ofertados na mesorregião (abates, produção de carnes, moagem, trigo, açúcar, panificação, entre outras) e dentre elas o setor de Laticínios, que aparece em 14 das 16 cidades da mesorregião, com

destaque para Campo Grande com 28, mas com discrepância menor, pois em seguida aparecem Coxim com 13, Sidrolândia com 12, São Gabriel do Oeste com 8, Sonora e Rio Negro com 5 cada.

O município de Figueirão apresenta o menor número de indústrias, ao passo que sua fundação recente e baixa demografia colaboram para ter 6 indústrias instaladas, nas áreas de metalurgia, alimentícia, têxtil e construção civil.

Os dados de tipologia industrial estão dispostos em 59 variáveis, das quais selecionamos e juntamos semelhantes para elaborar o gráfico acima. Além disso, Campo Grande apresenta os primeiros dados em 52 variáveis das 59 sendo superada somente em Indústrias de Biocombustíveis e Álcool por Sidrolândia (6) e Sonora (1) não dispõe de nenhuma indústria alimentícia de produção de açúcar contra Pedro Gomes e Rio Verde de Mato Grosso com 1 cada., Cerâmicas e barros para a construção por Rio Verde de Mato Grosso (9) tendo 6, Azulejos e Pisos não apresentando nenhuma contra Rio Verde de Mato Grosso (4), Indústria de Farinha de Milho e derivados por Sidrolândia (2) e Terenos (2) apresentando 1.

Em suma, no que tange à tipologia podemos elencar os principais tipos industriais da mesorregião na Tabela 5, de modo que a predominância de indústrias se dão pelo tipo alimentício, principalmente laticínios e alguns frigoríficos de destaque, em cidades como São Gabriel do Oeste (Aurora), Sidrolândia (Seara) e Campo Grande (JBS).

A área de construção civil tem presença forte, ao passo que existem bastantes indústrias voltadas a esse setor, de variadas tipologias como cerâmicas, azulejos, estruturas pré-moldadas, engenharia civil, britamento, cimento e concreto. É válido também destacar o papel de Sidrolândia e Sonora no que diz respeito a produção de Álcool.

Dessa forma se pensando em hierarquia urbana pelas principais tipologias:

- 1) Campo Grande - 2.461 indústrias.
- 2) Sidrolândia - 124 indústrias.
- 3) Coxim - 115 indústrias.
- 4) São Gabriel do Oeste - 77.
- 5) Rio Verde de Mato Grosso - 75.

No ano de 2013 esse total de estabelecimentos diversos, associada à indústria e a própria população em termos demográficos, mal distribuídos na

mesorregião ocasiona arrecadação municipal extremamente desigual, assim como o Produto Interno Bruto das cidades. Campo Grande monopoliza e conta com valores disparados de produção, passando dos 20 bilhões reais anuais, enquanto que Sidrolândia e São Gabriel arrecadam apenas pouco mais de 1 bilhão de reais anuais (SEMADE, 2016).

Tabela 5 - Tipologia industrial

Municípios	Principais atividades	Tipologia
Alcinópolis	Construção Civil	Estrutura pré-moldadas e trabalhos com Cerâmicas
Bandeirantes	Alimentícia	Laticínios
Camapuã	Construção Civil e alimentícias	Construção de edifícios e laticínios
Campo Grande	Construção Civil e Alimentícia	Construção de edifícios, rodovias, ferrovias, engenharia civil. Laticínios, Abate de Bovinos
Corguinho	Trabalhos com Madeira	Serrarias e Produção de Carvão Vegetal
Coxim	Alimentícias	Abate de bovinos e laticínios
Figueirão	Equipamentos, serras	Produção de serras e laticínios
Jaraguari	Alimentícias	Laticínios
Pedro Gomes	Alimentícias	Laticínios
Rio Negro	Alimentícias	Laticínios
Rio Verde de Mato Grosso	Indústria Mineral	Produção de Cerâmicas, azulejos e pisos. Britamento e extração de areia
Rochedo	Têxtil	Produção de roupas, exceto íntimas
São Gabriel do Oeste	Alimentícia	Abate de suínos, aves e pequenos animais Laticínios
Sidrolândia	Alimentícia	Abate de suínos, aves e pequenos animais Laticínios
Sonora	Alimentícias e Fabricação de Álcool	Laticínios, indústrias voltadas a panificação Fabricação de álcool
Terenos	Mineral	Cimento e concreto. Produção de Cerâmicas. Britamento e extração de minerais não metálicos.

Fonte: SEMADE, 2016.

As cidades menores por sua vez, com poucas indústrias, ainda dependerão de Campo Grande, pois embora tenham arrecadação por meio industrial, sua renda será drenada para a Capital, que muitas vezes impede o crescimento das cidades

ao seu redor, minando o comércio delas. Deste modo, a Tabela 6 destaca a situação decorrente da discrepante arrecadação.

A referida tabela ainda traduz dados acerca do PIB per capita, evidenciando que embora Campo Grande tenha uma grande produção em relação ao PIB, a divisão não é a mais igualitária, pois é superado por São Gabriel do Oeste, uma cidade menor se comparada com Campo Grande, mas que se aproveita da grande geração de renda obtida na agricultura, que reflete em um PIB per capita maior.

Tabela 6 - PIB e per capita dos municípios da mesorregião Centro-Norte em 2013.

Localidade	PIB 2013	PIB per capita 2013	Ranking PIB MS
Alcinópolis	127.612.000	R\$ 26.133,98	67º
Bandeirantes	225.396.000	R\$ 33.406,78	49º
Camapuã	293.435.000	R\$ 21.309,73	43º
Campo Grande	20.674.988.000	R\$ 24.839,24	1º
Corguinho	77.849.000	R\$ 14.719,02	77º
Coxim	671.967.000	R\$ 20.394,77	19º
Figueirão	61.603.000	R\$ 20.554,88	79º
Jaraguari	128.912.000	R\$ 19.252,11	66º
Pedro Gomes	149.268.000	R\$ 18.875,52	61º
Rio Negro	69.813.000	R\$ 13.993,39	78º
Rio Verde de Mato Grosso	348.424.000	R\$ 18.005,48	37º
Rochedo	110.513.000	R\$ 21.433,85	72º
São Gabriel do Oeste	1.033.442.000	R\$ 42.997,38	14º
Sidrolândia	1.057.068.000	R\$ 22.009,87	12º
Sonora	560.032.000	R\$ 33.853,13	24º
Terenos	280.617.000	R\$ 14.814,54	46º

Fonte: SEMADE, IBGE, 2016.

Ademais, os dados da tabela ainda permitem apreender que o maior e os menores PIB do estado estão compartilhando na mesma mesorregião, de modo que apenas Campo Grande figura entre os 10 maiores PIB estado, na medida em que 6 cidades aparecem entre os 15 que menos arrecadam; sendo que as cidades que menos arrecadam são Rio Negro, e a cidade mais recente da mesorregião que é Figueirão (SEMADE, 2016). A Figura 18 mostra uma relação do ranking dos melhores PIB comparado a renda per capita, o que elenca uma grande disparidade entre arrecadação e distribuição da renda arrecadada.

É preocupante a situação em que a mesorregião apresenta várias cidades entre as piores do estado, mesmo sendo a mesorregião que mais arrecada, evidenciando que existem áreas preparadas para crescer e outras elevadas a um

grau maior de dificuldade para seu crescimento. É visível principalmente nos municípios mais próximos a Campo Grande, pois Rochedo, Corguinho e Rio Negro figuram entre os piores PIB do estado e para piorar o seu PIB per capita acaba sendo baixíssimo também, o que reflete também em uma baixa qualidade de vida. Essa análise se torna pertinente ao passo em que não há uma regra em que os melhores PIB são necessariamente os melhores per capita,

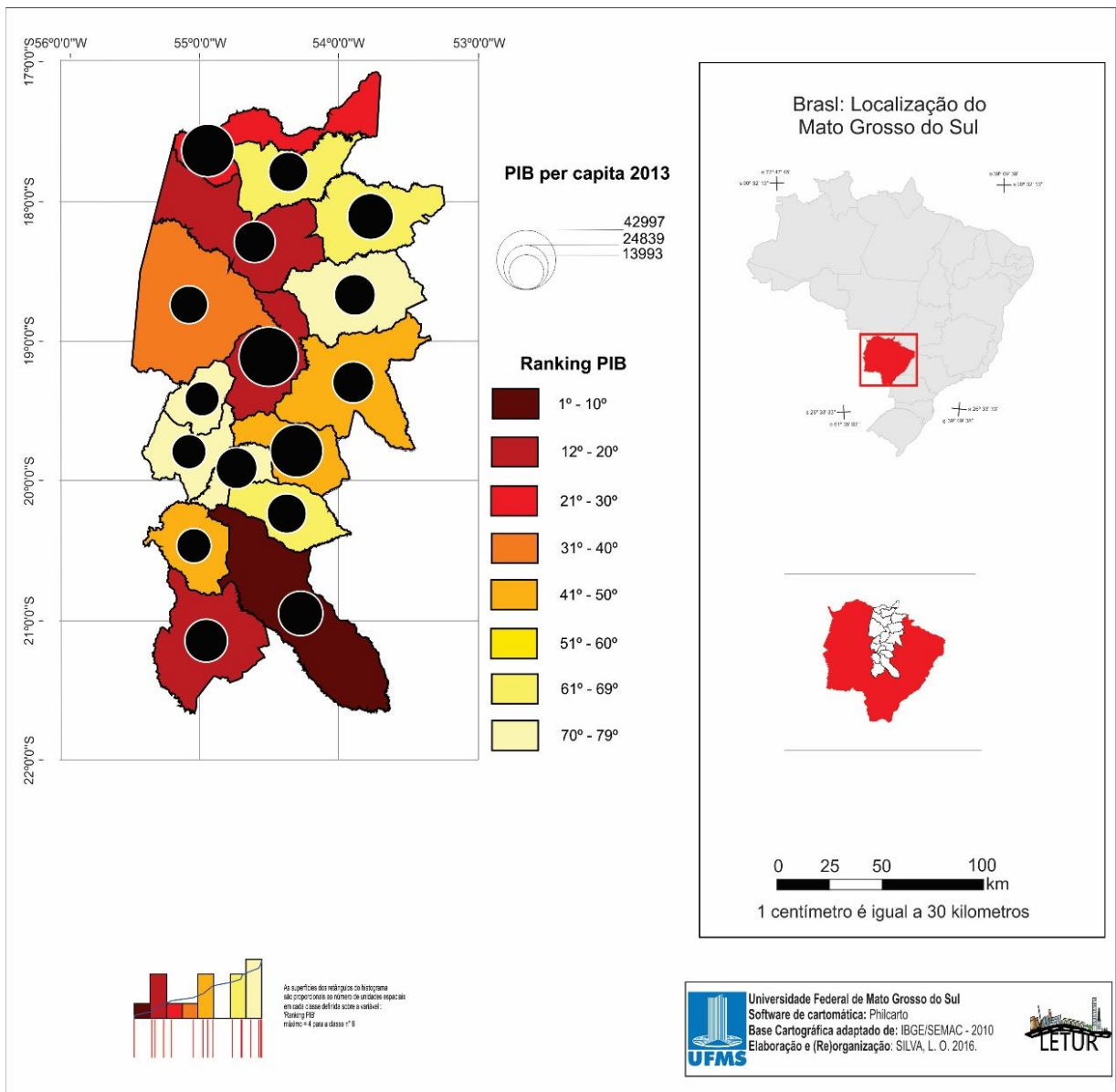


Figura 17 - PIB per capita e Ranking estadual de PIB da Mesorregião Centro-Norte.
Fonte: SEMADE, 2016; IBGE, 2016.

Destarte, a grande quantidade de indústrias e estabelecimentos comerciais implica diretamente na capacidade de produção das cidades, por conseguinte infundido em sua capacidade de produção, geram reflexos nos valores do PIB.

Todavia, a capacidade de ter estabelecimentos comerciais e principalmente indústrias faz com que a economia movimente um mercado interno e possibilita também a arrecadação fiscal por parte das prefeituras.

Contudo, essa tendência desigual reflete também em índices sociais por ventura irregulares, como no caso do Índice de Desenvolvimento Humano, que de acordo com a Figura 18, embora estejam em certa desigualdade, houve, porém, a partir de 1992 um notável aumento, principalmente nas cidades menores da mesorregião, evidenciando um aumento na qualidade de vida.

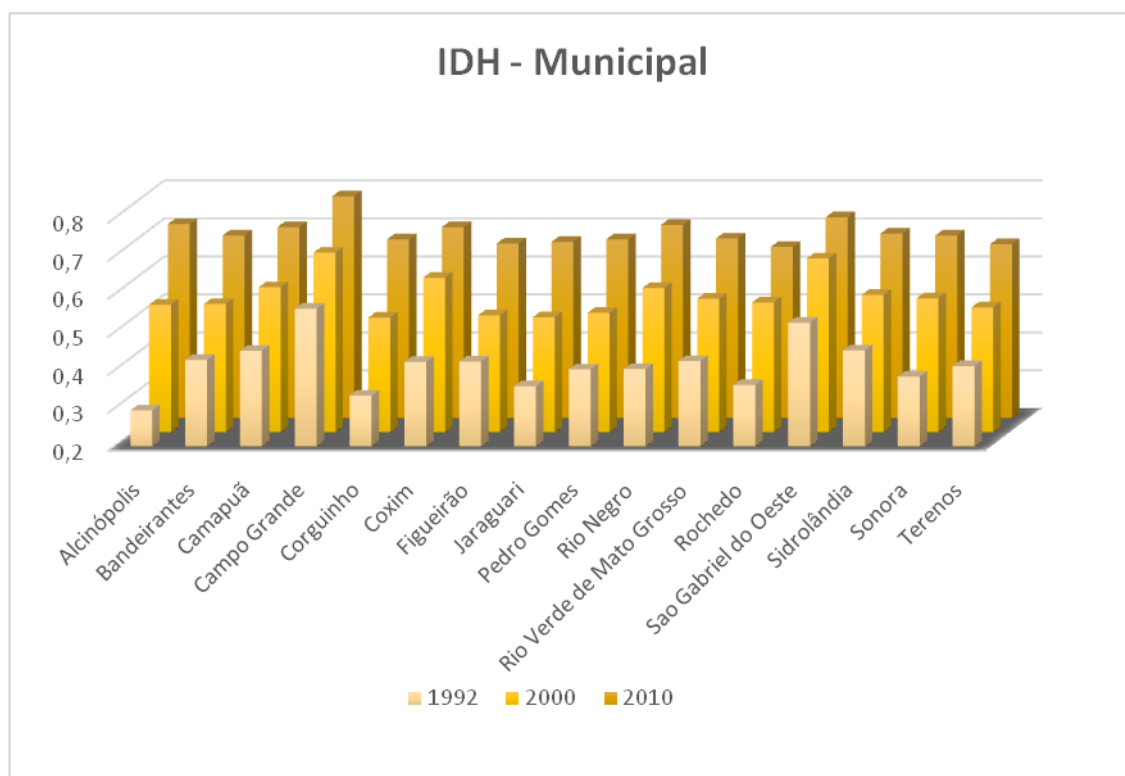


Figura 18 - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal.
Fonte: SEMADE, 2016.

Entretanto o IDH não é a única forma de medir dados estatísticos, com o propósito de obtenção de uma análise qualitativa de um fenômeno, o Índice de Desenvolvimento Humano ao correlacionar o PIB com educação e saúde nos permite traçar um panorama de como está a qualidade de vida de uma cidade, bem como

como está sendo feita a distribuição de renda, de modo a permitir uma compreensão acerca de eventuais desigualdades e concentrações de renda.

O Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal é um indicador que pretende também mostrar a qualidade de vida dos municípios brasileiros, de modo que em comparação ao IDH ele se mostra atualizado com uma periodicidade maior, sendo composto por variáveis como Educação, Saúde, Emprego e Renda. A Tabela 7 elenca os dados do ano de 2013 do Índice Firjan, o qual considera acima de 0,8 alto, de 0,6 até 0,8 moderado, 0,4 até 0,6 regular e inferior a 0,4 baixo.

Tabela 7 - Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal

Nacional	Estadual	IDFM Consolidado	UF	Município
277º	3º	0.8195	MS	Campo Grande
319º	4º	0.8134	MS	São Gabriel do Oeste
874º	9º	0.7637	MS	Rochedo
1464º	22º	0.7288	MS	Coxim
1488º	23º	0.7275	MS	Bandeirantes
1701º	26º	0.7162	MS	Sonora
1747º	27º	0.7136	MS	Terenos
1776º	28º	0.7120	MS	Alcinópolis
1952º	32º	0.7023	MS	Rio Verde de Mato Grosso
2234º	38º	0.6887	MS	Camapuã
2716º	45º	0.6624	MS	Pedro Gomes
3228º	55º	0.6360	MS	Figueirão
3419º	59º	0.6222	MS	Sidrolândia
3471º	61º	0.6195	MS	Corguinho
3545º	62º	0.6146	MS	Rio Negro
3662º	66º	0.6069	MS	Jaraguari

Fonte: Firjan, 2016.

Com base no Índice Firjan Campo Grande e São Gabriel do Oeste apresentam com folga os melhores indicadores, ao passo que Rio Negro e Jaraguari apresentam os piores da mesorregião. Aliás, os quatro piores indicadores são de municípios próximos a Campo Grande, o que pode apresentar defasagem em serviços básicos como educação e saúde. Aliás, a saúde como estudado mais à frente apresenta de fato vários problemas, dos quais a grande concentração dos serviços estar em Campo Grande, além da eventual falta de leitos. Os problemas da mesorregião são evidenciados no aspecto que o melhor município no contexto de Brasil da mesorregião é Campo Grande, que ocupa uma posição distante dos melhores 100 municípios, sendo apenas o 277º. Embora não conste na tabela, os

melhores municípios de Mato Grosso do Sul no Índice Firjan são de fora da mesorregião, sendo Costa Rica 0,8506 (92º no Brasil) e Três Lagoas 0,8494 (96º no Brasil) (FIRJAN, 2016).

Compreendemos que a Geografia deve ser feita com um olhar crítico, analisando uma quantidade de variáveis que permitam uma visão holística do território, desse modo a análise não pode ficar somente focada ao nível urbano, uma vez que cidade e campo estão ligadas e de certo modo atualmente não é possível compreender o todo sem uma análise conjunta desses elementos.

Desse modo é pertinente uma análise das principais atividades que ocorrem no campo, na mesorregião, ao passo que muitas das indústrias estão ligadas diretamente ao campo, pois como já analisado, a mesorregião apresenta muitas indústrias que dependem de atividades agrícolas, sejam elas a produção leiteira, canavieira, soja ou mesmo criação de animais para abate.

Tabela 8 - Rebanho bovino e produção leiteira mesorregião Centro-Norte de MS.

Município	Bovinos	Produção de Leite mil litros
Alcinópolis	342.980	3.590
Bandeirantes	231.140	16.016
Camapuã	579.699	13.063
Campo Grande	548.665	20.770
Corguinho	210.691	6.757
Coxim	518.516	4.418
Figueirão	222.048	5.860
Jaraguari	182.442	11.230
Pedro Gomes	293.865	2.538
Rio Negro	125.648	4.729
Rio Verde de Mato Grosso	557.741	7.321
Rochedo	146.623	8.387
São Gabriel do Oeste	218.469	10.541
Sidrolândia	283.661	13.053
Sonora	143.440	1.060
Terenos	274.324	9.883

Fonte: SEMADE, 2016.

Todavia, ao cruzarmos as informações em relação ao total de rebanhos (cabeças), da agricultura, com o total de indústrias, é possível correlacionar a principal atividade econômica das cidades, uma vez que os dados evidenciam que as cidades que constituem a mesorregião em estudo, tem as atividades agrícolas como base econômica.

Nesse sentido, com base nos dados da Tabela 8, se observa que pecuária é relevante pelo total de cabeça de bovinos contabilizam na mesorregião, além disso, também será analisado o papel da produção leiteira nesse contexto.

Nota-se que o número de cabeças de gado presente na mesorregião, ao passo em que alguns municípios se destacam em relação à pecuária, como Coxim, Camapuã, Rio Verde de Mato Grosso, além disso, os municípios como Bandeirantes, Jaraguari tem produção leiteira anual relevante, além é de Campo Grande, que tem atividade de fundamental importância relacionada a criação de bovinos: o abate de gados, principalmente pelo grupo JBS. É de grande valia a compreensão que os municípios da mesorregião apresentam contingentes de rebanhos bovinos com números superiores a 100 mil cabeças, evidenciando que a cultura mineira da pecuária ainda se faz muito presente no território, além de grande parte da produção leiteira estar em Campo Grande ou próximo dela devido a proximidade de mercado consumidor.

Tabela 9 - Principais produtos agrícolas na Mesorregião Centro-Norte (2014)

Municípios	Total produzido (t)
	Soja
Sidrolândia	511.128
São Gabriel do Oeste	417.600
Sonora	202.950
Bandeirantes	135.000
Campo Grande	74.784
	Milho
Sidrolândia	799.440
São Gabriel do Oeste	520.100
Campo Grande	108.300
Sonora	105.300
Bandeirantes	87.000
	Cana de Açúcar
Sonora	1.024.687
Sidrolândia	687.637
Campo Grande	90.310
Figueirão	4.888
Corguinho	1.000
Rochedo	1.000

Fonte: SEMADE, 2016.

A produção agrícola é em sua grande parte constituída de milho e soja, destinada para a exportação, visto que são os principais produtos cultivados na Mesorregião, visto que são commodities que tem valor significativo no mercado e movem a agricultura brasileira, colaborando com importante parcela do PIB

brasileiro, no que diz respeito ao primeiro setor. A Tabela 9 mostra os principais produtos agrícolas da mesorregião Centro-Norte de MS.

Quando se trata de produção agrícola, Sidrolândia, Sonora e São Gabriel do Oeste se destacam por seu potencial produtivo, uma vez que a produção se concentra nestes municípios, mudando apenas a matriz de produção. São Gabriel do Oeste se destaca com soja e milho, porém com notáveis dados em relação a produção Sidrolândia se mostra como maior produtora em diversos produtos, mas se destaca o volume de toneladas produzidas de soja e milho, e ainda grande produção de cana de açúcar que reflete com a presença de usinas de álcool, assim como Sonora, que tem uma produção de cana notável, tanto é que em 2014 ultrapassou 1 milhão de toneladas (SEMADE, 2016).

Essa análise demonstra que a mesorregião tem um potencial muito grande para o setor primário da economia, porém de forma muito concentrada em poucos municípios, ao passo em que a nível de indústria podemos citar São Gabriel do Oeste e Sidrolândia também, além de Campo Grande que monopoliza totalmente o setor de serviços.

Salienta-se que não importa a dimensão da cidade, mas sim a sua conexão com determinados nós, de uma maneira que se não integrar ficará à margem do sistema capitalista (CASTELLS, 2011). Nesse sentido, é relevante o potencial que uma articulação tem. Campo Grande tem uma ligação direta com a metrópole global São Paulo e isso permite tomada de decisões e uma gestão melhor, ao passo em que lhe garante uma gama maior de serviços e oferta de bens.

As cidades menores suprem suas necessidades em Campo Grande, porém isto não as impede de fazerem parte de outras redes urbanas, pois hoje o mundo é ditado pelas articulações. Desta forma, o Quadro 3 mostra como ocorrem algumas dessas articulações com outros países, principalmente no que tange às exportações, cujas articulações se dão graças ao advento das redes informacionais, que ditam a característica imaterial da rede urbana.

A Figura 19 apresenta um mapa com as exportações de Campo Grande, no qual se percebe como a cidade tem uma comunicação imaterial reticular com o mundo, embora as exportações não sejam um sinônimo de influência, ela pode representar articulação com o comércio mundial, e nesse caso, Campo Grande novamente apresenta um número maior de ligações, do que as cidades da sua mesorregião.

Um detalhe interessante é como Sidrolândia exporta para aproximadamente a mesma quantidade de países, porém a intensidade dos fluxos partindo de Campo Grande são maiores, mais de 300 milhões de dólares, contra pouco mais de 95 milhões de dólares. As exportações de Sidrolândia são notadas na Figura 20. Ademais, as figuras não estão com fluxos mais largos representando a quantidade maior ou menor de circulação, ambas estão apenas a cargo ilustrativo, para melhor espacialização e compreensão do alcance das exportações e integração ao comércio mundial.

É importante destacar que uma análise do relatório de exportações e importações do ano de 2015 dos municípios da mesorregião permite compreender que a grande maioria em que consta nos bancos de dados apresentaram um saldo positivo no que diz a respeito do saldo exportações x importações, mostrando que a mesorregião, assim como todo o estado de Mato Grosso do Sul tem um potencial econômico significativo.

Sidrolândia (US\$ 62,59 milhões), São Gabriel do Oeste (US\$ 55,25 milhões) e Campo Grande (US\$ 34,21 US\$ milhões) são os municípios que apresentaram a melhor arrecadação, porém é interessante analisar que destes, Sidrolândia apresenta um índice Firjan entre um dos piores da mesorregião, o que mostra que grande parte da riqueza providenciada pelas atividades agrícolas e industriais não são efetivamente bem distribuídas. Aqui vale um dado importante: o município do estado de Mato Grosso do Sul que mais teve saldo favorável entre exportações e importações foi Três Lagoas com US\$ 603,06 milhões.

Entre os principais produtos exportados por Campo Grande se destacam carnes bovinas frescas (12%) e congeladas (45%), peles e couros curtidos (15%) o que mostra um aproveitamento do gado em todo, resíduos sólidos de óleo de soja, bem como a soja triturada. Sendo os principais parceiros a China (13%), Hong Kong (13%), Chile (11%), Rússia (10%), Itália (7,2%), o que demonstra um grande relacionamento com vários continentes e parceiros que estão em crescimento comercial, como China e Hong Kong.

Já Sidrolândia apresenta como principal produto para a exportação carnes e miudezas, as quais compõem 88% de toda a exportação, evidenciando grande participação das indústrias alimentícias e uma íntima relação cidade-campo. Outras atividades significativas são Soja e milho. E os principais parceiros são China com incríveis 40%, Japão e Cingapura.

São Gabriel do Oeste é extremamente dependente da Soja, pois 71% de suas exportações foram relativas a soja, e 27% referentes ao milho, com os principais parceiros sendo a China com 61% de todo o volume exportado.

Quadro 3 - Principais exportações e destinos de municípios da mesorregião Centro-Norte de MS.

Exportações 2015 US\$		Destinos	Principais produtos
Bandeirantes	827.217	Guatemala, Colômbia, México e Paraguai	Sementes, frutos e esporos para sementeira, Milho
Campo Grande	320.348.486	Hong Kong, China, Chile, Rússia, Itália, Egito, Paraguai, Países Baixos, Vietnã, Indonésia, Venezuela, Irã, Emirados Árabes Unidos, Taiwan (Formosa), Suécia, Espanha, França, Palestina, Líbano, Bolívia, Malásia, Argélia, Tailândia, Alemanha, Peru, Coreia do Sul, Azerbaijão, Índia, Arábia Saudita	Carne bovina congelada, couros e peles curtidos, carnes bovinas frescas ou refrigeradas, tortas e outros resíduos da extração do óleo de soja, soja triturada, rações animais, entre outros.
Camapuã	3.556.590	China, República Dominicana, Colômbia, Guatemala, Venezuela, Paraguai, Tailândia, Equador, Taiwan (Formosa), Panamá	Soja triturada, sementes, frutos para sementeira, máquinas e aparelhos de uso agrícola, para preparação do solo
Coxim	2.525.712	Hong Kong	Tripas, bexigas e estômagos de animais, exceto peixes, inteiros ou em pedaços, frescos, refrigerados, congelados, salgados, secos ou defumados
Pedro Gomes	5.925.683	China, Vietnã, Irã, Egito, Japão, Indonésia, Malásia, Países Baixos, Taiwan (Formosa), Coreia do Sul, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita	Milho, soja triturada
São Gabriel do Oeste	90.226.467	China, Taiwan (Formosa), Egito, Irã, Japão, Vietnã, Coreia do Sul, Tailândia, Países Baixos, Marrocos, Malásia, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, África do Sul, Indonésia, Peru, Romênia, Filipinas, Bolívia, Espanha, Turquia, Itália, Kuwait, Israel, Grécia	Soja triturada, milho máquinas de uso agrícola, algodão não cardado nem penteado
Sidrolândia	95.329.087	China, Japão, Cingapura, Países Baixos, Líbia, Taiwan (Formosa), Rússia, Espanha, Coreia do Sul, Jordânia, Bélgica, Malásia, Alemanha, Hong Kong, Macedônia, Arábia Saudita, Vietnã, Emirados Árabes Unidos, Paquistão, Filipinas, Irã, África do Sul, Gana, Albânia, Suíça, Antilhas, Moçambique, Chipre, Armênia, Itália.	Carnes, miudezas congeladas ou refrigeradas de aves, milho, soja triturada, produtos de origem animal, bordados, preparações em conserva
Sonora	20.485.049	China, Vietnã, Filipinas, Coreia do Sul, Tailândia, Malásia, Espanha, Japão, Arábia Saudita, Taiwan (Formosa)	Soja triturada, Milho
Terenos	18.475	Paraguai	Obras de gesso, composições a base de gesso

Fonte. MDIC, 2016

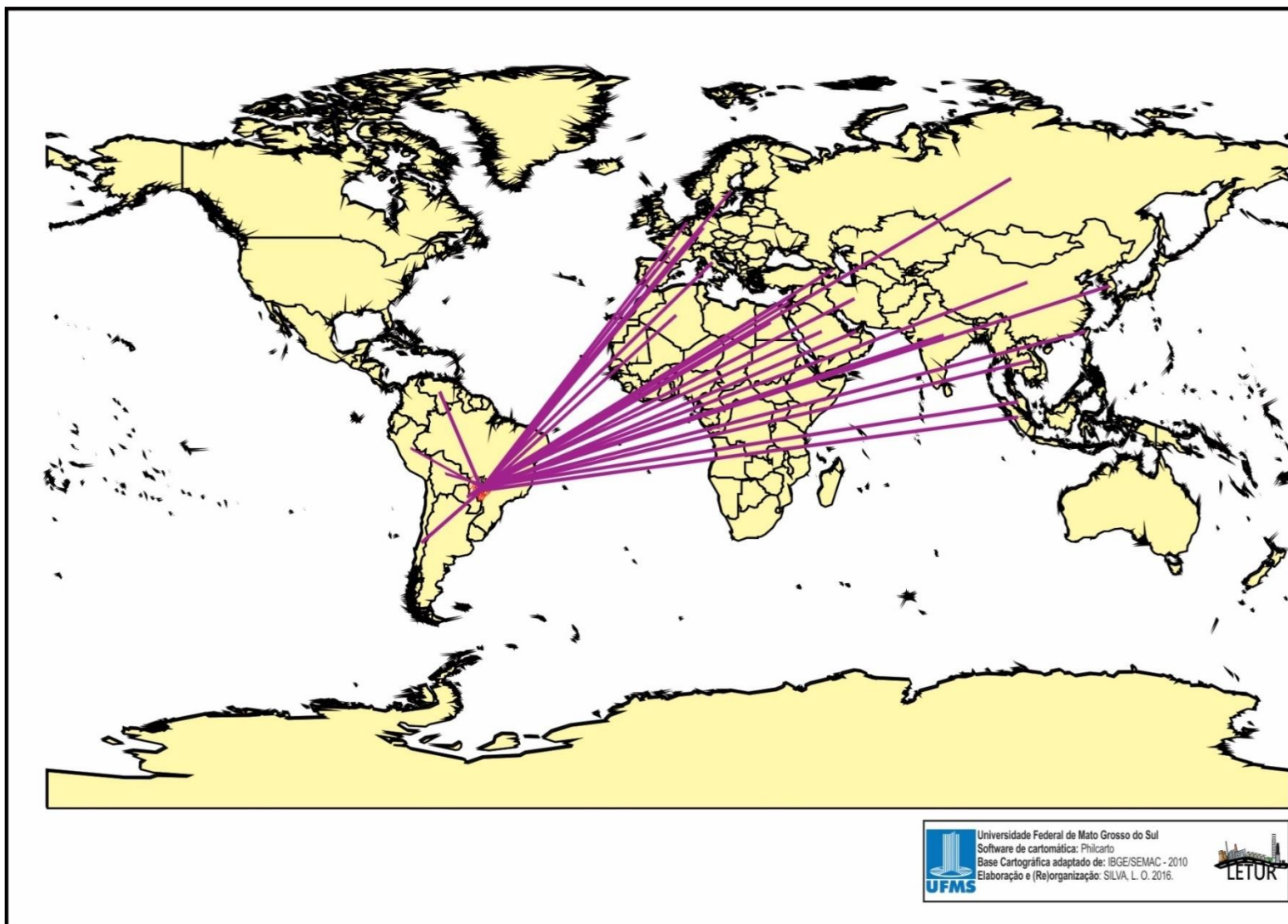


Figura 19 - Exportações de Campo Grande.
Fonte: MDIC, 2016.

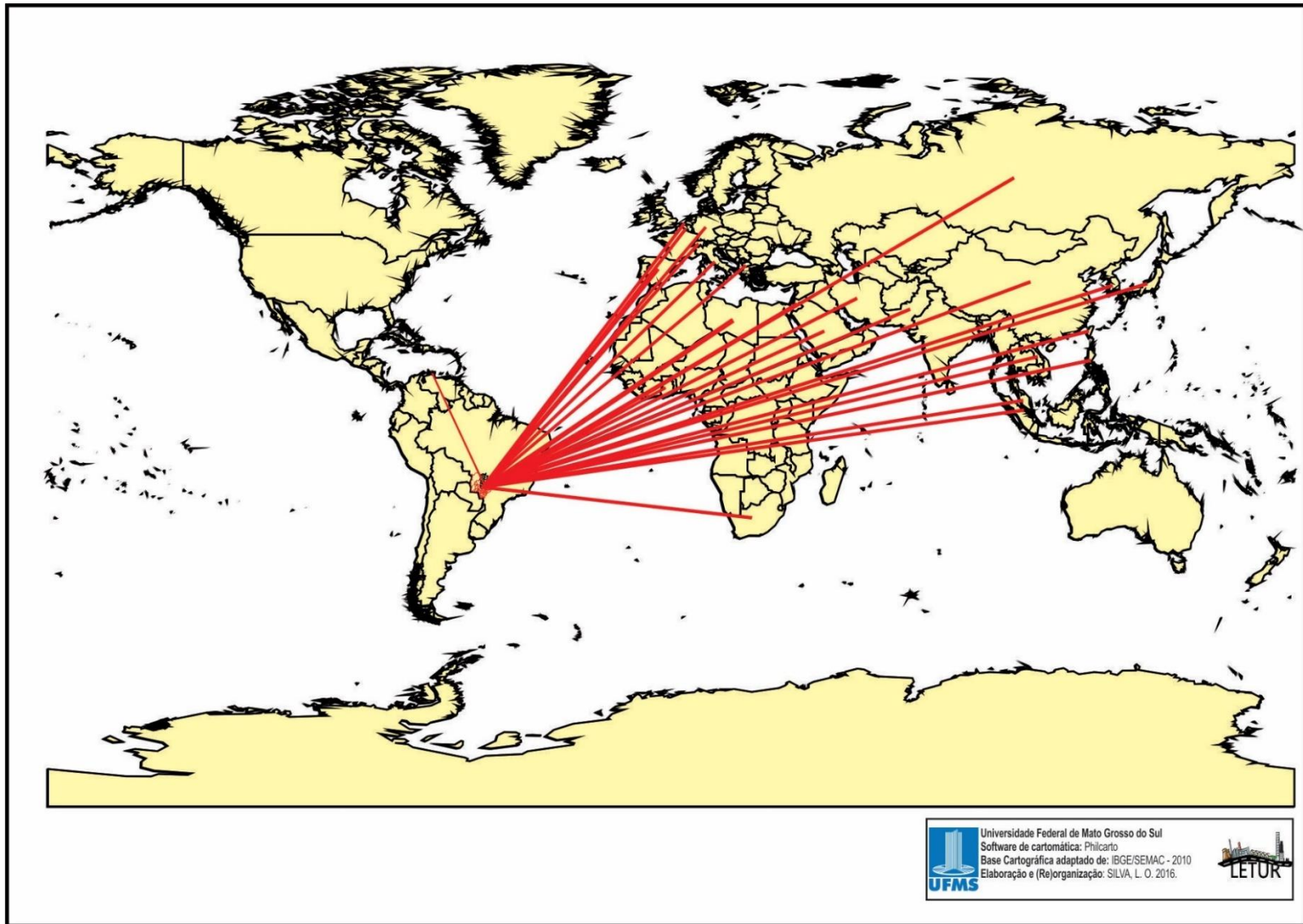


Figura 20 - Exportações de Sidrolândia.
Fonte: MDIC, 2016.

3.3. O papel dos serviços essenciais na rede urbana: saúde e educação

Serviços de saúde e de educação são importantes em nossa análise, pois permitem revelar de forma mais qualitativa o alcance espacial de uma rede urbana, ao passo que devido aos graus de especialidades que podem ser encontrados em diferentes unidades de saúde, com serviços mais complexos em cidades maiores, pois sem sustentam pela demanda, ou mesmo pela quantidade de instituições de ensino, além de seus graus de especialização como tecnólogo, ensino superior, pós-graduação.

A Tabela 11 mostra um panorama dos equipamentos de saúde dispersos na mesorregião Centro-Norte, que revela a grande atratividade que Campo Grande exerce por apresentar maior diversidade de serviços, ditos serviços mais especializados.

A saúde é um serviço vital e embora a mesorregião tenha apresentado algumas cidades com índices qualitativos considerados altos ainda há muito o que mudar, de modo que principalmente no que diz respeito a distribuição dos serviços, os quais que por se concentrarem em cidades como Campo Grande e Coxim, o que evidenciam que são cidades que exercem centralidade a nível de serviços de saúde, isso acarreta em problemas muitas vezes como problemas de inchaço nos serviços, e constantes atrasos em consultas. Um detalhe importante a ser ressaltado é a presença de cursos de formação para profissionais de saúde, principalmente o curso de medicina da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, do campus Campo Grande, o qual conta com o hospital universitário, mas que ainda assim não resolve por total todos os problemas.

O dado mais crítico é sem dúvidas o dado apresentado na tabela 10, que sem dúvidas preocupa, pois mostra dados referentes a quantidade de leitos por habitantes. E se pensando que o recomendado pela OMS - Organização Mundial da Saúde é de 5 leitos para cada 1.000 habitantes, a situação se torna preocupante, pois nenhum dos municípios da mesorregião conseguem atingir a meta recomendada pela OMS. Sendo que há municípios sem leitos, necessitando de ir a outras cidades para internação. Outro detalhe alarmante é a média de leitos para a mesorregião: 1,7 para SUS e 2,7 para totais.

Tabela 10 - Disponibilidade de leitos na mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul

Localidade	Ano	Leitos Existentes	Leitos - SUS	Leitos - Não SUS	Hospital Geral	UBS	Pop. 2015	Leitos/1000 Hab. SUS	Leitos /1000 hab. Totais
Alcinópolis	2015	0	0	0	0	3	5.038	0,0	0,0
Bandeirantes	2015	12	12	0	0	3	6.771	1,8	1,8
Camapuã	2015	18	15	3	1	7	13.731	1,1	1,3
Campo Grande	2015	2.607	1.628	979	14	63	853.622	1,9	3,1
Corguinho	2015	6	6	0	0	2	5.513	1,1	1,1
Coxim	2015	93	65	28	2	6	33.139	2,0	2,8
Figueirão	2015	13	13	0	1	1	3.012	4,3	4,3
Jaraguari	2015	0	0	0	0	2	6.860	0,0	0,0
Pedro Gomes	2015	8	8	0	1	3	7.794	1,0	1,0
Rio Negro	2015	22	8	14	1	3	4.910	1,6	4,5
Rio Verde de Mato Grosso	2015	29	29	0	1	9	19.462	1,5	1,5
Rochedo	2015	8	8	0	0	1	5.252	1,5	1,5
São Gabriel do Oeste	2015	58	34	24	2	13	24.982	1,4	2,3
Sidrolândia	2015	44	32	12	1	12	51.355	0,6	0,9
Sonora	2015	22	10	12	1	4	17.483	0,6	1,3
Terenos	2015	0	0	0	0	6	19.914	0,0	0,0
Centro Norte de MS	2015	2.940	1.868	1.072	25	138	1.078.838	1,7	2,7

Fonte: SEMADE, 2016.

Tabela 11 - Distribuição de serviços de saúde na mesorregião Centro-Norte de MS.

Localidade	Posto de Saúde	Leitos Existentes	Policlínicas	Leitos - SUS	Unidade de Vigilância Sanitária	Leito Não SUS	Unidade de Apoio Diagnose e Terapia	Pronto Socorro Geral /Esp.	Consultório Isolado	Clínica Esp./ Ambulatório de Especialidade	Hosp. Geral	Hospital Esp. /Isolado	Centro de Saúde/Unidade Básica
Alcinópolis	-*	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	3
Bandeirantes	1	12	-	12	-	-	-	-	2	1	-	-	3
Camapuã	-	18	-	15	-	3	3	-	9	2	1	-	7
Campo Grande	-	2.607	81	1.628	-	979	114	3	898	109	14	11	63
Corguinho	1	6	-	6	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Coxim	-	93	-	65	-	28	7	-	25	8	2	-	6
Figueirão	-	13	-	13	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Jaraguari	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2
Pedro Gomes	-	8	-	8	1	-	-	-	6	1	1	-	3
Rio Negro	-	22	-	8	-	14	1	-	2	1	1	-	3
Rio Verde de Mato Grosso	-	29	-	29	-	-	6	-	10	-	1	-	9
Rochedo	-	8	2	8	-	-	-	-	1	-	-	-	1
São Gabriel do Oeste	-	58	-	34	-	24	4	-	15	3	2	-	13
Sidrolândia	2	44	-	32	1	12	4	-	16	4	1	-	12
Sonora	1	22	-	10	-	12	4	-	1	2	1	-	4
Terenos	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	6

Fonte: SEMADE, 2016.

* (-) Dados inexistentes.

Em relação a educação, outro serviço vital e que pela disposição dos equipamentos e instituições consegue mostrar certa centralidade. Pois o número de escolas municipais tende a ser maior, e observando a hierarquia o número de estaduais tende a ser menor e em apenas lugares com mais demanda é que encontraremos escolas federais, que são os Institutos Federais, encontrados apenas nas cidades de Campo Grande e Coxim, elencando que são cidades que conseguem lidar com uma demanda maior e naturalmente como já observamos ao longo deste trabalho são as duas principais cidades que exercem maior polarização. Campo Grande na microrregião de Campo Grande e Coxim na microrregião do Alto Taquari.

Desse modo vislumbra-se a polarização e a relação direta entre o número de habitantes e a centralidade exercida pela esfera escolar estadual ou federal, pois escolas estaduais também requerem uma demanda maior para se manterem. Assim a Tabela 12 elenca o quantitativo das escolas que compõem o nível básico da mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul mostra a demanda que Campo Grande e Coxim exercem no aspecto de centralizarem o nível básico nas esferas mais hierárquicas, como nível estadual e Institutos Federais.

Tabela 12 - Escolas de nível básico Mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul

Escolas municipais, estaduais e federais 2014				
Localidade	Municipal	Estadual	Federal	Total
Alcinópolis	3	1	0	5
Bandeirantes	6	2	0	9
Camapuã	9	5	0	18
Campo Grande	195	89	2	456
Corguinho	4	1	0	6
Coxim	12	6	1	23
Figueirão	2	1	0	3
Jaraguari	5	2	0	7
Pedro Gomes	5	2	0	8
Rio Negro	3	1	0	5
Rio Verde de Mato Grosso	9	2	0	15
Rochedo	5	1	0	6
São Gabriel do Oeste	10	4	0	19
Sidrolândia	21	5	0	32
Sonora	8	1	0	13
Terenos	10	3	0	14
Total	307	126	3	639

Fonte: SEMADE, 2016.

Quanto à variável educação superior salienta-se que Fernando César Dias (2015) realizou uma pesquisa que mostra a rede estabelecida pelos estabelecimentos de ensino em Mato Grosso do Sul, tendo em base a relação da atividade econômica principal de certas localidades com a demanda técnica e de nível superior para a formação de profissionais dessas áreas. Dias (2016) trabalhou, e elencou que as unidades de ensino presenciais e a distância situadas em Campo Grande e a expansão de grupos de ensino, cujas matrizes se encontram em outras regiões.

Deste modo Campo Grande é a grande polarizadora da mesorregião Centro-Norte, não só dela, mas como também do estado inteiro, de modo que:

No caso, quando se discute os dados, a dinâmica territorial do ensino superior em Mato Grosso do Sul se consubstancia então pelas quatro principais cidades que se destacam no contexto regional, dos 253 cursos superiores (presenciais e à distância), 108 cursos técnicos e das 65 instituições (presenciais e à distância) e 20 instituições técnicas: Campo Grande – considerada como *área core* do Estado, por ser a capital – detém 85% dos cursos presenciais e à distância e 49% das instituições presenciais e à distância (DIAS, 2016, p. 68). Grifo do autor.

Dias (2016) elenca que Campo Grande além de polarizar totalmente o nível superior, polariza também o nível técnico, pois oferta 108 cursos de nível técnico de 19 instituições de ensino diferentes, englobando as 4 instituições o Sistema S em sua variedade de cursos, promovendo formação voltada para as atividades econômicas das cidades onde estão instaladas. Em Campo Grande o leque de opções é variado, mas algumas formações são destaques como Açúcar e Alcool, Técnico em Enfermagem, Técnico em Logística, Técnico em Eletrotécnica.

Para completar sua centralidade, Campo Grande oferece 97 cursos diferentes, em 24 polos de educação (DIAS, 2016), exercendo sua influência de cidade de ligação ao receber por um processo de dispersão do ensino superior ao conter 20 instituições originárias de outros estados como pode ser observado na Figura 22, e 4 instituições originais do estado de Mato Grosso.

Tabela 13 - Hierarquia dos cursos superiores e técnicos mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul

Oferta de Cursos superiores e técnicos Mesorregião Centro Norte de Mato Grosso do Sul		
Cidades	Ofertas de cursos Superior	Ofertas de cursos Técnicos
Campo Grande	222	108
Coxim	40	11
São Gabriel do Oeste	36	2
Sidrolândia	34	6
Rio Verde de Mato Grosso	31	9
Corguinho	20	0
Camapuã	15	0
Sonora	13	2
Bandeirantes	3	0
Alcinópolis	0	0
Figueirão	0	0
Jaraguari	0	0
Pedro Gomes	0	0
Rio Negro	0	0
Rochedo	0	0
Terenos	0	0

Fonte: DIAS, F. C. 2016. Org. SILVA, L. O., 2016.

Campo Grande embora por vezes tenha sido ultrapassada pelo forte crescimento industrial que ocorreu em Três Lagoas (MILANI, 2012), ainda conserva consigo características de cidade primaz, por ofertar uma gama de serviços especializados e que outras cidades não ofertam pela demanda. É importante ressaltar que dentro da mesorregião Centro-Norte Campo Grande indiscutivelmente é a cidade polarizadora, mas estamos observando um processo em que novas cidades almejam entrar nessa dinâmica reticular em que o nó é Campo Grande.

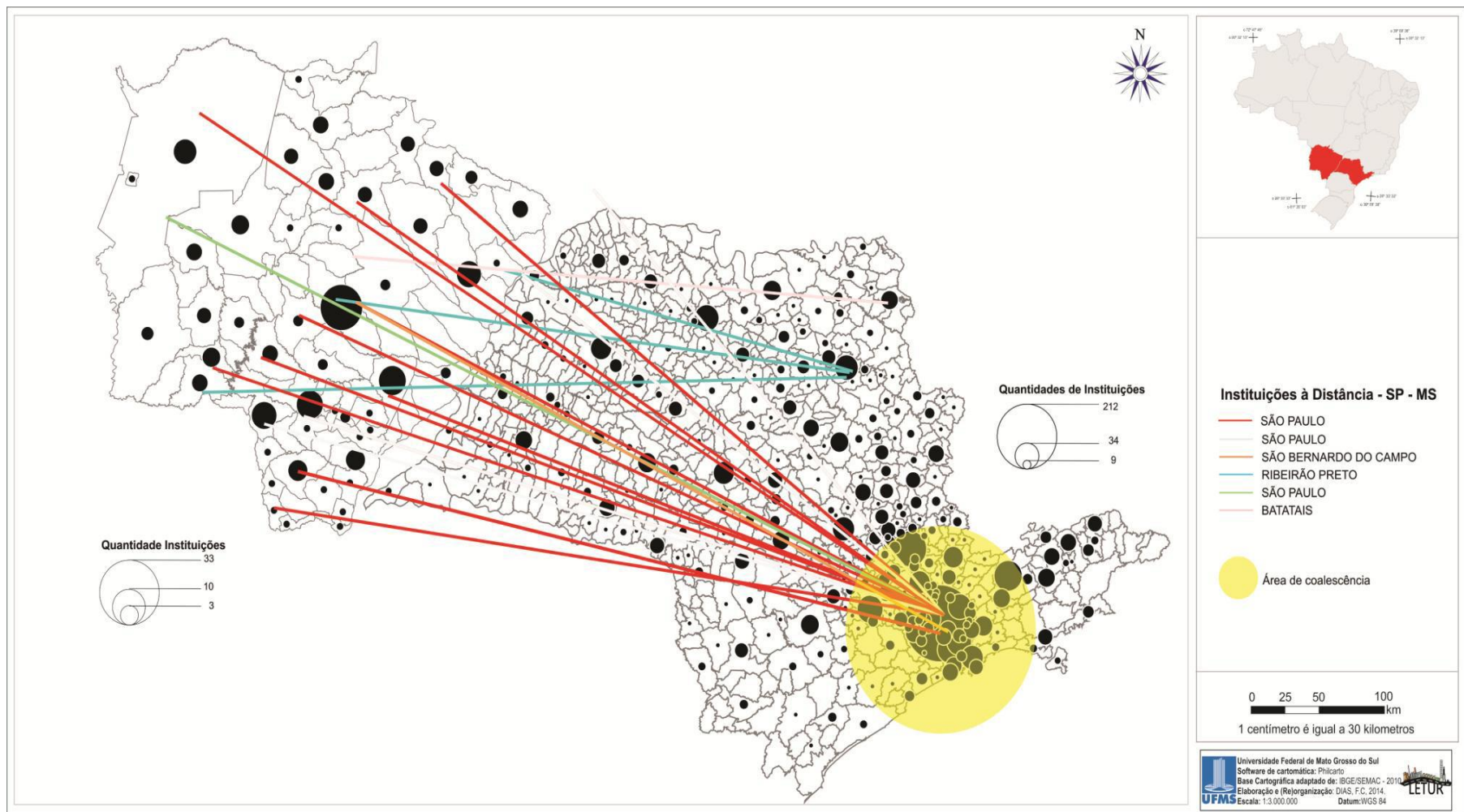


Figura 21 - Dispersão dos cursos à distância no estado de Mato Grosso do Sul.

Fonte: DIAS, F. C. 2016.

Ao observarmos o alcance espacial da rede urbana de Campo Grande entendemos a sua importância, principalmente por estar em um ponto chave no meio do estado e circundada de rodovias, que permitem superar as distâncias consideráveis as cidades em que é polarizadora. É válido aqui uma análise acerca do potencial centralizador de Campo Grande a partir das distâncias, como pode ser observado na Figura 23, pois por ser um estado recente, Mato Grosso do Sul é um estado em que as cidades possuem área municipal ainda grande, quando por exemplo, comparado a São Paulo, porém Campo Grande se mostra primaz por ter em sua área elementos que permitem superar essa distância e alcançar centros nacionais importantes, pois dispõe de infraestrutura e demanda que torna possível essa comunicação.

Quadro 4 - Distâncias rodoviárias entre os municípios da mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul

Distâncias Rodoviárias entre as cidades da mesorregião Centro-Norte de MS															
Alcinópolis															
318	Bandeirantes														
274	069	Camapuã													
392	074	143	Campo Grande												
306	096	165	097	Corguinho											
126	192	207	266	195	Coxim										
152	191	122	265	287	278	Figueirão									
346	028	097	046	074	220	219	Jaraguari								
187	253	268	327	247	061	339	281	Pedro Gomes							
253	115	154	150	053	142	276	167	203	Rio Negro						
182	136	151	210	130	056	319	256	117	086	Rio Verde de MT					
321	081	150	082	015	210	372	059	262	068	154	Rochedo				
243	075	090	149	117	117	212	103	178	064	061	132	São Gabriel do Oeste			
460	142	211	068	165	334	333	114	395	218	278	150	217	Sidrolândia		
246	312	327	386	306	120	398	340	089	262	176	330	237	373	Sonora	
423	105	174	031	128	297	296	077	358	181	241	113	180	082	417	Terenos

Fonte: DNIT, 2017. Org. SILVA, L. O. 2017.

Ao ser preparada para ser centro de gestão, Campo Grande dispõe de importantes cruzamentos com rodovias como o entroncamento das BRs 262 e 163, BR-060, MS-080, MS-010, MS-455, o que permite fluidez para escoamento de produção, cuja atração de indústrias para Campo Grande se revela em partes pela

gama de investimentos de modo histórico e sua localização logística que permite acesso a diversos lugares.

Destarte, em relação ao transporte rodoviário, merece destaque o Terminal Rodoviário Antônio Mendes Canale, inaugurado em 2010 e administrado pela SOCICAM (SOCICAM, 2017) que foi projetado para ter características sustentáveis, como iluminação e ventilação que traduzem em um consumo menor, além de ter um espaço para informações e alimentação e comércio, 25 plataformas de embarque e desembarque e 38 guichês para venda de passagens, que vão desde a Asunción PY, até as diversas regiões do Brasil, evidenciando um grande alcance espacial.

Aliado a esse aspecto a cidade tem a importância de um aeroporto, que permite construir nós e ampliar o seu alcance, de modo que o Aeroporto Internacional de Campo Grande - Antônio João, desde 1975 administrado pela Infraero (INFRAERO, 2017) com pista de 2.500 metros, capacidade de 1.6 milhão de passageiros ao ano com as Empresas Azul, Gol, Tam, Avianca e amasZonas, com voos para São Paulo, Brasília, Goiânia, Guarulhos, Porto Alegre entre outras cidades é um importante elementos que evidencia o papel de Campo Grande como cidade nó de rede, além de média:

[...] As cidades médias constituem nós da rede urbana e servem a sua área de influência como pontos de prestação de serviços em escala regional. Seu tamanho populacional e área de atuação variam segundo características geográficas das regiões onde estão inseridas (CASTELO BRANCO, 2007, p. 90).

Desse modo, acreditamos que a influência de Campo Grande se estende para além da mesorregião, de forma que tem um alcance muito significativo a nível estadual por comandar a rede urbana, bem como por ser elo de ligação para a rede urbana nacional, diretamente com São Paulo evidenciando seu papel como nó de rede, como um centro efetivamente polarizador e dinâmico como pode ser observado na Figura 22 em que é mostrado uma evolução da hierarquia urbana ao passo em que Campo Grande polariza muito mais do que apenas as cidades da mesorregião, mas sim outras cidades por vezes distantes.

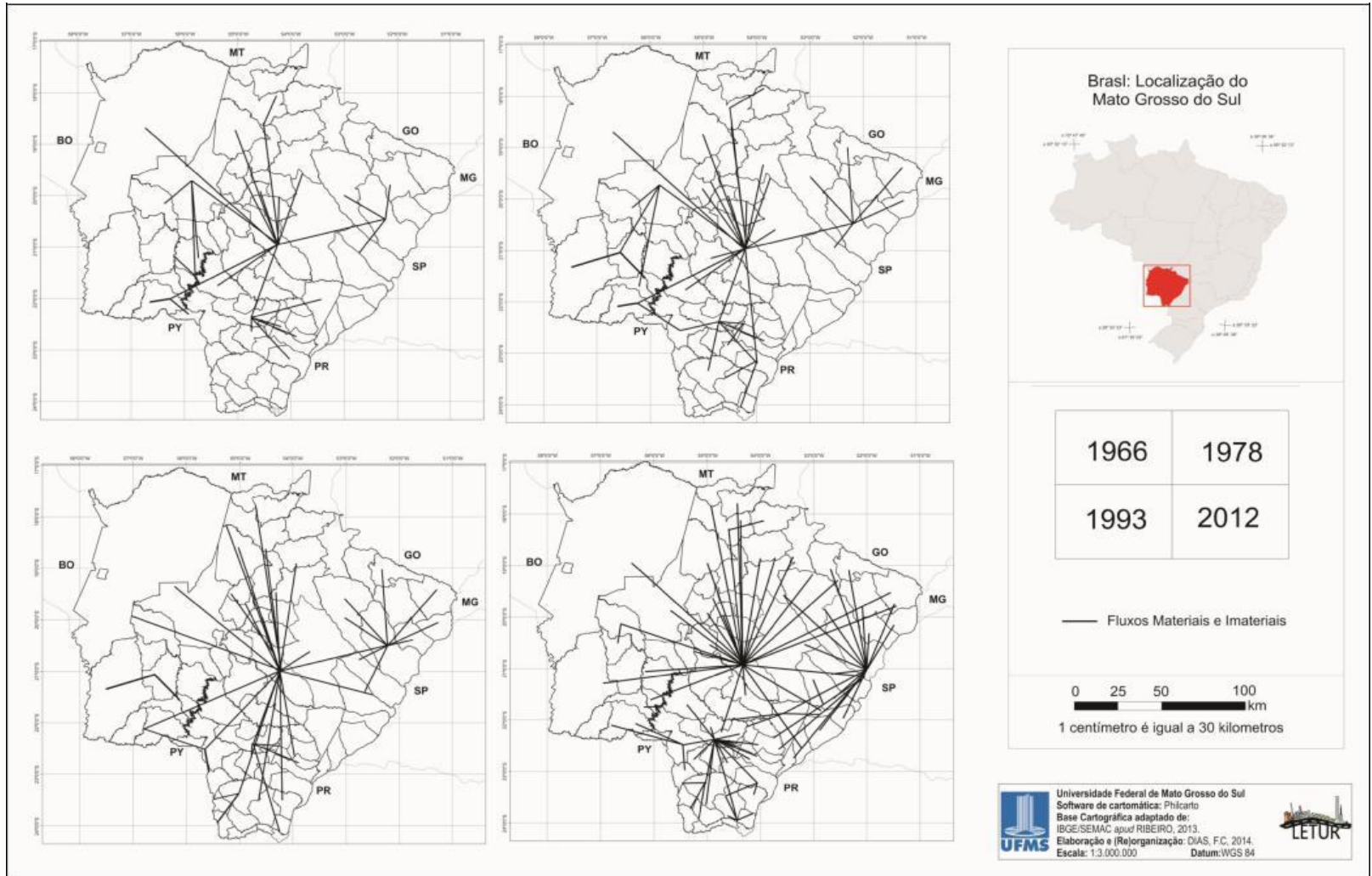


Figura 22 - Hierarquia urbana REGIC.

Fonte: MILANI, 2012; DIAS, F. C., 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É papel da Geografia buscar e propiciar uma abordagem que nos faça compreender o espaço geográfico atual, com vistas a revelar como esse espaço urbano foi sendo criado e modificado ao longo do tempo. Dessa forma, se torna vital uma compreensão acerca de processos históricos que ocorrem, bem como as diferentes apropriações dos espaços.

Campo Grande, a capital do estado de Mato Grosso do Sul (desde 1977), é uma cidade que movimenta inúmeros e volumosos serviços, tem ampla diversificação no que diz respeito a comércio e serviços, movimenta valores consideráveis de importações e exportações, é servida por entroncamentos importantes de rodovias federais e estaduais. Porém onde começou tudo isso? Quais são as causas de todo esse dinamismo e fluidez que ocorre dentro do espaço campo-grandense?

A pesquisa revelou que Campo Grande é forte e consolidada, porque foi preparada para isso. A cidade nasceu com aspirações para ser grande, com aspirações para crescer, tendo em vista a sua capacidade locacional, que na segunda metade do século XIX surgiu como um vilarejo em um local importante, do ponto de vista locacional. Localizada em lugar de importantes rotas pecuárias, de modo que permitiu ainda mais que a influência do Triângulo Mineiro, local de onde partiram os fundadores e primeiros habitantes, que se assentaram na região.

Como permitia a comercialização pela pecuária, significava um local de comunicação entre as bacias do Paraguai e Bacia do Paraná a cidade não tardou a crescer, de modo que ela soube crescer, soube aproveitar seus momentos.

Lamentavelmente, esse crescimento gerou atração e uma ocupação a partir da década de 1960 e ocorreu de forma dispersa, caótica, pois a cidade crescia demograficamente em ritmo vertiginoso, ao passo que apresentava quadros graves de inchaço urbano, pela falta de moradias adequadas e um sistema de planejamento eficiente.

A consolidação de seu preparo para ser grande foi coroada com seu papel político, sendo desempenhado a partir de 1979, quando se tornou de fato a capital, do recém criado estado de Mato Grosso do Sul.

O território tem dessas faces, sendo um misto de elementos que se inter-relacionam, provendo sua multiescalaridade e sua dinâmica. O território é categoria

ímpar na Geografia, e entender o seu ordenamento é de grande valia, não só para o Geógrafo, mas para toda a sociedade por permitir um melhor gerenciamento e intervenções sempre que se façam necessárias.

O território é composto de diversas escalas e atores, sendo portando uma junção de interesses, os quais pendem para o lado mais forte. Desse modo, ressaltamos que Campo Grande surgiu e foi preparada para se tornar uma cidade forte. Embora com mais de 100 anos não tenha uma economia, principalmente industrial tão forte como do Sudeste, ou tenha um dinamismo de novas áreas industriais como em Três Lagoas, é inegável a compreensão que diversas elites e atores convergiram para que a cidade de fato buscasse um rumo para que fosse forte.

A essa convergência de fatores e a divergência de outros em cidades diferentes fizeram com que Campo Grande ascendesse e se tornasse influente, constituindo como ponto importante de um conjunto de centros articulados, e mais que isso: se articular diretamente com a Metrópole Global de São Paulo.

Estudar a mesorregião Centro-Norte de Mato Grosso do Sul é indissociável de um estudo de Campo Grande, pois a cidade se faz presente na mesorregião por sua característica, ser uma gigante em meio a cidades pequenas.

Entender toda a história da cidade é entender como a cidade vai sendo o principal polo no contexto mesorregional e também estadual. Em termos de mesorregião o papel centralizador da cidade é muito significativo, sendo que por vezes divide com Coxim ou São Gabriel do Oeste algumas pequenas funções por causa apenas das grandes distâncias envolvidas. Doravante a isso, a cidade se posiciona de modo agressivo em relação às demais cidades, monopolizando grande parte da oferta de bens e serviços, além de concentrar cerca de 90% de toda a população da mesorregião e 32% da população do estado em somente uma cidade.

Isso sem constar as outras variáveis elencadas como o número de indústrias, a variedade de comércio, a possibilidade de comprar mercadorias mais específicas com menores preços, vindo a contribuir para enfraquecimento de cidades ao redor, ao passo que Campo Grande se consolida como cidade prestadora de serviços e contribui para que as pequenas cidades se consolidem como cidades dependentes da atividade agrícola, como em muitas que apresentam na agricultura e na pecuária sua arrecadação.

Em termos de prestação de serviços Campo Grande se apresenta muito à frente das demais cidades, pois a sua capacidade de englobar variados serviços é imensa, de modo que no aspecto de saúde e educação a cidade proporciona indicadores expressivos, como os mais capacitados e especializados hospitais. Muito embora a média de leitos por habitantes seja a terceira melhor da mesorregião, com aproximadamente 3 leitos por mil habitantes, muito abaixo da média da Organização Mundial da Saúde, que considera como ideal 5 leitos por mil habitantes, o que de fato mostra que a cidade apresenta significativos problemas urbanos. Dentre eles os mais graves, sendo que a falta de planejamento em algumas áreas é decorrente de seu processo histórico.

Porém quanto à educação a cidade congrega talvez a maior importância a nível estadual nos aspectos da oferta de cursos de nível superior, técnico e cursos a distância, sendo área core do estado em opções de cursos e faculdades. Evidenciando, portanto, o seu papel centralizador.

É evidente que problemas na mesorregião existem, e de fato não poderiam deixar de ser mencionados. Salienta-se a própria influência de Campo Grande a tal ponto, que caracteriza uma macrocefalia ao concentrar a grande maioria dos serviços, comércio e especialidades que existem a nível mesorregional ocasionando muitas desigualdades na distribuição de renda e um problema de estagnação das pequenas cidades para conseguir crescimentos significativos. Visto que muitas cidades possuem grandes arrecadações, porém dados qualitativos mostram que grande parte dessa arrecadação não é distribuída e alcançada por todos os habitantes.

Aliás, uma discussão ressalta-se para futuros trabalhos: o quanto a cidade ainda vai continuar crescendo? E de que forma: ordenada e planejada ou o PLANURB, importante órgão de planejamento urbano municipal ainda terá muitos problemas? Fato é que independente do que aconteça em relação ao futuro da cidade, é importante pensar sempre no planejamento, tendo em vista que projeções estipulam que a cidade a partir de 2027 romperá a barreira de 1 milhão de habitantes. Espaço para expandir existe, porém é preciso que esse espaço seja um melhor planejado, de modo que a cidade consiga crescer com base na equidade e no acesso democrático por parte de todos os munícipes a uma vida com maior qualidade de vida.

Fato é que Campo Grande congrega mais de 79% de toda a população da mesorregião Centro-Norte e desde modo apresenta o maior colégio eleitoral, o que acaba por decidir onde será ditado políticas e investimentos e muitas vezes acabando por ser a própria cidade de Campo Grande favorecida e por conseguinte expandindo ao passo que as outras cidades se expandem em um ritmo menor.

De modo a não concluir: a cidade apresenta um território que foi por atores construído e se mantém como consolidado no que tange aos serviços. A cidade experimentará crescimento no decorrer do futuro, porém é preciso destacar considerações sobre o crescimento de Campo Grande e sua capacidade para vir a se tornar Região Metropolitana, como se observa em especulações.

É evidente que a cidade tem potencial para congregar uma região metropolitana, existe uma população considerável como cidade core, porém é preciso que muito se modifique ao seu redor, principalmente nas pequenas cidades para que isso ocorra, pois um olhar crítico nos permite asseverar que embora Campo Grande apresente grande dinamismo, as cidades no seu entorno ainda se mostram sem articulação efetiva nos serviços, além de uma falta de integração e talvez o principal fator a ser considerado: não se percebe uma contiguidade e um processo de conurbação, o que dificultará esse processo.

Enfim, Campo Grande nasceu como aspirante a uma cidade importante e hoje se consolida como tal. A urbe é o grande centro gestor de políticas e diretrizes para as demais cidades, exercendo, de maneira por vezes macrocefálica, sua influência, a qual extrapola o limite mesorregional.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, A. M. V. de. **Raízes do planejamento urbano em Campo Grande e a criação do Planurb**. Campo Grande: PLANURB, 2012.

BECKER, B. K.; EGLER, C. A. G. **Brasil – uma nova potência regional na economia mundo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BELTRÃO-SPOSITO, M. E. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. Prefácio. In: SAQUET, M. SPÓSITO, E. (Org.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. Expressão Popular: São Paulo, 2008.

BESSA, Kelly. **A dinâmica da rede urbana no triângulo mineiro**: convergências e divergências entre Uberaba e Uberlândia. Uberlândia: Gráfica Composer, 2007.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura, v.1. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CASTELO BRANCO, Maria Luisa Gomes. Algumas considerações sobre a identificação de cidades médias. In: **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 89-112.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Rede urbana, reflexões, hipóteses e questionamentos sobre um tema negligenciado. **Cidades**: revista científica. Vol. 1, n. 1. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2004.

_____. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DIAS, F. C. **Instituições em rede**: o ensino técnico e superior na configuração territorial do estado de Mato Grosso do Sul. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia**: conceitos e tema. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

DAVIDOVICH, Fany R. Transformações do quadro urbano brasileiro: período 1970-80. **Revista Brasileira de Geografia** (4), pp. 7-24 outubro-dezembro de 1987.

FEE. **Fundação de Economia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.fee.rs.gov.br/servicos/atualizacao-valores/>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

FIRJAN. **Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM)**. Disponível em: <<http://www.firjan.com.br/ifdm/>>. Acesso em: 17 de dez. de 2016.

HAESBAERT, R. da C. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, M. SPÓSITO, E. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. Expressão Popular: São Paulo, 2008.

_____. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

_____. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2015.

IBGE. **Divisão regional do Brasil, em mesorregiões e microrregiões geográficas**. v. I. Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf> Acesso em: 10 maio de 2016.

_____. IBGE. **Regiões de influência das cidade 2007**. Rio de Janeiro, 2008.

INFRAERO. **Aeroporto Internacional de Campo Grande**. Disponível em: <<http://www4.infraero.gov.br/aeroportos/aeroporto-internacional-de-campo-grande/>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

LE BOURLEGAT, C. A. **Mato Grosso do Sul e Campo Grande: articulações espaço-temporais**. 2000. Tese de doutorado, UNESP.

MILANI, Patrícia Helena. **Dinâmica territorial da rede urbana na Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul**. 2012. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

OLIVEIRA, I. F. D. de. **A dinâmica territorial da rede urbana fronteiriça na Mesorregião do Pantanal Sul mato-grossense**. Monografia - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2013.

OLIVEIRA, T. C. M. de PAIXÃO, R. O.; YONAMINI, S. S. Mato Grosso do Sul: dinâmica urbano-regional do estado. In: PEREIRA, Rafael Henrique Moraes; FURTADO, Bernardo Alves (Org.) **Dinâmica urbano-regional: rede urbana e suas interfaces**. Brasília: Ipea, 2011

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Z. **Maior pacote de obras de André: “MS Forte” terá investimento de R\$ 3,6 bi**. Campo Grande, 2013. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/politica/maior-pacote-de-obras-de-andre-ms-forte-tera-investimento-de-rs-3-6-bi>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. SILVEIRA, M. L. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. SPÓSITO, E. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. Expressão Popular: São Paulo, 2008.

SEMADE/MS. Secretaria de Estado do Meio Ambiente, e Desenvolvimento Econômico de Mato Grosso do Sul. Dados Estatísticos de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <www.semade.ms.gov.br>. Acesso em: 10 abr. 2016

SOCICAM. **Terminal rodoviário CTRCG Antônio Mendes Canale**. Disponível em: <http://socicam.com.br/terminais/terminais_rodoviarios/ctrcg_-_antonio_mendes_canale>. Acesso em: 22 de jan. de 2017.

SOUZA, A. de O. **A estratégia dos distritos industriais como instrumento de desenvolvimento regional e a sua aplicabilidade em Mato Grosso do Sul 2002**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.

SOUZA, M. L de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SPOSITO, E. S. **Redes e cidades**, São Paulo: Editora UNESP, 2008.

WEINGÄRTNER, A. A. dos S. Histórico de Campo Grande. In: **Revista ARCA**, nº 5. 1995. Disponível em: <http://www.capital.ms.gov.br/arca/canaisTexto?id_can=3553>. Acesso em 16 jun. 2016.